



MEMÓRIA e ENSINO:

por entre (re)construções do Eu

Organizadores:

Gilson Pôrto Jr.

Sinomar Soares de Carvalho Silva



Observatório
Edições

Audiodescrição:

Capa do livro MEMÓRIA E ENSINO: por entre (re) construções do Eu. Organizadores: Gilson Pôrto Jr. e Sinomar Soares de Carvalho Silva. Publicado sob o selo Observatório Edições. Capa retangular vertical com fundo que retrata o cérebro humano em uma silhueta de cabeça, em tons pasteis, com pássaros ao fundo, em preto. No meio da página tem o título do livro, em duas linhas, centralizado, seguido pelo subtítulo, em uma linha. No rodapé, à direita, o logotipo da Observatório Edições; e à esquerda, o nome dos organizadores Gilson Pôrto Jr. e e Sinomar Soares de Carvalho Silva. Fim da audiodescrição.

Gilson Pôrto Jr.
Sinomar Soares de Carvalho Silva
(Org.)

MEMÓRIA E ENSINO: por entre (re) construções do Eu

Observatório Edições
2024

Diagramação/Projeto Gráfico: Gilson Pôrto Jr. /Sinomar Carvalho
Arte de capa: Adriano Alves.

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pelo Selo Observatório/OPAJE estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
M533
MEMÓRIA E ENSINO: por entre (re) construções do Eu [recurso eletrônico] / Organização: Gilson Pôrto Jr., Sinomar Soares de Carvalho Silva. -- Palmas, TO: Observatório Edições, 2024. 155 p.
Inclui bibliografia ISBN 978-65-981820-4-5
1. Memória. 2. Ensino. 3. Aprendizagem. I. Pôrto Jr., Gilson. II. Silva, Sinomar Soares de Carvalho.
CDD 378.1553 CDU 378.147 LCC LB1028
Marcelo Diniz – Bibliotecário – CRB 2/1533. Resolução CFB 184/2017.

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Observatório Edições e/ou do OPAJE/UFT. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais. Todos os textos foram avaliados por pares (duplo-cego).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

REITOR

Prof. Dr. Luís Eduardo Bovolato

Pró-Reitor de Graduação

Prof. Dr. Eduardo Cezari

VICE-REITOR

Prof. Dr. Marcelo Leinerker
Costa

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Dr. Raphael Sanzio Pimenta

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Prof. Dra. Maria Santana Ferreira dos Santos

Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE-UFT)

Dra. Erika da Silva Maciel

Dr. Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior

Dr. Fernando Rodrigues Peixoto Quaresma

Dr. José Lauro Martins

Dr. Nelson Russo de Moraes

Dr. Rodrigo Barbosa e Silva

Dra. Marli Terezinha Vieira

SELO EDITORIAL Observatório/OPAJE

CONSELHO EDITORIAL

PRESIDENTE

Prof. Dr. José Lauro Martins

Membros:

Prof. Dr. Nelson Russo de Moraes

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
(UNESP), Brasil

Prof. Dr. Rodrigo Barbosa e Silva

Universidade do Tocantins (UNITINS), Brasil

Prof. Dr. Rogério Christofoleti

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista

Universidade de Caxias do Sul; Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Profa Dra. Thais de mendonça Jorge

Universidade de Brasília (UnB), Brasil

Prof. Dr. Fagno da Silva Soares

Clio & MNEMÓSINE Centro de Estudos e Pesquisa em História Oral e Memória – Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Brasil

Prof. Dr. Luiz Francisco Munaro

Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil

Prof. Dr. José Manuel Pelóez

Universidade do Minho, Portugal

Prof. Dr. Geraldo da Silva Gomes

Universidade Estadual do Tocantins, Brasil

Como referenciar este livro - ABNT NBR 6023

Documento no todo

PÔRTO JR, Gilson; SILVA; Sinomar Soares de Carvalho (orgs.).
MEMÓRIA E ENSINO: por entre (re) construções do Eu. Palmas, TO:
Observatório Edições, 2024. 155 p. ISBN 978-65-981820-4-5.

Os capítulos

SOBRENOME, Nome; SOBRENOME, Nome. Título do resumo. *In*:
PÔRTO JR, Gilson; SILVA; Sinomar Soares de Carvalho (orgs.).
MEMÓRIA E ENSINO: por entre (re) construções do Eu. Palmas, TO:
Observatório Edições, 2024.. p. XX-XX. ISBN 978-65-981820-4-5.

SUMÁRIO

CONSTRUINDO FANTASIAS DE SI E PARA O(S) OUTRO(S)... OU À GUISA DE UM PREFÁCIO / 11

Gilson Pôrto Jr. e Sinomar Soares de Carvalho Silva

Capítulo 1 – COMO ME TORNEI PROFESSOR / 15

Anderson da Costa Lacerda

Capítulo 2 – ENTRE CUIDAR E ENSINAR: memorial acadêmico do vivido como enfermeira e docente / 27

Flávia Souza

Capítulo 3 – TRILHANDO CAMINHOS: um memorial sobre formação, experiências e perspectivas na educação e inclusão / 41

Adriana Lopes do Espírito Santo

Capítulo 4 – ENTRE PÁGINAS E DESCOBERTAS: minha jornada acadêmica e profissional / 53

Marcelo Bustamante Chilingue

Capítulo 5 – DA FAMÍLIA À ACADEMIA: minha jornada para tornar-me professor / 63

Pablo Velloso De Carvalho

Capítulo 6 – TECENDO CAMINHOS NA VIDA ENTRE A EDUCAÇÃO E A TECNOLOGIA / 77

Silvia Cristina Rufino

Capítulo 7 – UM PROFESSOR EM ETERNO APRENDIZADO / 91
Eduardo Lanes

Capítulo 8 – A CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO: uma trajetória de vida pautada na influência da família, educação e inserção do sujeito no ambiente / 97
Jaqueline Luna de Oliveira Rocha

Capítulo 9 – UM GRAXEIRO NA GRADUAÇÃO: a gratidão por aprender ensinando / 105
José Ricardo de Souza Ramos

Capítulo 10 – O VERSO NO REVERSO DO APRENDER / 131
Rose Lane Loureiro Gadelha de Azedias

INDÍCE REMISSIVO / 149

SOBRE OS AUTORES / 153

CONSTRUINDO FANTASIAS DE SI E PARA O(S) OUTRO(S)... OU À GUIA DE UM PREFÁCIO

"Acho que a gente, na verdade é o que estará neste livro, o restante é fantasia para a vida". Esta fala é de uma das autoras da coletânea que apresentamos a seguir. Os textos que a compuseram foram parte de uma disciplina do Doutorado em Ciências, Tecnologia e Inclusão, da Universidade Federal Fluminense. Uma única pergunta guiou a construção destes textos: Como me tornei professor/a?

Como alguém se torna professor? Há, na receita que forma um docente, mais do que a formação acadêmica? Por óbvio que sim, mas ao ler os textos que seguem, a imensidão de histórias, suas intensidades, nos parece que os elementos teóricos e técnicos da academia representam a menor parte no produto final.

Há, entre as histórias, uma criança que influenciada por uma propaganda do *Cirque du Soleil*, decidiu ir além, buscar um

diferencial na carreira, se recriar, reinventar em defesa de uma educação inclusiva.

Outras duas histórias nos mostram que para defender a inclusão de pais surdos, as autoras tornaram-se suas intérpretes em todos ambientes sociais em busca de romper barreiras que as impediavam de acessar todos os serviços públicos.

Mas estas barreiras limitadoras ainda estão, infelizmente, presentes em diversos campos da educação. O que levou uma das autoras que compõem esta coletânea a se reinventar e estabelecer uma nova relação com os alunos depois de estudar e entender as dificuldades de crianças autistas, incluindo seu filho.

Você lerá em todos os textos que compõem esta coletânea uma intensa presença da família moldando o caráter docente, histórias de pais com poucos estudos ou um importante pesquisador da cultura popular brasileira que influenciou seu filho a seguir a carreira docente, história contada nesta coletânea.

De uma mulher do subúrbio do Rio de Janeiro que ajudava nas despesas de casa com aulas para alunos do Ensino Fundamental e hoje ajuda colegas de doutoramento a produzir textos científicos, fazendo o conhecimento avançar.

Esta coletânea é um combinação dos diversos brasis dentro do Brasil. Do professor que é regente de coral voluntário há 28 anos, o que da cor à sua vida, do "graxeiro", termo utilizado por ele mesmo, para representar de forma metafórica sua jornada de origem humilde para o sucesso profissional e acadêmico, ou do profissional que não contenteou-se apenas com uma graduação, e por meio de um auto crítica e de uma oportunidade lida no jornal, correu atrás de mais uma graduação e hoje atua na mais tradicional instituição de ensino para cegos do Brasil.

Mas as histórias de superação não são compostas apenas por lutas contra as desigualdades sociais, mas também pelas

batalhas contra a dislexia, tema também de um brilhante texto que compõe este livro.

O objetivo desta coletânea é ser um refrigerio, um impulsionador de empatia no ambiente por vezes complexo das relações que estabelecemos na academia. As histórias que você irá ler são profundas, como diz a autora da frase que abre esse prefácio, nós somos o que estará neste livro, todo o resto é fantasia. Boa leitura!

Palmas (TO), maio de 2024.

Os Organizadores

COMO ME TORNEI PROFESSOR

Anderson da Costa Lacerda

*Para frente está o seu futuro,
Para trás está o seu passado,
Siga sempre em frente,
E não olhe para os lados.
Anderson da Costa Lacerda*

Me chamo, Anderson da Costa Lacerda, sou o primogenito de Adilson Joaquim Lacerda e Maria das Dores da Costa Lacerda, possuo somente uma irmã Andreia da Costa Lacerda. Lembro-me perfeitamente do meu primeiro dia no jardim de infância. Era uma escola creche localizado a uma quadra da casa onde morava com meus pais. Com meus quatros anos de idade recordo-me perfeitamente quando meu pai se ajoelhou ficando na minha altura e me expricou que amanhã, isto é, no outro dia pela manhã eu iria a escola, de que não precisava ficar com medo, que logo minha mãe me buscaria. O meu primeiro livro foi o Sonho de talita.

Lembro-me perfeitamente da capa, das letras a cobrir com lápis. Ao passar os anos, já adolescente mais uma vez meu pai, o senhor Adilson Joaquim Lacerda, chamou os seus dois filhos, eu e minha irmã e nos relatou. 'O que vou deixar de herança para vocês

é estudo, então, estude o quanto eu possa pagar'. Meus pais tiveram somente o ensino fundamental. Mas desde pequeno os dois eram preocupados que fossêmos alfabetizados.

Cresci estudando numa escola particular, porém era bolsista, minha mãe todos os anos conseguia uma nova bolsa de estudos, pois a bolsa de estudos era válida somente por um ano letivo. Então não podia tirar notas baixas ou vermelhas, para não perder a bolsa. Ao concluir o meu ensino médio, em 1992, mudei para o interior de São Paulo, onde residi por 12 anos, somente quando voltei ao Rio de Janeiro que me despertou o interesse em dar sequência aos estudos. Uma das minhas motivações a dar sequência foram os anúncios, as chamadas na tv, das apresentações que o *Cirque de Soleil*, que fazia na época em algumas capitais brasileiras.

Eu nunca tive a oportunidade de assistir ao vivo uma apresentação, um show, do *Cirque du Soleil*, mas cada vez que a propaganda passava na tv eu parava e me transportava para aquela apresentação, aqueles segundos de anúncio, eu achava o máximo. Fundado por um artista de rua em 1984, o *Cirque du Soleil* é um dos maiores empreendimentos culturais do mundo, exemplo de ousadia e sucesso (Garone, 2008).

A inovação do *Cirque du Soleil*, com a arte milenar e mundial, fez com que circo ganhasse uma injeção de profissionalismo e um rigor cênico diferentes dos tradicionais. Ingredientes que, de forma inegável têm reinventado a arte circense e reaproximado o público do picadeiro (Sebrae, 2020). Com a inovação a companhia canadense multiplicou seu faturamento por 22 em dez anos, enquanto seu setor tradicional decaía. A combinação da arte do espetáculo com o pragmatismo do mundo empresarial a levou a um faturamento anual de mais de US\$ 500 milhões (Garone, 2008).

O *Cirque du Soleil* tornou-se a melhor vitrine para a arte circense no mundo e tem usado essa força para promover também inclusão social, cultural e política para jovens pobres (Sebrae, 2020). Depois que tive todo esse cenário do *Cirque de Soleil*, eu procurei ter como base de um diferencial, e em 2006 fiz a minha primeira prova, proficiência em Libras. Pois atuava como interprete de libras mas sem nenhuma certificação.

Logo, tive a oportunidade de atuar de perto com professores e docentes para transmitir aos surdos o conhecimento daquela disciplina, que naquele contexto que estava inserido.

Ao entrar nesse novo cenário, percebi a necessidade de cada vez mais me especializar. E assim como o *Cirque du Soleil*, ter um diferencial, pois, logo notei a falta de mão de obra qualificada nesse setor, como também observei que muitos professores não sabem como atuar em sala de aula com um aluno surdo, em como preparar um plano de aula que consiga inserir esse perfil de aluno.

Cito como exemplo a tabela abaixo, que demonstra o crescimento das matrículas de surdos e deficientes auditivos (D.A.) no país em comparação com o número de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE's) matriculados, no período de 2007 a 2010.

Uma primeira observação desses dados é que a matrícula de surdos e deficientes auditivos juntos significa, em média, 10% do número de alunos com necessidades educacionais especiais – (NEE's) matriculados. Além disso, o número de surdos e deficientes auditivos acompanha o crescimento e queda de matrículas dos alunos com NEE's. Ou seja, percebe-se uma queda de matrículas de 2008 para 2009 e um salto quantitativo no ano de 2010, tanto na matrícula dos alunos com NEE's quanto dos alunos com surdez e com deficiência auditiva (Quiles, 2014).

Acredita-se que esse aumento de matrículas no ano de 2010 seja uma consequência da implementação da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, de 2008, pois, apesar de em 2009 ter ocorrido uma queda de matrículas, entende-se que a implementação de uma política não é imediata, mas gradativa. (Quiles, 2014).

Observando esse cenário, realizei a segunda proficiência agora para o uso e o ensino da Libras – Língua Brasileira de Sinais a nível médio. Com duas proficiências tive uma margem maior de outras oportunidades de trabalho. Por quatro anos atuei no SENAC - Serviço nacional do Comercio, na cidade do Rio de Janeiro e no Grande Rio.

Ao ter contato com mais alunos surdos nos mais variados curso, alguns desses alunos me incentivaram a me especializar ainda mais. Um desses foi o 'Joaquim Amado', surdo que estava no SENAC – Santa Luzia – Cinelândia, centro do Rio se especializando em uma Pós- Graduação de Engenharia de Software em Java. No intervalo estávamos conversando e ele me questionou, 'você sabe libras, é da área de informática, então porque não se especializa para atender essa demanda que falta de professores que possam ensinar em libras'?. Nunca tinha pensado nessa responsabilidade, mas o seu questionamento despertou essa possibilidade.

O Joaquim Amado me explicou que estava fazendo um mestrado na UFF – Universidade Federal Fluminense, na cidade de Niterói, Rio de Janeiro, pelo Programa do CMPDI, ele escreveu em um pedaço de papel nome do campus, e o nome do curso da pós e passou todas as dicas. Mas a minha realidade no momento era concluir a graduação, então deixei o papel dentro da mochila e a ideia foi descartada inicialmente.

Em 2014 na casa de Festas Ribalta, localizado na Barra da Tijuca, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, eu concluí a minha graduação na formatura. Algum tempo antes, tinha perdido meu

pai, que faleceu decorrente de um infarto fulminante. Algum tempo depois estava trabalhando como intérprete de Libras, agora, no SENAC na cidade de Niterói. Normalmente o percurso de casa até o SENAC, Niterói, leva duas horas devido a engarrafamento, nas Rodovias, Avenida Brasil e a Ponte Rio-Niterói. No entanto, um dia o trânsito fluíu tão rápido e suave que fiz todo o traslado em 45 minutos, cheguei no SENAC na cidade de Niterói com mais de uma hora para entrar em sala de aula para interpretar/traduzir.

Então, fui para a sala de professores, fiquei lá por um bom tempo, já impaciente, abri a mochila e ao remechar dentro da mochila, encontrei aquela anotação que o surdo Joaquim Amado tinha me passado sobre o mestrado na UFF. Olhei para o papel e como estava em Niterói, tinha 1 hora para adentrar em sala de aula, então resolvi, descobrir, saber onde era o campus valonguinho e para a minha surpresa o campus é na quadra ao lado do SENAC Niterói.

Assim atravessei a rua, perguntei ao guarda dentro do campus onde se localizava a secretaria do Instituto de Biologia e após alguns minutos, de uma subida bem íngreme estava dentro do prédio. Ao chegar ao balcão tinha um aviso fixado no vidro que informações somente com horário e dia agendado, li, olhei para o aviso e vi que dentro da sala estava duas pessoas, que era as professoras Rejane e Delou, respirei bem fundo. E solicitei informação.

‘Boa tarde, me desculpe, sei que é necessário ter data e horário agendado, mas sou interprete de libras e como cheguei cedo em Niterói aproveitei para vir até aqui para ter mais esclarecimentos, até esse momento as professoras só escutavam, então continuei, ‘quem me passou essas informações sobre o mestrado foi o surdo chamado ‘Joaquim Amado’. A parti do momento que citei o nome ‘Joaquim Amado’ as professoras pediram que eu adentrasse na sala e me fizeram uma breve

entrevista, inicialmente com muitos elogios ao Joaquim Amado e depois de quase uns 20 minutos de perguntas como, 'qual o motivo de você querer fazer mestrado? Você tem disponibilidade de tempo? Sobre o que você gosta de ler?'.

Confesso que tomei um susto, depois dessa sabatina inesperada, a professora Delou me disse para procurar a professora Ruth Mariane que o meu perfil se enquadra com a linha de pesquisa dela, para a minha surpresa a professora Rejane, disse que estava indo para o prédio onde a professora Ruth estava e se seu desejasse, ela me daria uma carona, olhei para o relógio e faltava trinta e cinco minutos para iniciar a aula no SENAC, uma quadra ao lado.

Então resolvi ir, chegamos no outro prédio e a professora Ruth Mariane não estava lá, aguardei alguns minutos e disse para a professora Rejane que precisava ir pois teria que entrar no SENAC, ao 'pensar' em sair do prédio, a professora Ruth entra na sala onde eu estava. A professora Rejane me apresentou passou o meu perfil e novamente fui sabatinado por perguntas agora pela professora Ruth Mariane.

Ao final de nossa conversa a professora Ruth me disse para entrar em contato com ela alguns dias a frente, que ela iria conversar com outra professora. Assim fiz, quando retornei o contato a professora Ruth disse que eu deveria entrar em contato com a professora Dilvani Oliveira e combinar com ela e ter uma nova conversa.

Confesso que fui tomado de um grande extase e também de um temor, pois nunca imaginaria que ao chegar num horário adiantado na cidade de Niterói e ao buscar informações sobre a possibilidade de fazer um mestrado, que eu em algumas semanas, a frente, estaria assistindo aulas como aluno especial. Fiz duas disciplinas como aluno especial conforme sugestão da professora Dilvani, que me explicou, que poderia aproveitar tais disciplinas

quando fosse aprovado como mestrando. Então, assim que abriu as inscrições concorri inicialmente pelo CMPDI onde não fui classificado, mas depois a professora Dilvani perguntou se eu gostaria de ingressar pelo PPBI, os dois programas são vinculados ao Instituto de Biologia.

Então pelo PPBI, me classiquei em terceiro lugar para estudar como mestrando e através do Instituto de Biologia e na data de 13 de junho de 2018 obtive o título de 'Mestre em Ciências e Biotecnologia'. Por meio de muita ajuda "Divina" trabalhei por dois anos de madrugada com logística em uma empresa de medicamentos, para ter os dias livres afim de assistir as aulas.

Literalmente dormia sentado nos coletivos e no trem ao ir e vir. Durante esse período de trabalhar de madrugada, saía do trabalho para ir a UFF, saía da UFF para casa, dormia de 4 a 5 horas, acordava e retornava para o trabalho. Foi um período muito cansativo. Teve um dia que o celular tocou e era do SENAC me perguntando se gostaria de trabalhar novamente como interprete de Libras, os profissionais dessa área não são celetistas são contratados como RPA.

Logo aceitei e estava no SENAC novamente, ao entregar a documentação e currículo fui indagado se gostaria de atuar como professor na unidade, fiquei radiante com essa possibilidade, fiz a inscrição no site do SENAC como eles pediram, enviei toda a documentação, preparei um plano de aula em PDF para enviar a banca de avaliação e um power point para fazer a apresentação para a mesma, ficou tudo alinhado.

Cheguei uma hora mais cedo para evitar atropelos, pois o tráfego no Rio é imprevisível e quando fui me apresentar fui notificado de que não poderia participar, pois a minha graduação não é licenciatura, apresentei dois prolibras, apresentei um diploma de mestrado e mesmo assim fui desclassificado na hora da

apresentação. Foi um balde de água fria, fui informado que iriam especificar melhor no edital, mas nunca tive um feedback depois.

Passado alguns meses, a empresa EDR da Cidade de Campos dos Goytacazes, localizada ao norte do estado do Rio de Janeiro, me ligou e disse que estava em mãos do meu currículo e que tinha uma vaga de interprete de Libras e se por acaso eu aceitava atuar como interprete.

Fiquei surpreso de saber como meu currículo tinha parado no extremo do estado do Rio de Janeiro em uma empresa tão longe, do local de onde resido, mais uma vez fui tomado de alegria, mas sem criar expectativas, pois tinha tomado um banho de água fria pelo SENAC. Após uma rápida sabatina de algumas perguntas, fui informado de que poderia dar sequencia a entrevista e concluindo todas as etapas poderia ser contratado, de modo terceirizado, para atuar na UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Assim em Dezembro de 2020, comecei vinculado ao DIRAC – UFRJ como interprete de Libras e fui alocado a Escola de Serviço Social, campus Praia vermelha, Urca. Também atuava como interprete de libras em outros eventos acadêmicos junto a UFRJ, como a palestra “Percepções sobre acessibilidade em Museus”.

Mais uma vez vi a necessidade de me especializar como docente para ajudar nesse nicho de alunos surdos. Percebi que os professores não levaram em consideração ter um aluno surdo em sua classe. Algumas vezes os planos de aula não eram adaptados à realidade dos alunos surdos. No entanto, a UFRJ e a empresa EDR tiveram um atrito e o contrato foi quebrado e todos nós, os 30 interpretes estávamos sem emprego.

Em 26 de maio de 2021, novamente o SENAC, agora o SENAC Niterói entrou em contato comigo para atuar como professor, eu passei o meu currículo que estava atualizado e com

duas Pós-graduações em andamento, um mestrado concluído, pois o SENAC está com grande necessidade de professores para a disciplina Libras. Enviei mas não criei expectativas, pois como explicado a minha graduação não é licenciatura, enviei porque eles solicitaram e novamente não tive feedback.

Então, em conversa com o professor Gilson Porto, eu fui incentivado a tentar ingressar na UFT – Universidade Federal do Tocantins, campus Porto Nacional, na licenciatura Letras- Libras e mesmo estando no estado do Rio de Janeiro, passei em todas as fases de análise curricular e devido ao isolamento social, por conta da Covid-19, o segundo semestre em 2021 foi todo on-line, aproveitei e me inscrevi nas disciplinas que poderia e fui aprovado em todas. Com o retorno das atividades presenciais, fui forçado a trancar e aguardar outra oportunidade quem sabe em outra Universidade.

Em todo esse período em sala de aula, como interprete de libras, eu observei que os professores têm muita dificuldade em adaptar sua didática, sua metodologia de ensino, com as necessidades atuais ao ter um aluno surdo em sua classe. Então consegui me classificar, em 2021, junto ao IFES – Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Colatina onde concluí a Pós- Graduação de Especialista de Docência para a Educação Profissional e Tecnológica, eu apresentei o trabalho monográfico com o título 'Libras e o uso de tecnologia para inclusão do aluno "Surdo"' e na data de 27 de novembro de 2021 tive como resultado final a aprovação.

Nesse mesmo ano, 2021, iniciei junto a UFT – Universidade Federal do Tocantins a Pós- Graduação em Gestão Estratégica da Inovação e Política de Ciência e Tecnologia, onde estou próximo do encerramento desta pós, agora, em 2022. Quando penso nas propagandas vinculadas ao Cirque de Soleil, percebi que as linguagens artísticas do Cirque du Soleil são usadas como canal de

integração, expressão, promoção de cidadania e transformação social. O objetivo não é revelar talentos, mas oferecer oportunidade de escolha, abrindo, por meio de atividades culturais, artísticas e esportivas, a possibilidade para que o jovem conheça suas potencialidades e limitações. (Garone, 2008).

Observando a atuação do Cirque du Soleil procuro sempre desenvolver a possibilidade de analisar as minhas potencialidades e limitações, tendo por objetivo me recriar, me reinventar, me adaptando as constantes mudanças que vivemos nesse cenário globalizado que infelizmente também atinge o campus educacional, fragmentado.

Assim, neste momento estou como doutorando tendo por objetivo ampliar o horizonte, aumentar a rede de contatos, expandir a malha, por meio de troca contínua de conhecimento com outros professores e docentes, a fim de me tornar um professor, um docente, um pesquisador que possa influenciar contribuir na construção da vida acadêmica de outros alunos.

Acredito que concluindo o doutorado e fazendo uma graduação complementar em licenciatura em pedagogia, isto é, uma segunda licenciatura, visto que já sou graduado, acho que essas lacunas que estão abertas de acordo com os editais serão eliminadas e poderia atuar como professor, docente e pesquisador.

Referências

GARONE, Rafaelle. A Magia do Cirque du Soleil. 26 set. 2008. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/a-magia-do-cirque-du-soleil>. Acesso em: 25 abr. 2022.

QUILES, Raquel Elizabeth Saes. Educação de surdos e deficientes auditivos: uma análise dos indicadores sociais. Revista Educação

Especial, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 53–66, 2014. DOI: 10.5902/1984686X4834. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4834>. Acesso em: 23 abr. 2022.

SEBRAE, Nacional. Cirque du Soleil: Criatividade e Persistência. SEBRAE Nacional. Sistema de Gestão. 23 mar. 2020. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/cirque-du-soleil-criatividade-e-persistencia,8ab9538981227410VgnVCM20000003c74010aRCRD#:~:text=Considerado%20o%20maior%20grupo%20teatral,e%20a%20ousadia%20dos%20figurinos>. Acesso em: 24 abr. 2022.

ENTRE CUIDAR E ENSINAR: memorial acadêmico do vivido como enfermeira e docente

Flávia Souza

Girassol

*Se a vida fosse fácil como a gente quer
Se o futuro a gente pudesse prever
Eu estaria agora tomando um café
Sentado com os amigos em frente à TV
Eu olharia as aves como eu nunca olhei
Daria um abraço apertado em meus avós
Diria eu te amo a quem nunca pensei
Talvez é o que o universo espera de nós
Eu quero ser curado e ajudar curar também
Eu quero ser melhor do que eu nunca fui
Fazer o que eu posso pra me ajudar
Ser justo e paciente como era Jesus
Eu quero dar mais valor até o calor do sol
Que eu esteja preparado pra quem me conduz
Que eu seja todo dia como um girassol
De costas pro escuro e de frente pra luz
E de frente pra luz
E de frente pra luz
Autores: Priscilla, Whindersson Nunes*

Quando surge a experiência de ensinar – Considerações Iniciais

Quando surgem as primeiras experiências no campo do Ensino? Minhas primeiras lembranças sobre práticas educativas surgem quando estava cursando o Ensino Médio e iniciei as atividades como “explicadora”, no quintal de casa. Com o passar dos meses, de um aluno a turma passou a ter sete crianças, que estudavam duas vezes na semana, sendo seis em classe do Ensino Fundamental I (ou Série Primária) e um aluno no Ensino Fundamental II (Antigo ciclo Ginásial). A atividade foi pensada para compor renda familiar, já que morávamos eu e minha mãe, no subúrbio do Rio de Janeiro, em uma casa bem simples – o valor das aulas ajudava em muitas despesas.

Para Libâneo (1994) a prática educativa é um fenômeno social e universal, uma atividade humana necessária à existência de todas as sociedades. Para o autor, em sentido amplo, “a educação compreende processos formativos que ocorrem no meio social”, ou seja, a prática educativa existe numa grande variedade de instituições e atividades sociais decorrentes das formas de convivência humana.

Trata-se de uma forma de educação não formal, que ainda está presente em bairros mais distantes ou localidades de difícil acesso onde o custo de se sustentar um modelo que engloba tecnologias e ações mais assertivas é mais alto do que as condições de algumas famílias possa prover, e, nestes casos, procura-se por um “explicador” ou “professor de reforço escolar”. Aqui, o “professor” pode ou não ter a formação pedagógica, mas possui habilidades para ensinar crianças e adultos com dificuldades em algumas disciplinas. Ele é respeitado pela comunidade que o cerca e está carregado de respeito e consideração por quem recebe suas explicações.

O trabalho como explicadora teve um curso encurtado, quando após um ano, consegui um emprego de Auxiliar Administrativo em uma escola privada, com carga horária reduzida devido à idade e o risco da fiscalização sobre a unidade. Foi o período em que pude conhecer as práticas educativas formais, tradicionais, as etapas que envolvem desde a preparação do ano letivo, até as aulas; a proposta pedagógica e os processos avaliativos.

Durante esse momento, minhas atividades foram também interrompidas quando recebi o “telegrama”, comunicando da minha aprovação no vestibular para cursar Enfermagem na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em 1995.

A escolha pela carreira, diferentemente de muitos candidatos que a escolhem como um portal para a entrada na universidade, vislumbrando a possibilidade de migrar posteriormente para a carreira de Medicina, o sonho de futuro de muitas famílias – que para mim, foi por opção, por conhecimento sobre as ações inerentes à profissão decorrente de ter familiares Enfermeiros e, que ganharam força durante o processo de vida acadêmica.

Sobre esta trajetória acadêmica, existem também estudos, como o de Daher (2000), que afirma que alunos de Enfermagem são oriundos de famílias de trabalhadores assalariados de baixa renda, porque é a carreira profissional que ainda possui espaço na sociedade e alta possibilidade de gerar emprego e renda de forma mais rápida do que as outras categorias, ainda que seja como o primeiro emprego. E mesmo que não se obtenha o salário compatível com o nível de responsabilidade exigido, permanece como a opção que garante a entrada no mercado de trabalho após o término da

graduação. De posse desses conhecimentos, manteve a opção escolhida e seguiu meu curso acadêmico.

Ensinando a cuidar – como a Enfermagem atua no processo ensino-aprendizagem

Como dito anteriormente, o que antes era uma escolha oriunda de conhecimento prévio sobre a dinâmica de trabalho do Enfermeiro, foi fortalecido durante a graduação, quando os estudos são aprofundados na historicidade, nas teorias que fundamentam as práticas assistenciais e que sustentam o ser, o saber e o fazer na Enfermagem.

No estudo sobre a história e as bases que fundamentam a profissão, destacam-se as Teorias de Enfermagem, que são as premissas que sustentam a carreira. Neste momento, temos o contato com Enfermeiras que trouxeram amplas reflexões sobre a assistência e nelas estão pautadas, desde a proposta terapêutica de cuidado até os resultados esperados decorrentes da implementação das ações prescritas pelo Enfermeiro.

Sim, caro leitor, Enfermeiros prescrevem cuidados, baseados nas necessidades dos pacientes, identificadas, categorizadas e classificadas através do Diagnóstico de Enfermagem. Não se trata de um Diagnóstico Clínico, baseado na descrição de sinais e sintomas avaliados e que sugerem uma doença, mas de um processo baseado nas necessidades evidenciadas através de entrevista e de exame físico, e são elas: de saúde, de conhecimento, de aceitação, de auto percepção e de autocuidado.

Dorothea Orem citada por Pires et al (2015) é conhecida como a Teórica do Autocuidado. Ela desenvolveu sua teoria baseada em condições dos pacientes as quais eles não podem

realizar para manter sua saúde. Nestes conceitos, a teórica enfatiza que há atividades em que o Enfermeiro realiza as ações pelos pacientes e há tarefas as quais ele supervisiona, ou seja, ele ensina e estimula o paciente a executar e o observa, promovendo assim a autonomia para que esse possa cuidar de si e prevenir complicações. Ao mesmo tempo que supervisiona, orienta e corrige possíveis falhas na compreensão das ações prescritas para que ele ou seu familiar/acompanhante/cuidador possa fazer após a alta.

Existem seis Teorias de Enfermagem reconhecidas e validadas e, em sua maioria, incluem práticas educativas como atividades de trabalho para que possam integralizar um cuidado individualizado, baseado na necessidade e no alcance do conhecimento por cada um, o que promove interdependência das ações para o cuidado de si.

Durante a graduação, o discente aprende a ensinar a pacientes e seus familiares/cuidadores e, ao final da mesma, aprende a ensinar também a sua equipe, proposta de estudos que compõem as Disciplinas de Gestão e de Administração em Enfermagem.

Compreende-se então que as práticas educativas fazem parte do contexto da profissão do ser Enfermeiro e o acompanham no decorrer de sua vida pós acadêmicas.

O exercício da prática docente em Hospital Universitário – Enfermeiros Assistenciais também ensinam

Ao término da graduação, conclui-se que muito foi vivenciado: nos hospitais, nos postos de saúde, nos hospícios, nas comunidades. A educação e suas nuances fizeram parte de

toda nossa estrutura curricular para o preparo para o mercado de trabalho.

Após a graduação, os primeiros empregos foram exercidos em hospitais privados, onde o processo educativo vai acontecendo durante as atividades assistenciais, ou seja, cuidar traz a experiência prática – fator importante para o enriquecimento curricular e a busca por melhores bagas de trabalho em instituições de melhor aporte tecnológico e melhores condições de trabalho.

Neste contexto, em 2002, fui aprovada em 38º lugar no concurso público para Enfermeiros do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF/UFRJ). A instituição fica localizada na Cidade Universitária – Ilha do Fundão, que pertence à Área Programática 3.1. A Área de Planejamento 3 (AP.3.1) possui 80 bairros distribuídos em 13 Regiões Administrativas (RA), que correspondem a 16,6% do território municipal - 203,47 km² - e a 40,2% do total da população residente no Rio de Janeiro - 2.353.590 habitantes, segundo o Censo 2000. Sua densidade líquida é de 11.567 habitantes por km². Para a área da saúde está subdividida em três: 3.1, 3.2 e 3.3 (Fonte: rio.rj.gov, 2020).

A AP 3.1 - teve como vetor indutor do crescimento o eixo da Estrada de Ferro da Leopoldina sendo composta de seis RA (Ramos, Penha, Vigário Geral, Ilha do Governador, Complexo do Alemão e Complexo da Maré) (Fonte: rio.rj.gov, 2020).

O hospital é referência no tratamento de diversas patologias de alta complexidade, além de realizar procedimentos inéditos e estudos pioneiros em parceria com entidades nacionais e internacionais, é um centro de excelência em ensino, pesquisa e extensão. É considerado “Braço assistencial” da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o

HUCFF é vinculado ao Ministério da Educação e ao Sistema Único de Saúde (SUS) e atende, somente, a partir do encaminhamento realizado através da Central Estadual de Regulação.

Anualmente a unidade recebe alunos de variadas especialidades, em diversas etapas do conhecimento acadêmico, desde o nível médio até a Pós-Graduação na modalidade Strictu Sensu. Desta forma, ensinar faz parte de nossas atividades cotidianas, assim como participar de processos seletivos, avaliativos e como bancas examinadoras.

Diferentemente da prática da docência exercida em sala de aula, exercer atividades à beira do leito traz consigo a reflexão sobre o incentivo à busca do conhecimento para a melhor assistência e, ao mesmo tempo, o senso de responsabilidade de que erros não são aceitáveis, pois impactam na recuperação, no tempo de internação e na qualidade de vida do paciente sob sua responsabilidade.

O exercício da docência durante o atendimento ao paciente e seus familiares e cuidadores, por vezes, requer o uso de metodologias ativas, de um mergulho na realidade vivida por aquela pessoa, no conhecimento de sua história, seu caminho, suas dificuldades e até pelo “conhecimento”, ainda que empírico, que o mesmo possui da sua atual condição.

E assim como ensinamos, também aprendemos que existem conceitos sobre o Processo Saúde e Doença, que transitam pelas questões biológicas, científicas, sociais e as antropossociais. E ainda, que também existem determinantes desse processo: os ambientais, os biológicos, os comportamentais, os demográficos e os econômicos.

O trabalho no cenário público de assistência nos faz enxergar o quão somos frágeis, vulneráveis e o como ainda temos um longo caminho a percorrer no que diz respeito ao combate às desigualdades sociais, na promoção da saúde universal e de um ensino público de qualidade.

Do Mestrado ao Doutorado: a jornada de 16 anos de distância, a mudança no escopo da pesquisa e o encontro do propósito

No ano de 2002, já como funcionária pública federal, passei também a exercer a docência como professora de Enfermagem em um curso Técnico Profissionalizante, de Nível Médio, no qual iniciei os primeiros passos em sala de aula, com adultos, ministrando temas relacionados à minha área de atuação. Neste período também recebi convites para palestras em Universidades, até que fui admitida como Professora Substituta em uma instituição privada. Neste processo, ingressei na Especialização em Docência do Ensino Superior, onde pude explorar os caminhos pedagógicos e históricos da educação no ambiente universitário.

O ambiente acadêmico proporciona a multidisciplinaridade, as interrelações com outros profissionais de outros cursos e incentiva o aprimoramento acadêmico.

Neste contexto, realizei duas tentativas de ingresso no processo seletivo para Pós-Graduação na modalidade *Strictu Sensu*, sem sucesso. Não havia maturidade científica e faltava o “fio condutor” que me faria discorrer sobre temas de relevância acadêmica. Até que, após cursar disciplinas eletivas, que me fizeram compreender que, para o sucesso seria necessária a abstração, seguida das reflexões sobre as inquietações de ordem prática e de que forma essas poderiam agregar em

conhecimento científico. E, com base nessas premissas, em 2005 fui aprovada para o Mestrado Acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF) da UNIRIO, a universidade onde havia realizado a minha graduação.

O mestrado acadêmico ampliou a visão da assistência que eu realizava, me fazendo compreender que, por detrás de todas as minhas inquietações sobre o cuidado de Enfermagem em Sala de Emergência e a arte de ocupar espaços, havia uma contextualização histórica, as discussões sobre as relações de poder estabelecidas no ambiente hospitalar, fomentadas pelas reflexões de Marx sobre a “mais valia” e o “trabalho proletariado” da Enfermagem (SOUZA, 2008).

O término do Mestrado não fechou um ciclo, mas trouxe o encantamento de ver suas publicações sendo citadas, 1 capítulo de livro publicado e firmou uma nova meta: o Doutorado.

Dois anos após o término do Mestrado, em 2010 iniciei a jornada de tentativa de ingresso no Doutorado. Ainda sem compreender o real significado do ser Doutor, a ideia inicial era mudar o escopo metodológico, deixando a pesquisa qualitativa, para aprender mais com as ciências exatas e respostas que a pesquisa quantitativa, epidemiológica poderia me proporcionar. Então, após reunião com a Chefia do Serviço de Nefrologia, setor que eu havia trabalhado no HUCFF por 7 anos, estruturamos o escopo da pesquisa: Suplementação de Bicarbonato de Sódio a pacientes com Doença Renal Crônica (DRC) com vistas à redução da progressão da doença.

O estudo fora desenhado com consultas de Enfermagem no Ambulatório do Serviço de Nefrologia, o Serviço de Farmácia seria responsável pela produção dos comprimidos da medicação e, ao Serviço de Cardiologia caberia os exames

ecocardiográficos para acompanhamento da função cardiovascular, muito comprometida em pacientes portadores de doença renal.

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), iniciei as consultas de Enfermagem, mas houve a necessidade de interrupção do estudo devido a impossibilidade relatada pela equipe de Cardiologia em realizar os exames necessários para a comprovação da eficácia da terapêutica aplicada.

O projeto então, foi retirado do CEP e tudo o que havia sido estruturado não pode ser executado. É válido ressaltar que essa era a oportunidade de ofertar consultas de Enfermagem no ambulatório aos pacientes renais crônicos, que não a recebiam por falta de pessoal especializado.

Passados os trâmites relacionados a retirada do projeto, o orientador sugere então uma pesquisa retrospectiva, desta vez com pacientes renais agudos que são internados em Unidade de Terapia Intensiva (UTI), no período de 2016 a 2019. Partimos então para a nova estruturação do projeto, submissão ao CEP e preparo das planilhas para coleta de dados. Neste mesmo momento ocorre a mudança do regimento interno do Programa de Pós-graduação, tornando obrigatória a aprovação na prova de proficiência estrangeira como requisito para ingresso nos programas de Mestrado e Doutorado.

Apesar de não ter alcançado a pontuação suficiente para o ingresso, o projeto foi aprovado pelo CEP e a coleta de dados seguiu seu curso conforme planejado. Entretanto, as orientações que eram regulares, passaram a se tornar escassas, foi observada ausência frequente aos horários agendados. Quando aconteciam, momentos raros, o nível de exigências superava o

material preparado para a apresentação e o estudo não possuía a “robustez exigida pelo programa”.

Enquanto a coleta era realizada, inúmeros cursos de aperfeiçoamento também eram estudados. Em 2019, ingressei em um trabalho como Enfermeira de Educação Continuada em um hospital privado. Posteriormente, a direção da instituição me transfere para o Serviço de Qualidade e Segurança do Paciente, onde pude vivenciar uma realidade tão sonhada pela assistência do SUS: a preocupação com a Qualidade e com a prevenção de Eventos Adversos.

O setor suplementar de saúde, principalmente nos hospitais que sofrem a Certificação de Qualidade, a preocupação com a prevenção e mitigação de erros, o uso de tecnologias e metodologias que facilitem o treinamento das equipes e o investimento nas ações de qualidade trazem o brilho, que apesar dos baixos salários, parece compensar a insatisfação gerada nos colaboradores: o foco é a qualidade das ações.

Experimentar essas atividades e ver como o apoio da alta gestão possui influência nos resultados obtidos me fez dedicar aos estudos sobre Ferramentas de Qualidade e Gestão de Processos, em detrimento da coleta de dados e do estudo sem robustez da Pós-graduação que não tinha fim.

Apesar da satisfação em trabalhar neste ambiente, o desgaste emocional e familiar me fez escolher prioridades e pedi desligamento do trabalho. Em 2022, após indicação ao Ministério da Saúde (MS), fui convidada para participar do projeto de aplicação da metodologia Lean em UPAS no Rio de Janeiro, uma parceria da Universidade Federal Fluminense (UFF), com o MS e a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS - RJ). O projeto era coordenado pelo Professor Doutor

Robisom Calado e tinha metas a serem cumpridas – metas de qualidade, de gestão de fluxos e de processos.

Quinzenalmente participávamos de reuniões sobre as produções e desafios na aplicação da metodologia, e muito eu também pude aprender em conhecimento: sobre saúde pública primária e secundária do Sistema Único de Saúde, diferente do que eu havia vivenciado até o momento, trabalhando no hospital universitário e no hospital privado.

O projeto estava logrando sucesso e veio então o primeiro convite para participação do processo seletivo para ingresso nos cursos de Pós-Graduação Strictu Sensu da UFF. O convite foi muito bem recebido, mas como ficaria o trabalho coletado, o projeto aprovado e todo o investimento na produção de estudos epidemiológicos?

Foi então o momento da tomada de decisão, com lucidez e transparência. Optei então por deixar o estudo retrospectivo, e todos os anos empenhados para iniciar uma nova jornada, com outra abordagem, nova reestruturação em busca do “fio condutor”, do ineditismo, da teorização e do propósito em ser Doutora. Fui aprovada para o Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão, 16 anos após várias tentativas, ainda duvidosa, procurando encontrar meu caminho a ser seguido.

Em janeiro de 2023, após solicitações de colegas de profissão que também almejam produzir textos científicos e ingressar em programas de Mestrado, foi criada a Célula do Lean HealthCare, sob minha liderança, que possui o objetivo de ajudar a produzir em conjunto, aprender e preencher as lacunas do conhecimento científico, deixadas pela graduação, pelos anos de trabalho prático e pelo afastamento da academia que a carreira, por vezes, proporciona.

Somos 7 Enfermeiras, provenientes de diversos campos de trabalho, com muitas dúvidas, mas com vontade de aprender e desenvolver habilidades no campo científico.

Em todo este período até o momento, percebo que a Docência tem me proporcionado mais aprendizado do que eu poderia esperar: seja na preparação das aulas, das avaliações, seja na orientação da estruturação de manuscritos, seja discutindo temas agregadores que possam contribuir com nossos estudos e com outros colegas.

A Docência então é um exercício contínuo, um diálogo do ensinar, aprender, fazer e ensinar de novo. Um caminho incansável, interminável, porque suscita outras indagações e interseções de conhecimento.

Referências:

ANEXO TÉCNICO I: INFORMAÇÕES SOBRE TODAS AS ÁREAS DE PLANEJAMENTO

<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/1529762/DLFE-220205.pdf/1.0>.

DAHER, Donizete Vago. Por detrás da chama da lâmpada: a identidade social do Enfermeiro, Niterói: EdUFF, 2000.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

PIRES, Alessandra Fontanelli et al. A importância da teoria do autocuidado de Dorothea E. Orem no cuidado de enfermagem. Revista rede de cuidados em saúde, v. 9, n. 2, 2015.

SOUZA, Flávia Silva de. A ocupação de espaços em sala de emergência: uma experiência com enfermeiras que cuidam. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2003-). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Programa de Pós-Graduação, 2008.

TRILHANDO CAMINHOS: um memorial sobre formação, experiências e perspectivas na educação e inclusão

Adriana Lopes do Espírito Santo

"A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo." - Nelson Mandela

Introdução

A elaboração deste memorial tem a finalidade de cumprir a exigência estabelecida na obtenção de nota na atividade avaliativa da Disciplina EGB10287 – Teorias e Práticas docentes nas ciências, tecnologias e inclusão do programa de Doutorado em Ciências, Tecnologia e Inclusão - PGCTIN, da Universidade Federal Fluminense – UFF.

Para tal, apresento um relato das principais atividades que vivenciei e desenvolvi ao longo da carreira, sobretudo aquelas que mais impactaram a minha vida pessoal e profissional. Começo remontando à minha infância e abordando aspectos

preliminares da minha formação, o que, certamente, determinou o meu despertar, ainda que tardio, pela vida acadêmica e científica. Adianto que não cresci entre livros; mas, sim, entre muito amor e diversidade. Se isto não favoreceu a minha inserção mais imediata no ambiente da universidade, por outro lado, me colocou em completa imersão dentro do campo da educação.

O presente memorial procura refletir um pouco estas transformações necessárias a partir de minha experiência individual e particular como profissional que já foi docente em algum momento, mas tem uma vontade imensa de retornar a esta prática maravilhosa e prazerosa.

Um pouco da vida antes da Universidade

Sou filha de Pais Surdos, usuários da Língua Brasileira de Sinais, o que me fez crescer submersa nesta cultura gestual-visual, e ampliou ainda mais minha facilidade de comunicação e interação neste meio.

Desde cedo estive presente nos mais diversos espaços, auxiliando na comunicação dos meus pais, fazendo o papel de Tradutor Intérprete em Consultórios Médicos, Bancos, Mercados, entre outros. Nunca achei que isso fosse algo incomum, explorador ou cansativo, apesar da pouca idade, mas sempre vi como o único meio para que eles pudessem se fazer entendidos nestes ambientes, o que para mim era recompensador.

Tudo isso me fez crescer na convivência com as pessoas Surdas e influenciou positivamente em minhas escolhas profissionais, momento em que comecei a atuar voluntariamente como Tradutora Intérprete de LIBRAS em Igrejas e outros espaços.

Desde que em conheço “por gente”, sempre quando me perguntavam o que eu queria ser como crescer, dizia que queria ser professora. Minha vó, que auxiliou em nossa formação, minha e de minha irmã, sempre dizia que, por mais que fosse uma linda profissão, era muito desvalorizada, mas ainda assim eu insistia. Lembro-me que as brincadeiras com bonecos e com os amiguinhos, na maioria das vezes seguiam o mesmo padrão: uma escolinha.

Ainda cedo, com 15 anos fui dar aula de explicadora para crianças que moravam perto de minha casa. Comecei com duas crianças, meio que de forma despretensiosa, com um valor simbólico, e quando me dei conta, estava com umas 10 crianças na salinha da minha mãe. As crianças sempre me atraíram, e eu sempre gostei de ensinar. Amava esta prática, que ainda me rendia uma certa e simbólica renda para ajudar em casa e comprar algumas coisinhas que muito queria.

Minha mãe não teve formação em segundo grau, estudou apenas até a quarta-serie, devido a dificuldade da época; meu pai se formou no ginásio (hoje ensino médio), no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Incentivada por eles, sempre nos estudos, para buscar meus objetivos, me deixaram sempre a vontade para que pudesse realizar minhas escolhas. Optei pela formação em nível técnico no ensino médio, em Patologia Clínica, pois a necessidade de poder conseguir um emprego ‘mais rápido, através de curso técnico, e auxiliar com as despesas, era o que mais era importante naquele momento. A patologia Clínica despertou meu interesse, pois os assuntos ligados à saúde me fascinavam, principalmente aos conteúdos da biologia, dos quais tive professores brilhantes que me despertaram o interesse em conhecer ainda mais.

Ao terminar o curso técnico, fui atuar em Laboratórios de Análises clínicas, como plantonista, e ao mesmo tempo como

secretária em um escritório jurídico, a fim de auxiliar meus pais no custeio para pagar minha faculdade.

A formação na Graduação em Ciências Biológicas pela UNIGRANRIO

Dois eram os cursos de nível superior que muito me atraíam: a matemática, na qual tive a experiência de atuar como monitora da disciplina no ensino médio, e fiquei encantada pelo magistério nesta área; e a Biologia, que me traria uma continuidade e aprofundamento nos estudos que muito me fascinaram até este estágio da formação. Optei pelo Curso de Ciências Biológicas, que me permitiria, então, poder unir, minhas duas paixões: a biologia e a licenciatura.

No ano de 2007 concluí meu curso de GRADUAÇÃO em CIÊNCIAS BIOLÓGICAS pela UNIVERSIDADE GRANDE RIO. Fiz a formação de licenciatura e bacharelado. Sempre tive muito interesse em lecionar. Neste período também atuei de forma voluntária, na igreja protestante a qual frequentava, como professora de surdos para aprendizado de Língua portuguesa, através de alguns termos bíblicos. A igreja na época tinha um trabalho com adolescentes e jovens surdos, no qual eu liderava, junto a uma equipe. Ao perceber a dificuldade que estes tinham com a língua portuguesa, e a falta de conhecimento com os termos bíblicos, pensei na possibilidade de unir as duas coisas, e aproveitar para fortalecer com eles os laços de confiança.

Cabe refletir que quando a pessoa desencadeia a vontade de ensinar, de se tornar professor, ela se abre para um mundo novo, trazendo à baila novas perspectivas, concepções, teorias, crenças e uma relação com o mundo renovada, pois o fato de se tornar professor e ser responsável pela formação de novas pessoas modificam a forma de se pensar sobre o próximo, a si mesmo e a sociedade além de, adquirir, cada vez mais pela

prática e experiência profissional, habilidades únicas da profissão docente, que serão fundamentais para a mediação, construção e reconstrução do pensamento dos alunos em seu espaço.

No período de estágio em docência, que a formação exigia, fui parar em uma escola de pequeno porte, que estava sem professor de Educação Ambiental. Fui perguntada pelo coordenador da escola, se aceitaria atuar como professor regente, com uma remuneração inferior, por estar na condição de estagiário. Aceitei de imediato, pois seria a minha oportunidade de transformar minhas brincadeiras de criança, em realidade. Não tive boas fundamentações teóricas na minha formação em ensino superior, muitas discussões só pude ter quando cursei o mestrado, mas isso bem mais na frente.

Nesta escola tive ótimas e péssimas experiências. Entendi que não era tão simples assim lecionar, pois peguei de início uma turma de 6º ano (antiga 5ª série) e uma turma de 7º ano (antiga 6ª.série). No início foi desesperador, pois eram muitas crianças em sala, e eu, inexperiente, e sem controle da turma, ficava por momentos repensando sobre minha intenção de permanecer no magistério. Busquei ajuda com outros professores da escola, e também através de pesquisas para utilizar de criatividade em minhas aulas, para que aquelas crianças alvoroçadas pudessem ter a atenção voltada pra mim... e começou a dar certo.

Fiquei conhecida como a professora da “Histórinha”. Antes de começar minha aula, conversava com a turma pra saber como tinha sido o final de semana, visto que minha aula era na segunda, e a partir de então eu dizia: “Hora da Historinha”. As crianças paravam imediatamente o que faziam, e era impressionante, como o silêncio predominava naquela sala de aula. Eu contava histórias, que pegava na internet, de cunho reflexivo, sempre com uma lição de moral e bons modos ao final.

Para isso levava itens, imagens e etc para compor esta história. E as crianças ficavam fascinadas... A partir daí, ao término da história, iniciava minhas aulas, sempre tentando buscar meios criativos para que a aula não se tornasse maçante e monótona, para que assim, eles pudessem ter a atenção que eu precisava. Nem sempre saía como planejado, mas ainda assim, as coisas fluíram, e eu muito aprendi dessa experiência em sala de aula, de forma independente. Fiquei por um período na escola, mas depois não pude continuar, pois havia recebido uma proposta para atuar como Tradutor e Intérprete de Libras em uma escola da Prefeitura em Duque de Caxias, e não seria possível conciliar. Mas concluí o período de estágio necessário para conclusão da disciplina na graduação.

Próximo de concluir a formação em nível superior, iniciei minhas atividades como Intérprete de Libras na Escola Municipal Olga Teixeira de Oliveira, na época, referencia em Educação de Surdos no Município de Duque de Caxias, local de minha residência. Que lugar fascinante, que experiência incrível! Atuava como intérprete em turma inclusiva do 6º ao 9º ano, ao lado do professor regente da turma. Participava do planejamento da aula em conjunto ao professor e também das reuniões de COC, e de pais, pois, acabava que ficava como “responsável” pelos alunos surdos que acompanhava. No ensino fundamental da rede pública, a função de intérprete educacional se confunde com a do próprio professor, pois, na maioria das vezes, o professor, ouvinte, não conhece a língua de sinais, e não sabe nem como se portar ao aluno surdo, fazendo com que o aluno dependa e se dirija diretamente ao intérprete de Libras para sanar suas dúvidas. Este não é o posicionamento desejável para um professor nestas condições, uma vez que, este deve ser a referência na sala de aula, e buscar meios para que todos os alunos, inclusive os surdos, o vejam como tal. Mas para mim, aquela situação era confortável, pois podia dar minha contribuição na língua de

sinais, que eu dominava, de um conhecimento que pra mim era prazeroso, e até hoje é. E é claro, não posso negar que as aulas que amava acompanhar no seu planejamento e execução eram as aulas de Ciências, química e física. Saí da sala de aula do meu papel de professor regente, para um colaborador, para contribuir com a educação dos alunos surdos incluídos naquele espaço. Não era onde eu gostaria de estar de fato, mas era o que eu tinha para aquele momento.

Após a conclusão no curso e graduação, estava muito inclinada a atuar na área de ensino com a formação em ciências Biológicas, pois era um conteúdo que eu dominava, e amava falar sobre. Porém, há de se convir que a condição de trabalho dos professores, no Brasil, ainda se encontra precária, apesar do esforço de inúmeros programas de melhoria realizados nas últimas décadas. A isso, soma-se uma renumeração insignificante desde longa data tronando a profissão pouco atraente.

Diante de tantas incertezas, fui atuar na área de Saúde, e não na área de educação, pois foi o campo que tive mais oportunidades com uma remuneração que me atraía, no momento.

Especializações na área de saúde

Minha formação foi um pouco confusa, pois as áreas e paixões se inter cruzaram ao longo do meu percurso. Ao findar a graduação, ingressei em uma Pós-Graduação Lato Sensu em Análises Clínicas (2009), com duração de 360 horas, que me fizeram gostar ainda mais da área de saúde. Ainda cursando minha pós-graduação, iniciei minhas atividades profissionais como Bióloga no Hospital Daniel Lipp, e ao mesmo tempo, atuava profissionalmente como Tradutora Intérprete de LIBRAS em Escolas da Prefeitura de Duque de Caxias. Por gostar muito

desta área e por interesse de maiores aprendizados, pois sempre gostei muito de estudar, cursei em 2013 uma especialização em Hematologia Clínica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Especializações na área de Educação

No ano de 2010, atuei como Professora Substituta de CIÊNCIAS/BIOLOGIA no Instituto Nacional de Educação de Surdos, pelo período de 2 anos, pude me apaixonar ainda mais pelo universo da Surdez, e por aquele espaço físico histórico, onde tudo começou em 1856, sendo fundada a primeira escola de surdos do país. Emoção maior foi que meu pai, também esteve fazendo história naquele lugar, quando foi aluno e estudou ali, e obteve toda a formação e conhecimento que têm hoje. Muitas coisas pra contar em um espaço físico, muita emoção pra se conter, muita experiência ainda para se viver ali, por isso, disse pra mim mesma que dois anos (período do contrato) seria muito pouco para conseguir também ser parte daquele lugar. Foi então que decidi que precisava estar ali por mais tempo, atuando e fazendo a diferença, de algum modo.

Tentei então, prestar concurso para Professor de Biologia logo assim que houve concurso para área, porém com minha falta de experiência e titulação, não consegui a classificação desejada e necessária para a única vaga que tinha. Foi então que no ano de 2014, tentei um novo concurso, mas agora para o cargo de Intérprete de Libras, até porque era também minha área e a quantidade de vagas era assim, maior. E pra minha alegria e realização neste concurso, pelo tanto que me dediquei aos estudos tive a honra de ser a primeira colocada em todas as etapas do processo. Realmente, aquele lugar era pra ser meu. E assim comecei minha jornada no INES como Tradutora e

Intérprete de Libras, sendo lotada no Departamento de Ensino Superior – Na faculdade de pedagogia bilíngue.

Por estar inserida nesta realidade, me senti na necessidade de buscar por mais aprendizado, por mais conhecimento. Em 2014 realizei uma especialização em Libras (Língua Brasileira de Sinais), que me abriu novos horizontes de pesquisa.

Minhas buscas por formação não pararam e não param em 2021 fiz um curso de Extensão em Tradução e Interpretação de Libras pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, e agora, mais recentemente, em curso, um Especialização em Tradução de Textos de Português para Libras (2022).

Mestrado

Por estar cercada de profissionais muito competentes e gabaritados na área com títulos de doutores e mestres, me senti estimulada e desejosa por também me debruçar em pesquisas na área. Foi então que em 2017 consegui aprovação no Mestrado da UFRJ no Programa de Pós Graduação em Educação, na linha de pesquisa Ética, Inclusão e Interculturalidade, tendo por orientadora nada menos que a maravilhosa, também referencia na área, profa. Dra. Celeste Azulay Kelman. Minha dissertação abordou sobre o Atendimento Educacional Especializado para Surdos no Estado do Rio de Janeiro. Foi uma experiência maravilhosa, desafiadora e enriquecedora.

Neste período tive a oportunidade de ingressar no grupo de Estudos e Pesquisa sobre surdez da UFRJ, coordenado pela professora Celeste Azulay Kelman, e também pude participar como colaboradora no projeto de extensão Atendimento educacional Especializado para crianças e jovens surdos. O projeto trata-se de um Atendimento Educacional Especializado

que ocorre no Instituto de Neurologia Deolindo Couto (URCA-RJ) no qual se tem por objetivo o ensino de leitura e escrita do português para crianças e jovens com deficiência auditiva e surdos. Fiquei como responsável pelo ensino de Libras para os profissionais de fonoaudiologia que participavam do projeto e também coordenava a equipe de acadêmicos de pedagogia no atendimento educacional especializado , auxiliando na elaboração de atividades de alfabetização, utilizando jogos, brinquedos, livros e outros materiais para auxiliar o aluno em seu desenvolvimento. Uma experiência enriquecedora.

Defendi minha dissertação durante o início da pandemia em 2019, com o tema: Educação e Surdez: conhecendo o atendimento educacional especializado no Estado do Rio de Janeiro, orientado pela professora Celeste Azulay Kelman. Por este período, bem turbulento, perdi algumas pessoas queridas e familiares, mas com fé em Deus e forças para continuar, seguimos.

Trabalhando na Faculdade do INES, fui convidada a assumir a coordenação administrativa do departamento, a qual também responde pela organização de atendimentos da equipe de intérpretes do local. Uma experiência nova e bem prazerosa, ao mesmo tempo. Pude atuar diretamente na gestão e atuação na equipe de tradução de materiais didáticos para surdos. O que me abriu novos horizontes e possibilidades de pesquisas.

Doutoramento

No ano de 2021 tentei e fui aprovada no doutorado para a Universidade Federal Fluminense, no Programa de Pós de Graduação em Ciências Tecnologias e Inclusão, na Linha de Pesquisa da professora Dra. Ana Regina Souza Campello, na qual

iremos trabalhar sobre a Tradução de matérias didáticos para surdos no Espaço da Educação Superior.

Considerações Finais

Muitos são os desafios, eu sei, que irei encontrar nesta caminhada, mas por certo que com a determinação e interesse pela temática, vamos juntos trilhar lindas histórias e fazer a diferença abrindo novos horizontes com a nossa pesquisa. Meu interesse é por certo de voltar à prática da docência, que ficou adormecida ao longo desta minha jornada. Ser professor é algo que me fascina, me emociona e me faz querer continuar. Espero poder um dia, findado o doutoramento, ingressar, quem sabe, no magistério superior e poder pôr em prática os conhecimentos teóricos que venho aprendendo ao longo do tempo.

ENTRE PÁGINAS E DESCOBERTAS: Minha Jornada Acadêmica e profissional

MARCELO BUSTAMANTE CHILINGUE

*Se os fatos não se adequam à teoria,
mude os fatos. [Albert Einstein]*

Procurarei descrever esse memorial focando única e exclusivamente em minha trajetória acadêmica, desde quando ingressei, como aluno, até esse momento que estou como aluno no Curso de Doutorado em Ciências, Tecnologias e Inclusão da Universidade Federal Fluminense.

Nasci no ano de 1975 e as primeiras recordações que tenho são com meus 5 anos de idade, no ano de 1980, no antigo jardim de infância no Colégio Pequenópolis, no bairro de São Francisco, Niterói. Nela permaneci até o ano de 1985, após cursar a antiga 1ª à 4ª série. Concluída essa etapa, ingressei na 5ª série no Colégio Nossa Senhora da Assunção, localizada no mesmo bairro e cidade. Cursei somente a 5ª série, tendo sido reprovado em matemática. No ano seguinte, fiz novamente a 5ª série, mas

no Colégio São Vicente de Paulo, no bairro de Icaraí, também em Niterói. Também permaneci somente por um ano, sendo transferido, a partir do ano de 1988 para o Colégio-Curso Tamandaré, onde cursei a 6ª, 7ª e 8ª série, entre os anos de 1988 à 1991. No ano de 1991, ao cursar a 8ª série, última série do antigo “1º grau”, fui reprovado. Nos anos seguintes, para concluir meu “1º grau”, ingressei no Centro de Estudos Supletivos para concluir o módulo de matemática (única disciplina que me reprovara). Concluído o 1º grau (atual Ensino Fundamental), não sei por quais das razões, não estudei boa parte do ano de 1992 e a ano de 1993. Até então, minha família me deu todo o suporte financeiro, arcando com meus estudos nas melhores escolas da cidade, mas a partir do ano de 1994, as condições financeiras da minha família já não eram tão confortáveis, o que me obrigava a, literalmente, “me virar” com os estudos. De qualquer forma, senti a necessidade de voltar a estudar, cursar o 2º grau (atual Ensino Médio), pois ainda almejava algo mais para a minha vida e tinha a plena convicção de que através dos estudos conseguiria êxito. Decidi então, procurar uma escola da rede pública e a partir de 1994, iniciei os estudos no 2º grau.

Nos primeiros dias de aula, senti uma diferença tremenda se comparada às minhas experiências anteriores como aluno. Por estudar agora no turno da noite, conviver com realidades diferentes foi, sem dúvida, um choque cultural e educacional. Cultural porque convivi com pessoas que trabalhavam durante todo o dia e estudavam à noite, além de pertencerem às comunidades carentes da região; é bem verdade que muitos que comigo estudavam, eram conhecidos, amigos de infância, mas a grande maioria não. Isso não foi, de modo algum, algum impedimento, nem tampouco, barreira ou obstáculo; muito pelo contrário, ao perceber que, literalmente, minha condição acadêmica era superior às dos meus colegas de classe, resolvi ajudá-los, pois preferi que eles progredissem ao invés de eu

regredir. De certo que foi uma experiência e tanta, ainda que para alguns tenha sido taxado de “CDF, Mauricinho, coisas do tipo que hoje em dia são classificadas como Bullying. Enfim, após chegarmos ao ano de 1996, concluímos com êxito o Ensino Médio. Foi uma vitória coletiva, pois muitos dos meus colegas estavam ali simplesmente para obtenção do diploma, exigência de alguns empregadores, mas consegui demover boa parte da turma dessa ideia de que o Ensino Médio é uma obrigatoriedade para ingresso no mercado de trabalho; expliquei que o conhecimento é algo muito valioso e que vai muito além de uma carteira de trabalho assinada.

Passada essa etapa, iniciei minha caminhada em busca do ingresso na Universidade. Logo após concluir o Ensino Médio, tentei o vestibular da UFF, para a carreira de Letras e percebi que não possuía base suficiente para vencer essa etapa. Resolvi então começar a estudar por conta própria, sem pressão, aguardando a minha hora chegar. No ano de 1998, consegui ingressar no curso de Letras – Português - Literaturas, na UFRJ. Logo que iniciei, pensei em conciliar meus estudos com trabalho, pois necessitava ter uma renda para sustento e levar meu sonho adiante. Ao iniciar o curso, veio a decepção, pois o mesmo ocorria nos turnos manhã e tarde, inviabilizando qualquer possibilidade de conciliar estudos e trabalho. Tranquei a matrícula!

Ainda em 1998, no mês de junho, consegui um emprego na PUC-RIO, para trabalhar como Assistente Administrativo. Logo que iniciei minha jornada de trabalho, fiquei sabendo que a PUC ofertava bolsas de estudos de forma integral para seus funcionários. Prestei o exame vestibular de inverno e consegui iniciar meus estudos no curso de Letras; estava tudo caminhando bem. De fato, foi um período bom, porém não muito longo como previa.

Em 2001, já com mais da metade do curso concluído, fui desligado do quadro de funcionários da PUC, pois houve um corte de cerca de 30 funcionários e priorizaram aqueles com menos tempo de “casa”; e eu estava nessa leva. Fiquei um tanto quanto decepcionado, pois cheguei a pensar que voltaria à estaca zero. Porém, como não sou de desanimar, continuei a procurar emprego, que seria uma maneira de custear meus estudos. Ainda no ano de 2001, consegui uma vaga para trabalhar no Telemarketing da Universidade Estácio de Sá, no bairro do Rio Comprido, RJ. Naturalmente que como funcionário, novamente pleitear uma bolsa de estudos integral; o que me foi concedida sem problema algum. Dessa forma, consegui concluir minha primeira graduação, no final do ano de 2003. Sobre o curso de uma forma geral, penso que os conhecimentos obtidos ficaram muito no mundo das ideias, da teoria pois como estudante de um curso de Letras, percebi que necessitava ir além da sala de aula, participar de eventos, apresentar trabalhos, participar de grupos de estudos e/ou pesquisa, etc.

Conclui a Graduação, me tornando licenciado em Letras com habilitação em Português e Literaturas correspondentes, pensando em ingressar como docente em minha área. Logo senti os primeiros obstáculos ao enviar currículos, fazer entrevistas; falta de experiência e um currículo um tanto quanto “cru”. Parei para pensar e refletir; achava que seria muito difícil ter uma oportunidade dessa forma, pois as experiências que tinha com o magistério, até então era de um curso pré-vestibular comunitário, bem como um estágio remunerado onde trabalhei com Educação de Jovens e Adultos.

Se dessa forma não fosse tão viável assim, comecei a prestar concurso público para o magistério; fiz vários, até era aprovado, mas nunca classificado.

Após algumas tentativas, consegui uma vaga de professor do Ensino Médio no Colégio Padre Antônio Vieira, mas já no ano de 2005. A partir daí, as coisas foram fluindo; fiquei nessa escola num período de dois anos, acumulando, no ano de 2006, um cargo de professor contratado da Secretaria de Estado de Educação, RJ. A partir de 2007, precisei passar por uma cirurgia de grandes complicações e fiquei afastado de qualquer atividade acadêmica. Retornei à ativa somente em 2008, mas meu contrato com a SEE já havia expirado, assim como o Colégio Padre Antonio Vieira. Precisando, literalmente, me sustentar, consegui um emprego como secretário de uma escola de idiomas.

O ano de 2008 me reservou uma grata surpresa. Estava trabalhando na educação, mas não na educação, o que me deixava, de certa forma, um pouco frustrado, mas precisava sobreviver. Num belo dia, folheando o jornal FOLHA DIRIGIDA, me deparei com uma notícia de que a UERJ estava com inscrições abertas para transferência interna, externa e reingresso. Como sou uma pessoa prevenida, andava com meus documentos em uma pasta dentro da minha mochila (hoje não mais o faço). E, naquele momento, estava na Central do Brasil; não pensei duas vezes; peguei o primeiro ônibus e me dirigi à FEBF UERJ, localizada na Vila São Luis, município de Duque de Caxias. Fiquei até pensando: Fazer outra faculdade? Sim, porque para mim, a minha formação como licenciado em Letras havia deixado alguns hiatos e pensei que a Pedagogia poderia preencher.

Importante lembrar que após a conclusão do curso de Licenciatura em Letras, ingressei em uma Pós-Graduação Lato Sensu em Supervisão Escolar, na Universidade Cândido Mendes, em 2004, concluída em 2005. Sinceramente, não me acrescentou muito, além de um título de especialista.

Fiz o processo seletivo, passei e iniciei meus estudos no 2º semestre do ano de 2008. Logo ingressei com algumas disciplinas isentas, o que me deu uma motivação extra. Confesso que foi um dos períodos que me proporcionaram maior prazer em minha trajetória acadêmica, pois pude vivenciar de forma mais ativa, o ambiente universitário. Estava ainda a trabalhar, mas consegui negociar com minha chefe um horário especial tendo, inclusive, às sextas-feiras livres para estudo. O curso de Licenciatura em Pedagogia da UERJ me permitiu um nível de excelência acadêmica que até então não havia experimentado. Estudei com afinco, participava de eventos, grupos de estudos, enfim, fui um sujeito ativo.

Ainda em 2008, duas outras coisas boas me aconteceram. A primeira, foi uma oportunidade para trabalhar com EaD (Educação a Distância). Prestei exame para concorrer a uma vaga de Professor Tutor a Distância para a disciplina Português Instrumental, para trabalhar na UNIRIO, tendo a obrigatoriedade de estar presente somente uma vez por semana, para cumprir minha carga horária presencial de 4 horas semanais, pois as demais são cumpridas à distância, atendendo aos alunos através da plataforma MOODLE. Um trabalho interessante, ainda que seja remunerado através de bolsa de pesquisa; na verdade, trata-se nada mais nada menos, do que uma forma de precariedade do trabalhador; mas estou nessa batalha até os dias atuais. Também em 2008, ingressei em uma Pós-Graduação Lato Sensu pelo CEFET em Educação Tecnológica. Foi, sem dúvida alguma, um dos melhores cursos que fiz em toda a minha vida; professores excelentes, grade curricular atual e pertinente ao tema, enfim, maravilhosa. A mesma foi concluída em 2010, após a defesa do trabalho final de curso, assim como as conclusões anteriores.

Paralelamente a minha atuação como Professor-Tutor a Distância, como havia mencionado, ainda continuei trabalhando

como secretário na escola de idiomas. Já pensava em sair, pois queria me dedicar inteiramente ao magistério, tentar um mestrado, enfim. No ano de 2012, mesmo ano de conclusão da licenciatura em Pedagogia na UERJ, prestei concurso para o magistério da Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu, município da região metropolitana do Rio de Janeiro. Fui aprovado em 1º lugar para o cargo de Professor II, para trabalhar na Educação Especial com alunos com deficiência visual. Um pouco antes, mas ainda no ano de 2012, comecei a me capacitar, através de cursos no Instituto Benjamin Constant, para trabalhar com Braille, Soroban e Tecnologias Assistivas para cegos e baixa visão. Ao ingressar na rede municipal de ensino, logo me deparei com uma realidade triste; haviam pessoas interessadas, mas o sistema público, às vezes, parece que trabalha na contramão. Tentei, na medida do possível, fazer meu trabalho, promovendo acessibilidade para crianças e adolescentes com deficiência, não somente a deficiência visual.

No ano de 2014, somente para constar, ainda estando na rede de Nova Iguaçu, iniciei duas novas Pós Lato Sensu; uma na modalidade EaD, pela UFF – Gestão e Implementação em EaD, e outra no Instituto Benjamin Constant, em parceria com o ISERJ – Letramento e Alfabetização de crianças cegas ou com baixa visão. Terminei ambas com sucesso.

Estamos ainda no ano de 2014, ano em que abriu concurso para o Instituto Benjamin Constant. Prestei o certame para Professor de Informática Educativa. Como já possuo um bom conhecimento em informática, e os cursos de especialização me habilitaram para concorrer, não pensei duas vezes, ainda achando que não seria tão fácil essa missão.

Fui aprovado e classificado em 3º lugar, tomando posse como Professor EBTT – Informática Educativa em Dezembro de 2014. Por força de lei, o concurso exigia dedicação exclusiva e,

consequentemente, fui obrigado a exonerar a matrícula em Nova Iguaçu. No IBC, atuo com alunos cegos e baixa visão, ministrando aulas de informática para jovens e adultos. É uma tarefa difícil, porém, que me dá muito prazer.

Faltavam, pelo menos, mais duas ações: Mestrado e Doutorado. Primeiro, o Mestrado.

Como trabalho numa instituição que apesar de ser de Educação, ligada diretamente ao gabinete do Ministro de Estado de Educação, o mesmo oferece um programa de oftalmologia para residentes e, dessa forma, atende a população em consultas e cirurgias oftalmológicas. Geralmente, a população vê no IBC mais um hospital do que uma escola; enfim, é um misto entre educação e saúde, nada mais natural.

Comecei a pesquisar, então, um mestrado que pudesse alinhar meus interesses acadêmicos aos da instituição e descobri que a FIOCRUZ oferece, na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, um Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde, destinado aos profissionais da saúde e educação. Mestrado iniciado em 2016 e concluído em 2018, tendo como tema de pesquisa para dissertação a acessibilidade de ambientes virtuais de ensino aprendizagem para deficientes visuais.

Ainda no ano de 2016, sendo eu professor de informática educativa de uma instituição pública federal, sempre ouvia rumores e piadas do tipo: “como pode um pedagogo dar aula de informática?” Aquilo me incomodou e, sem contar nada a ninguém, iniciei, na modalidade EaD uma graduação em Análise em Desenvolvimento de Sistemas, tão somente para obtenção do título e aprofundamento dos meus conhecimentos informáticos. A mesma também foi concluída no ano de 2018.

No ano de 2021, busquei, através do processo seletivo, ingresso no programa de Pós-Graduação em nível de Doutorado

do PGCTIn. Fui aprovado e, imediatamente, iniciei os estudos no mês de outubro. Essa trajetória no Doutorado, ainda em curso, com previsão de término para o ano de 2024.

Atualmente, além de fazer parte do corpo docente do PGCTIn, atuo, desde Janeiro de 2023, como Diretor do Departamento de Estudos e Pesquisas Médicas e de Reabilitação do Instituto Benjamin Constant, departamento este que atuo como professor desde meu ingresso na instituição. Na EaD, hoje sou coordenador da disciplina História da Educação, no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)

É bem verdade que essa minha trajetória acadêmica pode ser considerada um tanto quanto louca, sem noção, mas é a história de um acadêmico persistente que está sempre em busca de ampliar e qualificar seus conhecimentos. É certo que muitas informações podem ter sido omitidas por descuido ou esquecimento, mas o que se expõe até aqui é a fiel reprodução daquele que tem na educação a sua verdadeira e incontestável paixão.

DA FAMÍLIA À ACADEMIA: minha jornada para tornar-me professor

PABLO VELLOSO DE CARVALHO

*Da inspiração familiar à busca
profissional: a construção de um
docente e o amor pela educação*

Introdução

A construção da minha identidade docente tem sido uma jornada de autoconhecimento e descobertas. Olhando para minha trajetória histórico-existencial, percebo que cada passo, desafio e aprendizado são fundamentais para a construção do profissional que sou hoje.

Como pesquisador-docente, reconheço-me como autor da minha própria historicidade, e é com esse entendimento que mergulho na minha caminhada em busca de responder à pergunta: "Como me tornei professor".

Minha jornada profissional e a sua ligação com a docência começou com influências familiares. Venho de um ambiente onde os meus pais eram professores e pude ser inspirado desde cedo pelo impacto positivo que a educação tinha na vida das pessoas. Observando-os com a sua dedicação pelo ensino, percebi que a troca de conhecimento e a capacidade de moldar mentes eram poderosas ferramentas para contribuir com a sociedade.

Minha infância foi marcada por momentos em que eu cantava músicas de sambistas da velha guarda, um interesse que despertou graças às pesquisas que meu pai realizava sobre cultura popular e carnaval. Essas experiências iniciais me aproximaram do universo das artes, do conhecimento cultural e da importância da educação.

Ao ingressar na escola, a figura carismática de professores e professoras influenciou-me significativamente. Lembro-me com carinho dos docentes que não apenas ensinavam conteúdos, mas também compartilhavam histórias e experiências, tornando a aprendizagem mais rica e significativa.

Na transição para uma escola nova e revolucionária, a Aldeia Curumim, tive a oportunidade de vivenciar um ambiente escolar diferenciado, onde a natureza e os valores brasileiros eram valorizados. A dedicação da minha mãe como professora e seu papel nessa nova escola reforçaram minha admiração por essa profissão.

Conforme crescia, o interesse pela história, música e cultura de outros países despertava em mim um desejo de conhecer e compartilhar esse conhecimento. Minha participação em atividades teatrais e minha inclinação para a escrita de histórias revelaram minha afinidade com a transmissão de conhecimento de forma criativa e envolvente.

Ao escolher a psicologia como área de estudo, tive a oportunidade de compreender os aspectos emocionais e comportamentais do ser humano. Essa experiência me ensinou sobre a importância de acolher e compreender as necessidades individuais dos alunos para promover um ambiente de aprendizado saudável e efetivo.

Meu caminho, por fim, levou-me ao direito, uma escolha que me aproximou ainda mais da justiça social e da luta pelos direitos humanos. A partir desse momento, encontrei na advocacia uma ferramenta para fazer a diferença e ajudar a construir um mundo mais justo e igualitário.

Agora, como pesquisador-docente, mergulho na busca constante por conhecimento, refletindo sobre minha trajetória e experiências para aprimorar minha prática pedagógica. Entendo que o docente é um eterno aprendiz, e o processo de tornar-se professor é contínuo e enriquecedor.

Minhas primeiras memórias da escola

Remetendo-me a uma época em que tinha cerca de 4 anos de idade, recordo vividamente das professoras da minha primeira escola, a Raiosinho de Sol, uma creche, pedindo para eu cantar uma música de um sambista da velha guarda, Ismael Silva¹, chamada "Mulher da Orgia".

Essa memória me é especial, pois, é uma das primeiras lembranças que tenho do meu pai enquanto profissional. Naquela época, o ofício do meu pai não era muito claro para mim. Diziam-me, e ele confirmava, que era um professor de Literatura Brasileira,

¹ **Milton de Oliveira Ismael Silva**, mais conhecido como **Ismael Silva** (Niterói, 14 de setembro de 1905 - Rio de Janeiro, 14 de março de 1978), foi um compositor e cantor brasileiro.

da Universidade Federal Fluminense (UFF) e também pesquisador da cultura popular brasileira, especialmente do samba.

Frequentemente reunia-se com amigos nos finais de semana para formar uma roda de samba. Essa lembrança me traz boas sensações, pois minha infância foi permeada por músicas, estudos sobre a cultura popular, carnaval e a rica cultura nordestina, que meu pai também pesquisava com afinco.

Acompanhar essas pesquisas e viagens fez com que eu me apaixonasse por conhecer mais sobre diferentes regiões do Brasil e sua diversidade cultural.

Aos 6 anos, tive uma memória marcante sobre minha mãe, que também era professora. Me lembro, que ela me comunicou, que eu mudaria de escola para uma escola moderna, diferente das outras, com grandes morros e áreas abertas ao ar livre, que havia sido um sítio, chamada Aldeia Curumim.

Essa escola era famosa por sua grande estrutura, localizada em uma espécie de sítio na região rural de Pendotiba, em Niterói, onde morávamos. O fundador, Dalton Gonçalves², um renomado professor de física, havia criado uma escola única, que se tornou uma referência em educação.

Os anos que passei na Aldeia Curumim foram inesquecíveis. Tenho um carinho especial pelos professores, principalmente os da aula de música que me apresentavam instrumentos clássicos e medievais, despertando em mim uma grande paixão musical.

² Dalton Gonçalves, professor de Física, autor de vários livros e educador de muitas gerações, vinha observando há anos que as dificuldades apresentadas pelos alunos do Ensino Médio e da Universidade eram decorrentes de lacunas no processo de ensino aprendizagem na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

Lembro com muito carinho de um professor de música, Marcio. Ele apreciava meu interesse pelos instrumentos musicais e, em especial pela história dos instrumentos musicais da Idade Média. Mantenho até hoje, contato com o professor e já ajudei a sua família numa causa judicial.

Na biblioteca da Aldeia, recordo-me de uma senhora chamada Gilda, que com carinho me ajudava a escolher livros para ler. Eu imaginava que ela também tinha o mesmo carinho pela minha mãe, pois ambas valorizavam a leitura. Ela me chamava de Pablito, filho da Margarida.

Ao longo desse período, desenvolvi uma paixão por ouvir e contar histórias, teatro, música e construir cabanas nos morros da Aldeia. Essa prática era possível, na hora do recreio. Eu ia para um dos morros da escola, em companhia de outros colegas e construíamos cabanas com galhos e folhas das árvores do lugar.

Lembro que minha mãe contou que um dos meus textos, feitos na sala de aula à pedido da professora como atividade de classe, foi lido na reunião da direção. Minha mãe costumava me contar essa história com muito orgulho.

Sem dizer o nome do aluno, a diretora, Lúcia Gonçalves, esposa do Dalton, disse na reunião que tinha ficado muito emocionada com um texto que uma das crianças havia escrito sobre a Aldeia Curumim. Sem revelar o nome do aluno, começou a ler o texto.

Minha mãe me dizia que, durante a leitura, começou a identificar algumas coisas semelhantes com o que eu costumava fazer e falar sobre o lugar, mas não chegou a associar que era meu texto. No final da leitura, a Lúcia disse que o texto era meu, minha mãe falou que ficou muito emocionada.

Na aula de teatro, também éramos estimulados a escrever textos, pela professora Carminha. Numa das excursões organizadas

pela escola, lembro que fomos visitar um teatro. Não tenho certeza, mas acredito que tenha sido no Teatro Tablado, no Rio de Janeiro.

Durante a visita, Carminha me disse que o responsável pelo teatro queria conhecer o autor de um texto que eu tinha escrito, e me apresentou à essa pessoa. Ele me disse que gostou muito do texto e pediu para eu contar um pouco sobre ele.

Contava com cerca de uns 8 anos de idade. Lembro-me de o texto contar uma história sobre uma estrela, que passeava pelos planetas e gostava de conhecer lugares novos, essa lembrança me traz uma grande satisfação.

Família muito ligada à educação e ao magistério

Minha história é profundamente marcada pela influência da minha família, pois meu pai e mãe tinham uma forte conexão com a área da educação e com o magistério. Desde pequeno, guardo uma imagem marcante do meu pai com um gravador portátil, um modelo bem antigo, daqueles que usavam fita cassete. Era época de carnaval em Niterói, onde morávamos. Ele entrevistava alguns foliões e gravava seus relatos.

Outra lembrança do trabalho do meu pai ocorreu quando eu tinha cerca de 4 anos de idade. Ele me levou, junto com a minha mãe, à Lapa, bairro boêmio do Rio de Janeiro para entrevistar Ismael Silva. Ele era um importante sambista, cantor e compositor da música popular brasileira.

Essa entrevista acabou se tornando parte de seu trabalho de mestrado, que posteriormente foi transformado em um livro. Não compreendia completamente o que meu pai fazia, pois além de dar aulas, ele se dedicava às entrevistas e adorava viajar. Lembro que fomos até o Nordeste para entrevistar algumas mulheres artesãs

que trabalhavam com rendas e também artesãos que trabalhavam com barro e outros que confeccionavam máscaras carnavalescas.

As pessoas me diziam que ele era professor e pesquisador da cultura popular brasileira. De fato, meu pai era professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal Fluminense, cargo que ocupou até a sua aposentadoria. Atualmente, com seus 74 anos, ele continua escrevendo livros e artigos nas suas áreas de atuação: Literatura, Cinema e Filosofia.

Em relação à minha mãe, ela foi professora primária durante anos e também trabalhou na biblioteca da minha escola, a Aldeia, desempenhando um papel essencial na formação da leitura e compreensão textual dos alunos. Posteriormente, fez outra graduação, a de Fonoaudiologia. Trabalhou por anos com crianças com deficiência e dificuldades de aprendizagem.

Minha mãe relatava que minha avó materna foi professora em escolas no interior de São Paulo e exercia a profissão com muita dedicação.

Desde os primeiros relatos de minha mãe, soube que minha avó foi uma dedicada professora primária no interior de São Paulo, antes de assumir o papel de cuidar de sua família, formada pelo meu avô e por cinco filhas.

Esse legado educacional enraizou-se em nossa família, de tal modo, que as minhas tias seguiram carreiras ligadas ao magistério e a pesquisa acadêmica. As lembranças afetuosas que tenho de minha infância também estão intrinsecamente relacionadas às preciosas aulas que recebi de meus avós.

Meu avô, funcionário do Banco do Brasil, era apaixonado por matemática, língua portuguesa e história. Já minha avó, a educadora de coração, transmitia com carinho e dedicação os conhecimentos adquiridos ao longo de sua carreira. Quando eles me davam aulas ou explicações sobre as matérias da escola, sentia-

me protegido e confortável, durante esses momentos de aprendizado.

Recordo com carinho os encontros em família, nos quais minhas tias compartilhavam suas experiências escolares e desafios com o estudo quando crianças e adolescentes. Diziam que meus avós costumavam reunir as filhas para ajudá-las com as tarefas escolares, promovendo um ambiente de colaboração e apoio mútuo.

Essa prática constante reforçou em mim a importância do trabalho em equipe e do incentivo ao desenvolvimento acadêmico. Cada uma de minhas tias deixou sua marca singular em minha trajetória.

Tia Marta, a "Voadora", pesquisadora do Instituto Fiocruz, inspirou-me com sua paixão pelo conhecimento. Ainda criança, dei-lhe esse apelido devido à sua aparente distração. Ela me contou que em uma das aulas na sua escola a professora explicou os movimentos da Terra: Rotação e Translação, no entanto, como a mesma costumava "voar" nas aulas, quando a questão caiu na prova, ela respondeu que na Terra havia muita movimentação: de bondes, de bicicletas, de carros e de ônibus. Ela mesma andava de bicicleta e à pé. Sua criatividade e espírito livre me ensinaram que o aprendizado pode ser lúdico e leve.

Tia Mônica, pesquisadora do Instituto Casa de Rui Barbosa, encantou-me com suas histórias fantásticas, e mesmo cômicas, que acreditava serem verdadeiras. Através de suas narrativas, compreendi a importância da oralidade e da imaginação como elementos fundamentais na construção do conhecimento.

Tia Beatriz, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) de Artes, também é artista plástica. Desde criança adorava entrar em sua oficina nos fundos da casa dos meus avós para observar seu trabalho artístico.

Outra tia minha, Verônica, é professora do CEFET no Rio de Janeiro. Fiz algumas viagens, na adolescência com ela e seu marido, meu tio Fernando em viagens a Lumiar. Esse lugar é um distrito de Nova Friburgo repleto de rios, cachoeiras e matas.

A região é muito bonita e costumava apreciar o lugar e tirar muitas fotos. Meu tio gostava muito de fotografia e me ensinava muito sobre essa arte. Esse convívio permitiu-me apreciar a beleza da natureza e a importância da interação com o meio ambiente como parte integrante da formação do indivíduo.

Essas primeiras memórias escolares ao lado de minha família materna foram cruciais para despertar em mim o amor pelo conhecimento, cultura e pela educação. Essa influência profunda e inspiradora me motivou a trilhar o caminho acadêmico, aprofundando meu interesse por aprender, ensinar e contribuir para o desenvolvimento da sociedade por meio da educação. Sou grato por essa herança valiosa, que me impulsionou a seguir a carreira de educador/a e pesquisador, honrando o legado deixado por minha família.

A graduação em psicologia e a PUC-Rio e o universo da saúde mental. Minha jornada acadêmica e a influência da minha família e da escola.

Minha trajetória acadêmica é fruto de uma série de escolhas e influências significativas que moldaram minha carreira e paixão por aprender buscando sempre soluções para os desafios da sociedade. Me graduei em Psicologia no ano 2000. A decisão de cursar Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 1995, aos 20 anos, foi um ponto de virada que mudou o rumo da minha vida.

Desde cedo, fui inspirado principalmente pela influência da minha família materna, na qual a educação era uma tradição. Minha avó e minhas cinco tias, todas ligadas ao magistério e à pesquisa acadêmica, foram figuras marcantes em minha formação. Esse ambiente foi enriquecido pelos ensinamentos da Aldeia Curumim, onde valores humanitários, igualdade e respeito ao próximo eram vivenciados e incentivados, proporcionando um convívio digno e acolhedor.

A graduação em Psicologia foi minha primeira experiência acadêmica, e durante os cinco anos de curso senti uma profunda sensação de bem-estar e gratificação. A PUC-Rio, de alguma forma, me remetia aos valores aprendidos na Aldeia Curumim e ao ambiente acolhedor que tive com meus familiares. Essa vivência reforçou meu propósito de compreender a complexidade humana e buscar soluções para questões sociais relevantes.

Logo no início da graduação, conquistei uma bolsa do CNPq (PIBIC) para pesquisas em neurociências sob a orientação do professor J. Landeira Fernandes. Ele trouxe a inovadora perspectiva da neurociência para um ambiente acadêmico até então predominantemente voltado para a psicanálise de orientação lacaniana. Essa oportunidade foi fundamental para o meu crescimento acadêmico e me impulsionou a aprofundar meus estudos sobre o cérebro e a mente humana.

Ainda durante a graduação, tive a oportunidade de trabalhar na área de marketing e recursos humanos em uma instituição de saúde. Essa experiência me proporcionou uma visão ampliada da importância da saúde mental e da árdua tarefa de lidar com questões de saúde sob uma perspectiva humana e comercial.

Após concluir a graduação em Psicologia, decidi seguir uma nova jornada e ingressei na graduação de Direito na Universidade Estácio de Sá, em 2004. Essa escolha foi influenciada pelas

memórias familiares, pela vivência na Aldeia Curumim, na Psicologia e no Direito.

Acredito que essa junção de saberes foi um passo importante para a consolidação de uma visão interdisciplinar e uma abordagem mais abrangente dos desafios da sociedade.

Minha dedicação à educação inclusiva e à promoção dos direitos humanos me levou a realizar Pós-Graduação Lato Sensu em Direito Público, com enfoque em Constitucional, Administrativo e Tributário.

Mais tarde cursei Mestrado na Universidade Federal Fluminense com uma dissertação que abordava as dimensões da proteção jurídica dos direitos sociais dos idosos, com foco no direito à saúde.

Atualmente, sou Doutorando pela Universidade Federal Fluminense, no Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão. Minha pesquisa busca estabelecer um paralelo entre a evolução histórica da perspectiva do direito e da liberdade social no Brasil, a partir da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), Lei nº 13.146/2015, para pessoas com deficiência.

A mudança trazida pela LBI é crucial para a implementação de uma nova política de saúde mental no país substituindo o antigo modelo manicomial por dispositivos comunitários e efetivando a inclusão e os direitos humanos dessa população.

A Lei nº 10.216/2001 (BRASIL, 2001) marcou uma mudança significativa ao não colocar mais a internação como tratamento principal para pessoas com transtornos mentais, estabelecendo a necessidade de implementar dispositivos comunitários para viabilizar a Política Nacional de Saúde Mental (BRASIL, 2001). Essa transformação foi essencial para evitar a perpetuação do antigo modelo manicomial abrindo caminho para uma nova concepção da deficiência.

Ao categorizar as pessoas com transtornos mentais como deficiência, a CDPcD e a LBI permitiram o acesso a diversos direitos, incluindo a educação inclusiva. Essas leis praticamente aboliram o termo "Incapacidade Absoluta" do cenário brasileiro, passando a presumir a capacidade das pessoas com deficiência.

Essa nova perspectiva da deficiência transcende as esferas da justiça, medicina e do indivíduo, tornando-se uma questão que envolve todos os setores da sociedade com deveres jurídicos a cumprir. Assim, o Direito, a Educação e a Saúde devem trabalhar de mãos dadas para efetivar o tratamento e a manutenção dos Direitos Humanos da população com deficiência, suas famílias e comunidades.

Conclusão

Nesse sentido, é fundamental a participação de toda a sociedade na efetivação dessas leis e políticas públicas, traduzindo o texto legal para a realidade cotidiana. Garantir o bem-estar, qualidade de vida e saúde, com igualdade e respeito às pessoas com deficiência é um imperativo para que seus direitos humanos não sejam minimizados, mas sim expandidos.

Minha escolha de seguir o programa de doutorado no PCGTIn também foi influenciada por memórias familiares, vivências na escola, na Psicologia e no Direito. O programa aborda temas que me atraem, como ciência, tecnologia, educação e inclusão social, reforçando meu compromisso em compreender a complexidade humana e promover a inclusão.

Minha trajetória acadêmica foi profundamente moldada pela minha família e pela Aldeia Curumim, onde adquirir valores fundamentais que guiam minha atuação profissional até hoje. A dedicação à educação inclusiva e a preocupação com a saúde são reflexos dessa formação que me impulsionam a buscar soluções

para os desafios da sociedade. Sou grato por essa influência, pois ela alimenta minha paixão por aprender e contribuir para a construção de um mundo mais justo e igualitário.

Acredito que a educação tem um papel fundamental em ensinar a diversidade, o respeito e o convívio pacífico entre as pessoas. A interseção entre a Educação, a Psicologia, a Saúde e o Direito é um campo fértil para a busca de entendimentos e a criação de uma educação inclusiva e transformadora.

Meu compromisso é contribuir para a efetivação dos direitos humanos e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a dignidade de todos seja preservada e ampliada.

Referências

ABREU, C. B.; SOARES, I. D.; Concretizando os direitos da pessoa com deficiência a partir de uma responsabilidade solidária e multifacetada. Revista Interdisciplinar de Direito. Faculdade de Direito de Valença. v. 15, n. 2, pp.81- 98, jul./dez. 2017.

BRASIL. Decreto Legislativo nº 186, de 2008. Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/congresso/dlg/dlg-186-2008.htm. Acesso em: 30 mar. 2023.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 25 mai. 2023.

BRASIL. Lei n.º 10.216, de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm. Acesso em 25 mai. 2023.

BRASIL. Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm . Acesso em: 25 jun. 2023.

SANTOS, Gildenir Carolino; PASSOS, Rosemary (Colab.). Manual de organização de referências e citações bibliográficas para documentos impressos e eletrônicos. Campinas, SP: Autores Associados; Ed. UNICAMP, 2000.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 21.ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2000. p. 175-176. Cap. 7. <https://www.aldeiacurumim.com.br/historico>, consultado em 27 de julho de 2023.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ismael_Silva, consultado em 27 de julho de 2023.

TECENDO CAMINHOS NA VIDA ENTRE A EDUCAÇÃO E A TECNOLOGIA

Silvia Cristina Rufino

Da vida, sei quase nada....

*Sei que as alegrias passam mais rápido
que as férias de verão....*

*Sei que os amores chegam quando se
está distraído.... e se vão quando se está
apegado....*

*Sei que a beleza nunca está aparente, e
as feiuras igualmente se escondem.*

*Sei que a tristeza chega quando menos
se espera e parte sem avisar.*

*Sei que o mar nem de perto se compara
a infinitude da dor e da alegria de uma
mãe.*

*Sei que na vida é possível e
recomendável que se viva muitas vidas....*

*Sei que momentos ruins e rotinas são
igualmente essenciais para manter um
indivíduo saudável.*

*Sei que pessoas transitam em nossa
caminhada na rua certa e na hora exata.*

*Sei que desta vida não se deve querer
nada, além de amor e muita paz nesta
caminhada.*

*Escrita nas areias da praia, em um belo
dia de sol de fevereiro de 2020*
Sílvia Rufino

Apresentação

Este memorial é uma reflexão sobre a minha jornada pessoal e profissional, uma trajetória que se deu na intersecção da tecnologia e da educação. É uma história de desafios, superações, aprendizados e conquistas, que se entrelaçam para constituir o mosaico da minha vida.

Ao compartilhá-la, espero não apenas honrar as experiências que moldaram quem eu sou, mas também inspirar outros a não desistir das suas realizações, a enfrentar adversidades com resiliência e sempre buscar o conhecimento.

Minhas Origens são Minhas Raízes

Minhas origens são fundamentais para compreender quem eu me tornei como profissional e como pessoa. A aglutinação desses caminhos se dá de forma muito direta, pois, a força, determinação e resiliência dos meus pais, foi o ponto de partida para minha própria jornada.

Nasci em novembro de 1973, na cidade do Rio de Janeiro, durante a última década da ditadura militar instaurada no Brasil em 1964.

Sou a primogênita de uma família de origem humilde, filha de pais negros e trabalhadores. Meu pai, um dedicado militar da Marinha Brasileira, abandonou seu lar ainda na infância para se tornar um "Aprendiz de Marinheiro" no sul do país. Sua decisão foi motivada pela necessidade de contribuir para o sustento de sua numerosa família, composta por doze irmãos que viviam em condições de pobreza. Apesar das constantes viagens e da rotina exigente que sua carreira naval impunha, meu pai conseguiu concluir dois cursos universitários e se tornou operador de som da força submarina. Suas conquistas, fruto de muita dedicação, sacrifício e longas horas de estudo, sempre ressaltaram para mim não apenas a importância, mas também a necessidade de investir na educação.

Minha mãe, uma dona de casa, que interrompeu seus estudos durante o ensino fundamental, ao perceber que não conseguia mais auxiliar-me com as tarefas escolares, decidiu, mesmo contra a vontade do meu pai, retomar sua educação formal. Determinada a finalizar seus estudos, tomou gosto e se formou professora, um pouco depois que eu terminei a faculdade.

Estes exemplos de força, determinação e resiliência moldaram minha trajetória, servindo como fonte de inspiração. Assim como a maioria das mulheres negras e residentes em áreas periféricas neste país, minha jornada foi pontuada por desafios e superações.

Os primeiros passos no caminho da educação e tecnologia

Apreendi a ler e escrever aos 3 anos de idade, um marco que sinalizou meu precoce interesse pelo conhecimento. Aos 12 anos, em 1985, conheci um projeto com cursos gratuitos para a comunidade, fiz um curso livre de informática, me interessei pela

manutenção e programação de computadores, uma área ainda muito nova no meio onde eu convivia, contudo promissora. Foi desta forma que iniciei minha jornada na área de tecnologia.

Em 1991, iniciei a formação acadêmica com a graduação no extinto curso de Tecnologia em Processamento de Dados pelas Faculdades Integradas Simonsen (FIS).

Durante a faculdade, iniciei minha jornada profissional como auxiliar administrativo em uma empresa especializada em tecnologia (Cursor Informática), com o objetivo de financiar meus estudos. A empresa se dedicava ao desenvolvimento de sistemas e construção de equipamentos para tarifação em telefonia, uma necessidade da época, já que as centrais telefônicas careciam de recursos robustos para o monitoramento de seus registros.

Neste cargo, tive a oportunidade de aprender sobre a rotina administrativa do setor de suporte. Minhas responsabilidades incluíam oferecer apoio administrativo e operacional ao supervisor e aos técnicos do setor, realizar atendimento telefônico, organizar e enviar arquivos e documentos, gerenciar planilhas e contratos, além de programar e coordenar todas as visitas técnicas, incluindo as viagens dos técnicos.

Esta experiência foi minha porta de entrada para o setor de tecnologia. Mesmo atuando na área administrativa, tomei a iniciativa de me envolver com o suporte técnico, prestando atendimento aos clientes. Esta proatividade foi recompensada com uma rápida promoção para uma função técnica na minha área de interesse. Poucos anos depois, ascendi ao cargo de Analista de Sistemas Trainee, onde passei a atuar na manutenção e desenvolvimento dos sistemas da empresa.

Nesta empresa, adquiri uma vasta experiência e tive a oportunidade de trabalhar como técnica terceirizada em grandes empresas, incluindo unidades da PETROBRAS em todo o Brasil e a Aracruz Celulose. Este primeiro emprego foi fundamental para

minha ascensão profissional e para a consolidação da minha carreira na área de

Desafios Pessoais e Profissionais

No último ano da graduação, enfrentei um dos momentos mais difíceis da minha vida: meu pai adoeceu gravemente e entrou em estado terminal. Durante alguns meses, dediquei-me a acompanhá-lo no hospital até o seu falecimento. Mesmo diante dessa situação dolorosa, meu pai, sempre enfatizando a importância da educação, insistiu para que eu mantivesse minha frequência na faculdade, mesmo enquanto estivesse ao seu lado no hospital. Com muita dificuldade, consegui atender ao seu pedido. Paralelamente, na empresa onde trabalhava, consegui uma licença para poder estar com ele durante esse período desafiador.

Após a perda de meu pai, consegui retomar minhas atividades profissionais e, alguns meses depois, concluí a graduação. No entanto, a vida me apresentou novos desafios: minha mãe sofreu um AVC e necessitou de cuidados intensivos. Além disso, minha irmã, ainda adolescente, também precisava de supervisão.

Assim, aos 20 anos, assumi a responsabilidade de ser o pilar da minha família, uma tarefa desafiadora, especialmente considerando que não tínhamos parentes próximos, na cidade, que pudessem auxiliar.

Apesar dessas adversidades, consegui oferecer suporte à minha família e continuar minha trajetória acadêmica e profissional, embora de maneira um pouco menos intensa. A resiliência se tornou uma constante em minha vida, permitindo-me enfrentar e superar os obstáculos que surgiam.

Especialização e Expansão de Horizontes

Em 1994, depois de ter exercido diversas atividades na área de tecnologia, já sabia exatamente em qual direção seguir. Assim,

para aprofundar meus conhecimentos na área de Análise de Sistemas, realizei uma especialização em Gestão de Projetos e Análise de Sistemas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde conheci meu marido.

Para conciliar o curso e os cuidados com a família, decidi trabalhar como profissional freelancer, todavia, em dado momento faltou-me recursos financeiros e entrei em negociação com a universidade, me comprometendo com a realização do pagamento após o término do curso. Em razão da minha situação familiar e do meu bom desempenho acadêmico, encontrei acolhimento à minha demanda na Universidade a qual sou muito grata.

Ingresso na Carreira Docente

Logo após o término da especialização, em 1996, não tive muitas opções de trabalho, fora o que já vinha exercendo como profissional freelancer, que me permitissem cumprir com as obrigações necessárias em casa.

Por meio do convite de um amigo, ingressei como docente em algumas escolas técnicas e faculdades. Inicialmente, não me pareceu uma boa opção, mas em razão da insistência do meu amigo, resolvi tentar.

Iniciei a carreira como docente na área de informática, em algumas escolas técnicas da Baixada Fluminense e Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Me surpreendi com a fluidez do trabalho que estava realizando e de como se tornou uma atividade prazerosa para mim

Em 1998 passei no concurso para Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) e retornei à PUC para pagar as mensalidades ainda em aberto, referente ao curso de pós-graduação, finalizado em 1996.

Foi nesse período que meu marido e eu decidimos unir nossas vidas.

Como docente no CEFET/RJ, inicialmente trabalhei na elaboração do novo Curso Técnico de Eletrônica com ênfase em Informática e mais tarde na elaboração do Curso Técnico de Informática, lecionando nos dois cursos supracitados. Atuei também auxiliando em projetos da Diretoria de Informática e na Divisão de Projetos Educacionais da instituição.

Desta forma, além da experiência em sala de aula, como docente, esta conquista gerou algumas oportunidades profissionais relevantes, dentre as quais cito:

□ Participação no projeto e desenvolvimento do primeiro Ambiente de Virtual de Aprendizagem (AVA) do Consórcio Cederj - Fundação CECIERJ. Consórcio que por meio de acordo de cooperação técnica, reúne a Secretaria de Ciência Tecnologia e Inovação do Estado do Rio de Janeiro (SECTI), a Fundação Cecierj, e as Instituições de Ensino Superior (IES) Públicas sediadas no Estado do Rio de Janeiro. Atuei também na capacitação da utilização deste ambiente virtual, destinada aos profissionais e discentes do Consorcio e dos diversos Pólos. (2001 – 2006)

□ Docência e colaboração no desenvolvimento do projeto do curso de Tecnologia na Educação. Orientação aos estudantes (professores da Universidade Federal Fluminense – UFF) no desenvolvimento de projetos educacionais. (2003 – 2006)

□ Elaboração e implantação de um sistema para lançamentos de notas na unidade do Maracanã. (2004 – 2008)

□ Análise, reestruturação e implantação de um novo site institucional. (2004 – 2008)

□ Participação no grupo de elaboração e implantação do Programa Jovem Aprendiz da Petrobras, elaborando material didático na área de tecnologia, desenvolvendo e implantando a Plataforma de monitoramento e distribuição de conteúdo. (2005 – 2009)

□ Desenho Pedagógico, implantação, configuração, manutenção e treinamento do AVA Moodle para a Universidade Aberta do Brasil (UAB) no âmbito do CEFET/RJ. (2006 - 2013)

□ Desenho Pedagógico, Gerência e Acompanhamento da Plataforma Moodle e Apoio ao projeto de implantação do curso técnico à distância em parceria com o MEC, para o Sistema Escola Técnica Aberta do Brasil (e-Tec Brasil) no âmbito do CEFET/RJ. (2008 - 2013)

□ No período de 2019 a 2021, assumi temporariamente o cargo de vice-diretora geral do CEFET/RJ. Nessa posição, minha principal tarefa foi liderar a transição de todos os processos administrativos e acadêmicos da instituição para o ambiente digital. Este foi um desafio considerável, considerando que a instituição ainda se baseava majoritariamente em processos físicos, ou seja, "em papel". Durante esse processo, implementamos aulas online utilizando as ferramentas e o ambiente virtual fornecidos pela Microsoft, estabelecendo novas normas e procedimentos. Iniciamos o estudo e tratativas para a implantação do sistema para tramitação de processos digitais. Essa experiência, embora desafiadora, foi tecnicamente gratificante. De maneira inesperada, consegui liderar com sucesso uma transformação significativa na maneira como a instituição operava.

Ao longo da minha trajetória no CEFET/RJ, ao exercer a função de gestora nos diversos projetos que atuei, naturalmente me afastei das funções executivas de programação e manutenção de computadores, me aproximando gradativamente de funções ligadas a administração e gestão, sentindo a necessidade de desenvolver outras habilidades.

Em 2005, ingressei na graduação em Administração Industrial e ao final do curso, em 2012, solicitei transferência para atuar como docente no curso técnico em Administração do CEFET/RJ.

Enfrentando Desafios Pessoais e Transformando a Prática Docente

Em 2006, nasceu meu primeiro filho. Ele tem transtorno do espectro autista (grau de suporte nível 2) e, desde o início, enfrentou muita dificuldade com a inclusão escolar. As adversidades que enfrentamos em várias escolas e as limitações que nos foram impostas, como certa feita, a afirmação por parte da direção de uma escola, de que ele jamais conseguiria se desenvolver ou obter conquistas acadêmicas, me desafiaram a buscar soluções. Esta busca me apresentou às diversas possibilidades que a medicina e a pedagogia poderiam oferecer para nos suportar nesta jornada.

Assim como minha mãe retornou à escola para me ajudar nas lições de casa, eu também me dediquei a aprender mais para apoiar meu filho. Este caminho abriu a porta para um mundo de possibilidades, que me levou a refletir e revisitar minha prática docente, minha relação com os estudantes e com a individualização do processo de ensino-aprendizagem de cada um. Comecei a pensar e aplicar novas e diferentes formas de ensinar e aprender. Compreendi a importância do estudante ser o centro e o sujeito deste processo. Aprendi a ouvir mais e me dedicar às demandas dos estudantes, me comprometendo com a possibilidade de trabalhar soluções que extrapolassem o padrão esperado. Enfim, este desafio foi o motor de uma revolução na minha prática docente.

Aprofundamento da Pesquisa em Tecnologia e Educação

Durante a graduação em Administração Industrial que finalizei em 2012, desenvolvi a monografia sobre a Utilização de Ambientes Virtuais no Ensino de Administração, orientada do professor Dr. Antônio Mauricio Castanheira das Neves. Esta monografia apresentava uma parte do trabalho que, na época, estava desenvolvendo em sala de aula.

Em 2012, iniciei o Mestrado em Ciência da Informação no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), apoiado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), concluído em 2015. Durante o mestrado, desenvolvi uma pesquisa sobre estratégias de ensino-aprendizagem para a sociedade do conhecimento, com foco em na minha experiência prática no curso Técnico em Administração do CEFET/RJ. Conteí com a orientação do professor Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti e com a coorientação da professora Gilda Olinto.

Esta dissertação complementou e fundamentou o trabalho iniciado na graduação, que apresenta um jogo, suportado pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), Plataforma Moodle, para promover atividades práticas em uma disciplina essencialmente teórica, denominada Direito Empresarial. Nesta prática os estudantes recebiam um perfil e participavam da análise de casos e situações simuladas para cada perfil recebido. As práticas realizavam-se em sala de aula, presencialmente, todo o registro, circulação de documentação e demais materiais se davam no AVA.

Esse projeto foi um marco em minha carreira, pois me permitiu explorar em sala de aula, novos paradigmas e experimentar a interseção entre tecnologia e minha prática docente.

Desafios, Resiliência e um Olhar para o Futuro.

Enquanto eu escrevia a dissertação do mestrado, em 2014, meu marido faleceu de forma repentina, devido a um câncer no cérebro. Este evento ocorreu quando eu estava grávida do nosso filho caçula. Apesar das dificuldades, consegui continuar minha jornada, sempre buscando formas de contribuir para a sociedade através da educação e da tecnologia.

Entretanto, após finalizar o mestrado em 2015, foi necessário fazer uma longa pausa nos estudos acadêmicos, para organizar e reorientar a família e toda a sua dinâmica.

Em 2022, iniciei o Doutorado em Ciências, Tecnologias e Inclusão na Universidade Federal Fluminense (UFF), sob a orientação do professor doutor Robisom Damasceno Calado. Onde tenho oportunidade de aprofundar ainda mais meus conhecimentos e habilidades na área de tecnologia e educação.

Minha trajetória é marcada por uma busca constante pelo conhecimento, desde a infância. Minha dedicação à minha família, à pesquisa e ao ensino, aliada à minha experiência prática na área de tecnologia, faz de mim uma profissional de destaque em minha área de atuação. Estou sempre buscando novas oportunidades para aprender e contribuir para a sociedade, com base nas minhas experiências pessoais e práticas profissionais que seguem alinhadas constituindo a filha, a irmã, e mãe, a professora e a pesquisadora, enfim, esta pessoa que me tornei!

Reflexão Final

Refletindo sobre minha jornada, percebo que cada desafio, cada reviravolta, cada vitória e cada perda foram responsáveis por moldar a pessoa e a profissional que sou hoje. Cada momento, cada decisão, cada reviravolta tem sido uma oportunidade para aprender e crescer. Ao olhar para trás, vejo que minha jornada não foi fácil, mas cada obstáculo que encontrei me tornou mais forte e mais determinada.

Através da educação, aprendi a importância do conhecimento e da aprendizagem contínua. O exemplo dos meus pais me ensinou que a educação é a chave para abrir portas, A tecnologia, por outro lado, me permitiu explorar novas fronteiras e expandir meus horizontes.

A maternidade me apresentou novos desafios e alegrias. Aprendi a ser resiliente, a adaptar-me e a encontrar soluções

criativas para os problemas. Aprendi a importância de ser um modelo para meus filhos, de mostrar-lhes que, com determinação, estudo e trabalho duro, eles podem alcançar seus sonhos.

Ao longo da minha carreira, tive a oportunidade de trabalhar em uma variedade de projetos e iniciativas que me permitiram fazer uma diferença positiva na vida de muitas pessoas.

Este memorial é mais do que apenas uma recordação do meu passado. É um testemunho do meu compromisso com a educação, com o uso adequado da tecnologia e com a busca constante pelo conhecimento. É uma celebração das minhas conquistas, uma reflexão sobre as lições aprendidas e uma promessa para o futuro. E, acima de tudo, é uma homenagem à minha família, aos meus mentores e aos estudantes, que me inspiraram e me apoiaram em cada passo do caminho.

Agradeço a todos que fizeram parte da minha jornada até agora, e olhando para o futuro, me preparo para as possibilidades que ainda estão por vir. Estou comprometida em continuar aprendendo, crescendo e contribuindo para a sociedade de maneira significativa.

Referências

RUFINO, Silvia Cristina. Estratégias de ensino-aprendizagem para a sociedade do conhecimento: uma experiência prática no curso Técnico em Administração do CEFET/RJ. Orientador: Prof. Dr. Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti. Coorientadora: Profa. Dra. Gilda Olinto. Rio de Janeiro, 2015. Dissertação (Mest. em Ciência da Informação)- IBICT/UFRJ-ECO. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/979/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o-SILVIA%20RUFINO-981539891%20%281%29.pdf>

RUFINO, S. C.. Alunos vivenciam mundo do trabalho em jogo virtual. 2012. (Programa de rádio ou TV/Entrevista para o Portal do Professor - MEC)

RUFINO, S. C.; CASTANHEIRA, Maurício ; PACHECO, M. C. M. N. . A utilização de ambientes virtuais como recurso pedagógico no processo de ensino aprendizagem em Administração: Caso da disciplina de Direito Empresarial no curso técnico em Administração do CEFET/RJ. Anais do Congresso Virtual Brasileiro de Administração, 2012.

RUFINO, S. C.; LIMA, R. L. ; SARAMAGO, F. A. ; Spinola, A.I.D. . Por uma nova pedagogia: Contextualizar para aprender a trabalhar com as novas tecnologias de informação e comunicação. In: Encontro Paranaense de Informática Educacional - ENINED, 2006, Foz do iguaçu. Encontro Paranaense de Onformática Educacional - Consolidando a Integração da Tecnologia na Educação, 2006.

LIMA, R. L. ; RUFINO, S. C. ; SARAMAGO, F. A. . Tecnologia na Educação: O caminho de aprender e ajudar a aprender. In: Tecnologia na Educação: O caminho de aprender e ajudar a aprender., 2004, Córdoba. Anais do VIII Congreso de Educación a Distancia CREAD Mercosur, 2004.

UM PROFESSOR EM ETERNO APRENDIZADO

Eduardo Lanes

*"A educação é um ato de amor, por isso,
um ato de coragem."*

Paulo Freire

Ah, essa coisa de escrever em 1ª pessoa...

Em textos acadêmicos, não se recomenda essa forma, ao menos até o doutoramento. Nem tampouco me sinto bem em fazê-lo. Entretanto, já não era a hora de falar de mim mesmo numa perspectiva de reflexão? Não seria a oportunidade de verificar o meu lugar, a minha identidade? Então, vamos lá.

Venho de uma família de origem simples, pais nascidos no interior do Espírito Santo, netos de portugueses e bisnetos de italianos e franceses (Lanes). Já aos quinze anos, cursando o ensino médio, encontrava-me numa roleta de ônibus para ajudar no sustento da casa. Vários empregos além deste: datilógrafo, office-boy, auxiliar administrativo, desenhista de arquitetura, programador de sistemas e, após concluir a faculdade, professor de

Educação Artística e, hoje, de Desenho Geométrico no Colégio Pedro II.

Na graduação (Escola de Belas Artes – UFRJ), tive a oportunidade de experimentar várias expressões artísticas e técnicas. Certamente, isto influenciou diretamente na pessoa que sou hoje: predisposição a várias áreas do conhecimento e, portanto, com boas relações interpessoais com colegas de outras disciplinas. Na mesma Escola, concluí a Especialização em Técnicas de Representação Gráfica.

No Colégio Pedro II, onde trabalho há 26 anos, cursei o Mestrado em Educação Básica. Embora não seja esse um curso ligado à inclusão na educação, desenvolvi minha pesquisa junto a um estudante cego e construí um aparato tridimensional de modo a possibilitar o acesso, por meios táteis, aos conhecimentos da Geometria Descritiva, disciplina típica no Ensino Médio da instituição. O doutoramento no PGCTIn é, para além da necessidade na continuação dos estudos, uma oportunidade que tenho em ratificar minha certeza e defesa, enquanto docente e ser humano, de que as pessoas com deficiências são pessoas, que estudantes com necessidades específicas são estudantes. Ser diferente não é normal, é fundamental.

Peço desculpas ao leitor se, porventura, a falta de ordem cronológica nesta narração o atrapalhe. Sigamos. Paralelamente, tenho uma vida muito ligada à música. Sou regente de um coral comunitário em minha cidade (Maricá-RJ), com 28 anos ininterruptos de ensaios e concertos. É um trabalho voluntário sem o qual minha vida seria mais vazia. Após cada ensaio, cansativo por vezes, rejuvenesço quando volto a casa.

O período pandêmico, além de ceifar milhares de vidas, serviu para me/nos mostrar que atividades ligadas à música não devem ser interrompidas, sob o risco de complicações de ordem psíquica. O papel do regente muito se assemelha ao de um professor. Por esta razão, resolvi incluir esta experiência que

também tenho, pois, de alguma forma, está ligada à minha trajetória enquanto docente.

Acredito que o exposto até aqui tenha sido um resumo da minha vida profissional e acadêmica. Peço ao leitor mais um fôlego para eu continuar discorrendo; desta vez, sobre como me reconheço enquanto professor.

Preciso confessar que, no início da graduação na Escola de Belas Artes, as disciplinas da licenciatura foram as que menos me dediquei. Não ousou, entretanto, criticar os professores e professoras dessa área. O fato é que não consigo relacionar os diversos episódios de sala de aula, sucessos e fracassos na minha vida enquanto professor, às aulas de natureza pedagógica que tive na época. Lembro-me com riqueza de detalhes algumas falas e aprendizados nas aulas de Desenho Geométrico e Projetivo, oficinas de diversos materiais, Desenho Artístico, Modelo Vivo, Linguagem Teatral, Técnicas de Expressão Oral e Corporal e tantas outras diretamente ligadas ao fazer artístico e técnico.

A forma com que me expresso hoje em uma sala de aula é fruto de experimentações e aprendizados no decorrer da carreira em algumas escolas em que já estive. Devo admitir que escrever estas linhas está sendo bom, revelador, até para mim. Assim, acho oportuno compartilhar a satisfação quanto à minha reconstrução como pessoa e, nos moldes deste memorial, como professor. Felizmente, faço até hoje autocríticas sobre minha prática pedagógica. Cada aula é um aprendizado. Cada nova geração de estudantes propõe reflexões fundamentais sobre como entender currículo e realidade discente. Ainda que para uma mesma série, há de se considerar as diferenças entre as turmas e, ainda mais, entre cada estudante. A rotina de trabalho e o formato educacional vigente não colaboram com essa filosofia, mas sigamos na luta.

No início da carreira, tinha um entendimento de que as aulas deveriam ser conduzidas por um professor que impusesse respeito, sugerisse autoridade e que o cumprimento dos conteúdos

fosse o objetivo maior. De certa forma, há algo de razoável nisso. Entretanto, fica sempre a pergunta: será que esses objetivos não seriam alcançados com métodos menos tensos? Temo que esta retórica pareça ao leitor uma discussão romantizada. Para tanto, gostaria de exemplificar com um breve depoimento que é uma espécie de resumo da minha posição hoje e a tônica do que entendo como docência. Nas minhas últimas aulas, tenho usado a seguinte frase como primeira manifestação frente a uma turma nova: “Vocês eu não sei, mas daqui eu só vejo gente bonita!”. Poderíamos discursar infinitamente sobre como é importante a empatia, a predisposição, a gentileza, a delicadeza, mas deixemos que a certeza do que essa frase provocou e provoca nos estudantes fale por si. As comparações do ontem e do hoje parecem ser grandezas inversamente proporcionais: quanto mais se tenta entender que a imposição da autoridade resultará em grandes benefícios acadêmicos, menos isso realmente acontece. Bom, ao menos comigo tem acontecido.

Na mesma linha, desejo agora acrescentar mais um depoimento. Desta vez, sobre como passei a experimentar certas ousadias pedagógicas. Muito se lê, escreve-se e se discute sobre o respeito à autonomia do educando, já dizia Paulo Freire, que me vejo perguntando: quantos de nós colocamos realmente em prática essas verdades? Quantos de nós admitimos que temos receio em sermos descumpridores do famoso conteúdo programático estabelecido ou refém dele? As estratégias pedagógicas e seus métodos devem beirar o arcaísmo? Até quando? Bom, longe de apresentar soluções ou sugestões extraordinárias, segue o prometido depoimento que aborda esta questão.

Como parte de uma tarefa em uma aula de Práticas de Sala de Aula, durante o mestrado no Colégio Pedro II, os professores pediram justamente que nós, mestrandos, ousássemos estratégias com nossas turmas visando àquele sentimento freiriano. Lá estava eu em uma de minhas aulas de Geometria Descritiva para uma

turma de 2ª série do Ensino Médio, também no Pedro II. O tema era “Seção Plana”. Em tese, os alunos já sabiam representar os sólidos geométricos por suas projeções.

A sequência natural na disciplina em pauta era cortar esses corpos geométricos, ou seja, fazer uma seção utilizando um plano secante. Minha proposição às turmas para este novo conteúdo se deu exatamente assim:

“Gente, o nome da nova matéria é Seção Plana. Eu não vou dizer sequer o conceito, não vou orientar e não vou mostrar exemplos. Vocês vão se organizar em grupos que deverão dar a aula sobre a matéria. Deverão conceituar, ensinar todas as etapas, propor exercícios e apresentar gabaritos. Enfim, serão vocês os professores. Terá sido matéria dada e com nota para a Certificação.” (Fala do autor, CPII – Niterói, 2015)

Curiosamente, não reagiram de forma negativa à proposta. Talvez tenham imaginado: hoje o Eduardo está preguiçoso ou perdeu o juízo, de vez.

Qual não foi minha surpresa, o que se sucedeu foram apresentações impecáveis sobre o tema. Utilizaram projeções com slides, maquetes, vídeos de materiais já existentes, distribuíram folhas de exercícios para a turma, enfim, tudo dentro do esperado. Estranheza? Nenhuma. Satisfação de ambas as partes? Total. Experiências como essa me fazem continuar apostando nos estudantes e procurar outras atividades semelhantes sempre com o objetivo de dar o lugar de autoria a eles.

Desejo agora acrescentar que, mais do que durante a especialização, foi no mestrado que passei a respeitar mais e entender melhor os estudantes e seus espaços justamente por voltar a ser um deles. Talvez pelo fato de o mestrado ter sido em Educação Básica. Possivelmente. Na especialização, como já sugere o nome, tudo pareceu caminhar sobre uma via de coisas muito ligadas às questões da disciplina, um percurso curricular muito acentuado. Muito embora esta primeira pós-graduação fosse

dirigida a professores de Desenho e, com o perdão do eco, a professores.

Nem todas as minhas reflexões são feitas por experiências. Esta última, por exemplo, foi a partir do comentário de um professor da Faculdade de Educação da UFF e que talvez não tenha imaginado o quanto foi impactante para mim. Dizia ele: “Eduardo, nós aqui sentimos falta de que os professores busquem mais especializações em serem professores e nem tanto na própria disciplina que leciona”. Coisas boas ficam realmente gravadas.

No doutoramento, a escolha pela inclusão em educação é uma linha de ação da qual não me vejo mais dissociado. Entendo que as discussões e as leis que surgiram em benefício da pessoa com deficiência apareceram com grande atraso, embora encontremos vários professores, especialistas e pesquisadores nesta luta. Pretendo ser mais um nessa lista.

Não temos como não reconsiderar as nossas práticas pedagógicas. Somos professores na situação de alunos. Tanto com o mestrado e, agora, com o doutorado, somos provocados a fazer sempre um novo olhar sobre o corpo discente. A educação inclusiva, com efeito, é somente uma das tantas escolhas que nos remetem à responsabilidade que temos como educadores.

De cada parágrafo daqui, poderia discorrer com riqueza de detalhes muitas coisas. A prudência que ora me interpela também me faz anunciar o fim do trabalho.

A CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO: uma trajetória de vida pautada na influência da família, educação e inserção do sujeito no ambiente

Jaqueline Luna de Oliveira Rocha

*Educação não tranforma o mundo. Educação muda pessoas,
pessoas tranformam o mundo.*

Paulo Freire

Quem sou eu?

A escrita é algo muito complexo pra mim, tenho tudo muito bem elaborado na minha cabeça, mas no exato momento de passar para o papel acontece uma espécie de bloqueio. Nos filmes ouço dizer que escritores passam por fases de bloqueios criativos, seria o que acontece comigo? Sinceramente não sei, talvez seja só insegurança de escrever algo que é muito claro na minha mente, coração e alma.

Sou uma mulher preta, de 37 anos, mãe de um jovem adulto de 21 anos, filha de pais surdos e que passou por períodos de violência, períodos que sinceramente prefiro esquecer. Você, leitor deste trabalho pode estar pensando nesse momento, Jaqueline, mas que fala contraditória, se você quer esquecer, por

que mencionou? Porque infelizmente esses acontecimentos fazem parte da minha construção enquanto indivíduo.

Desde pequena eu trabalho, mas não um trabalho remunerado ou exploração infantil (que fique bem claro), mas um trabalho de amor, respeito e praticamente “automático”. Como disse, meus pais são surdos, então, sempre precisei ser a “voz deles”, não somente a voz, mas os ouvidos também. Era bom, às vezes eu reclamava, afinal era uma criança, mas hoje posso dizer que era muito bom.

Sempre fui a intérprete familiar, achava divertido, mas não era sempre que tinha esse sentimento. Quando se tem pais surdos você entende muito cedo que não tem essa história de “conversa de adultos”. Meus pais se divorciaram quando eu tinha aproximadamente seis anos. Com isso, meu contato mais íntimo era com minha mãe.

Minha mãe trabalhava como Auxiliar Técnica de Produção, mas, se alguém me perguntar, sinceramente direi que ela era professora, a minha professora. Não uma professora formada, com Licenciatura plena, mas uma pessoa formada para criar duas filhas ouvintes, dando-lhes conteúdos de vida. O que seria de nós sem isso? Freire dizia que é necessário conhecer a si mesmo para conhecer o outro. Nossas experiências e vivências deveriam ser mais valorizadas nos espaços da Educação. Afinal, uma aprendizagem crítica se constrói à partir das experiências do indivíduo.

Trazendo para uma realidade mais profissional, trazendo para esse trabalho a reflexão acerca do fazer docente, diria que corroboro com o pensamento Freireano de que a experiência reflete na atuação profissional.

Tive a primeira experiência profissional em uma escola pública de Ensino Médio, atuando como Intérprete de Libras. Nunca fiz um curso ou algo semelhante, mas me julguei capaz, afinal, meus pais são surdos ora. Resultado disto? Não fui nada

bem. Foi um choque de realidade. Tinham regras, pessoas desconhecidas, jeitos de lecionar diferente, e discentes surdos diferentes daqueles que eu estava acostumada a lidar. Não fiquei muito tempo nessa escola, me sentia péssima. Uma crise de identidade se instalou. Por várias vezes me questionei se de fato eu não sabia o que estava fazendo. Foi quando me dei conta que não é porque sei que sou. Como assim? O que eu quero dizer? Quero dizer que o fato de saber a língua, de conviver com surdos não fazia de mim uma profissional intérprete. Assim como, o falante de Língua Portuguesa não é professor de língua Português. Sim, parece óbvio, mas na minha cabeça, até tal experiência, traumática, era isso. Infelizmente, pelo que vejo nos muitos lugares que passo, a compreensão das pessoas em relação a Libras é exatamente essa. É algo como:

-Sabe Libras, logo, você é profissional TILSP.

Depois dessa frustrante experiência nessa escola, fui trabalhar com o telemarketing. Foram meses horríveis, sentia que aquele ambiente, aquela profissão não era para mim. Senti falta da escola.

A virada de chave

Em 2014, fui aprovada em concurso público para trabalhar no cargo de Tradutora Intérprete de Libras no Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. A essa altura, já havia feito o exame de proficiência – PROLIBRAS, exame que era realizado pelo MEC (até 2015).

No dia que me apresentei no RH fui informada que meu departamento de lotação seria o Departamento de Ensino Superior (DESU). Fiquei ansiosa, nunca havia atuado no Ensino Superior, não sabia o que me esperava nessa nova jornada.

Com o passar do tempo veio a necessidade de buscar qualificação. Nesse primeiro momento a motivação foi salarial, não tem como negar. É sabido que a (des)valorização dos profissionais da educação é grande em nosso país. A escolha foi pelo curso com menor tempo de duração. Fiz graduação tecnológica em Gestão Pública e passados os 24 meses de duração me formei. Enfim, me tornei uma pessoa graduada e com salário melhor, objetivo alcançado.

Dias depois, isso mesmo, dias depois senti necessidade de mais. Precisava continuar os estudos, aprender e crescer academicamente. Iniciei a Especialização em Libras, mais 18 meses de estudos. Findado o curso, queria mais. Uma necessidade urgente de mudar de profissão, ser professora, a possibilidade de fazer algo diferente. Ter a possibilidade de fazer a diferença, sobretudo para aqueles que já viviam distantes, sendo uma minoria linguística que se veem, por vezes, isolados no meio da multidão, estou falando dos discentes surdos.

Uma virada de chave, dessa vez, profissional ou seria acadêmica? Fui aprovada no processo de seleção de ingresso no Mestrado do CMPDI- UFF.

O que nos diziam os professores sobre sua trajetória pessoal, estudantil e profissional? Que processos de formação poderiam ser entrevistados a partir dos discursos dos memoriais de formação? Que influências familiares, teóricas, profissionais eram identificadas e retomadas pelos professores na escrita dos seus memoriais? (CÂMARA,2012, p.16).

O ano era 2018, primeira aula, disciplina que falava sobre Legislação e os direitos da pessoa com deficiência. Que perfeita explanação, uma leveza na condução do tema, que capacidade de me provocar sensação de pertencimento. É incrível a capacidade que alguns docentes tem de nos transformar em verdadeiros admiradores e de ser potenciais modelos a se seguir. O problema é

que o oposto também existe. Conforme dito, sou Tradutora Intérprete de Libras e conheci muitas escolas na minha trajetória profissional. Em uma delas, havia uma professora específica que parecia fazer questão de se referir ao discente surdo com mudinho. Para quem não sabe, o termo mudinho é considerado pejorativo pela comunidade surda. Termo que tem como objetivo diminuir ou desqualificar o sujeito pela ausência de voz sonora. Só eu sei o arrepio na espinha que me dá todas as vezes que lembro disso. Podemos pensar que fosse falta de informação, orientação, ou qualquer outro “ão” que pudesse justificar tal comportamento, mas não, diariamente eu explicava que o termo ao qual ela utilizava para se referir a eles era pejorativo, algo que nos dias de hoje, certamente seria caracterizado como bullying. Foram tantos casos que se fosse citar aqui esse memorial se tornaria uma tese.

Como é possível observar, não fui professora ainda. Almejo a Docência. Almejo fazer a diferença. Almejo ser a diferença. Tenho referências do tipo de professora que quero e que não quero ser. Escrevi bastante sobre meu lado profissional, mas pouco falei da Jaqueline aluna. Todos nós somos ou fomos alunos. Mesmo não exercendo ainda a docência, com toda certeza, sei o que senti, conheci e vivi nos espaços escolares.

As escolas parecem não ter sofrido com a ação do tempo. Morei em vários bairros na minha infância. Morávamos de aluguel e para mim, a única “vantagem” de morar de aluguel é a possibilidade de escolher o bairro onde vai morar (não é uma regra, é claro). Com as mudanças de moradia haviam mudanças de escolas e EM TODAS, sim, todas e não é exagero, sofri bullying. Hora por ser magra demais, outra por não ter a aparência “padrão” ou por ter uma mãe surda. Imagina sua mãe ser chamada na escola, pois a direção tinha uma reclamação sobre você e ninguém da escola saber se comunicar com sua mãe. Imaginou? Se a resposta foi sim, acrescenta o fato de ser você a pessoa que irá interpretar a diretora dizer para sua mãe todos os seus problemas

de comportamento. ÉTICA, algo que aprendi muito cedo quando tinha que dizer exatamente as palavras da diretora. A tentação de omitir era grande, confesso, mas por incrível que pareça, sempre fui fiel a minha interpretação.

Voltando para a prática docente, esse é o tema, então vou tentar me manter focada tema. É difícil falar sobre algo que ainda não se fez. Tenho referências, claro! No entanto, voltar no passado nem sempre é algo agradável.

Seria esse o objetivo do memorial? Registrar de alguma forma a relevância do ser individual, do sujeito no seu íntimo, do subjetivo obscuro que se esconde em gavetas, cuja chave preferimos, por vezes, perder.

O que sou e o que quero ser

Quem sou? Quem sou eu? Quem és tu mulher? Curioso como mesmo modificando a forma de perguntar, tudo se resume em mim.

O que é a escola? É estabelecimento público ou privado destinado a ensino coletivo. Quem é a escola? Podemos dizer que é um conjunto de professores, alunos e funcionários. Qual a função da escola? Podemos dizer que a função básica da escola é garantir a aprendizagem de conhecimento, habilidades e valores necessários à socialização do indivíduo. É responsabilidade da escola propiciar o domínio dos conteúdos culturais básicos da leitura, da escrita, da ciência das artes e das letras.

Sou hoje uma mulher adulta, com muitas perspectivas, sobretudo, expectativas de vida profissional. Para meu futuro busco a carreira docente. Quero trabalhar com pessoas surdas. Se ainda tiver alguma dúvida dos motivos que me levam a essa escolha, sugiro que releia esse trabalho.

De todo percurso até aqui, o que tenho para dizer é que: Das leituras absorvo ensinamentos ricos. Das aulas do Doutorado,

além dos conteúdos, aprendo com cada disciplina, cada professor, o tipo de profissional que quero (ou não) ser.

Importante dizer que aprendemos com o “ruim” também. Experiências negativas que presenciei ou senti na pele também fazem parte da minha formação. Tem

uma frase que é amplamente pronunciada em diversos contextos, que diz: E se der errado, ao menos serviu de aprendizado. Clichê, confesso, mas real.

A Escola é um ambiente onde passamos muitos anos da nossa vida. Talvez o primeiro lugar de interação social após o ambiente familiar e muitas vezes se torna o lugar mais traumático que o ser humano pode passar. Não é uma afirmação com bases em estatísticas, até porque, esse não é um trabalho de pesquisa qualitativa. Contudo, é um memorial, o meu memorial. Portanto, sinto-me legitimada em dizer que a escola por vezes traumatiza. Não pelos conteúdos dos quais as vezes não nos identificamos, mas pelos professores muitas vezes omissos, pelos colegas agressivos, sejam essas agressões físicas ou verbais, pela violência silenciada. Pelos corpos inferiorizados por suas habilidades ou características julgadas menos favorecidas.

Quero ser uma professora capaz de orientar os discentes em suas potencialidades. Considerando sua vivência e experiência. Proporcionando uma educação que de fato faça sentido. Afinal, a educação transforma. Não quero ser mais uma demagoga no campo acadêmico que prega uma teoria e segrega na prática.

Quero ser aquela que será lembrada como alguém que soube ser professora e que não se limitou ao currículo pré definido ou as amarras do sistema limitador. Quero ser a professora a ser lembrada por algo positivo e não a que traumatizou. Utopia? Pode ser, ninguém consegue ser perfeito ou agradar a todos, mas objetivos servem como ótimos estimulantes para o dia a dia. Esse é o meu. Esse é meu desejo hoje, pode ser que daqui alguns meses

ou anos, não seja mais. Somos humanos, portanto, mutáveis em nossas ambições.

Uma mensagem que deixo para mim e para quem está lendo esse trabalho. Jamais esqueçamos que somos seres em transformação e não somente nós, a sociedade em si. Isso nos agrega a responsabilidade de não perpetuar tradições limitadoras aos seus alunos de hoje e aos meus alunos de amanhã.

Referências

CÂMARA, Sandra C. X. da. Tese de Doutorado. O Memorial autobiográfico. Uma tradição Acadêmica do Ensino Superior no Brasil. 2012. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. <https://m.meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/funcao-social-escola.htm> Acesso em: 16 de maio de 2022.

https://www.google.com/search?q=imagem+de+escolas+p%C3%BAblicas+brasileiras&tbm=isch&ved=2ahUKEwjHkszItOX3AhUJrZUCHQFIC-QQ2-cCegQIABAA&oq=imagem+de+escolas+p%C3%BAblicas+brasileiras&gs_lcp=CgNpbWcQAzoFCAAQgAQ6BggAEAcQHjo Acesso em: 16 de maio de 2022.

UM GRAXEIRO NA GRADUAÇÃO: a gratidão por aprender ensinando

José Ricardo de Souza Ramos

*"A felicidade é continuar desejando
o que já temos".
Santo Agostinho*

Este memorial é uma autobiografia que descreve, analisa e critica acontecimentos sobre a minha trajetória acadêmico-profissional, intelectual e artística. Nele busquei resumir não apenas acontecimentos, mas alguns aspectos que considero significativos no interior desse percurso avaliando cada etapa de minha experiência.

O termo "graxeiros" do título não é uma referência discriminatória ao "empregado de estrada de ferro ou companhia de carris urbanos encarregado de untar com graxa máquinas, chaves de trilhos e desvios" (Dicio, 2022), mas sim a uma história de superação e sucesso, onde o termo "graxeiros" é usado de forma metafórica para representar a jornada de um indivíduo que supera suas origens humildes e alcança sucesso profissional e

acadêmico através de trabalho árduo e determinação. É uma maneira interessante de destacar a importância da perseverança e da educação na transformação da vida das pessoas. A trajetória de um garoto de origem humilde, com pais dedicados, mas sem recursos, que se transforma na práxis, tornando-se um Engenheiro Mecânico. Saindo do chão inóspito da fábrica para conquistar espaço na docência universitária inclusiva e humanizante. Uma experiência daquele que aprende ensinando, como uma prova de que um “graxeiro” pode atingir um patamar acadêmico distinto sem perder sua humildade e a clareza de sua origem.

O texto é dividido em 6 partes que seguem uma ordem cronológica: 1) o período na fase de transição jovem-adulto; 2) o período dedicado à graduação em engenharia e à administração, o 1º estágio e sua influência nos estudos atuais; 3) o período relativo à atividade profissional; 4) o período relativo ao mestrado e escrita da dissertação; 5) o período dedicado ao Doutorado: inicialmente em Engenharia de Materiais na PUC-Rio – tese não defendida e agora no PGCTIn – Programa de Pós Graduação em Ciências, Tecnologia e Inclusão, em curso na UFF; 6) Como me tornei Professor - apontamentos e perspectivas relativos ao futuro.

Marcos na minha transição jovem-adulto e gosto pela docência

Fui o terceiro filho dentre os 4 (uma mulher e 3 homens) de uma família proletária, nascido e criado em um bairro pobre da cidade de Petrópolis/RJ. Meu saudoso pai, vindo do interior do estado do Rio, denominado “roça”, conseguiu um emprego como operário numa fábrica têxtil na cidade e mais tarde, de tanto labutar em serviços “extras” em feriados e fins de semana para sustentar sua família, tornou-se garçom trabalhando em alguns restaurantes durante todo restante de sua vida sem um único dia de folga. Desprovido de cultura, mal sabia ler e escrever, porém era um homem extremamente trabalhador, de muita bravura e honestidade (hoje item de currículo) e de conduta ilibada, cujos

passos me serviram de exemplo em minha caminhada de vida. Minha mãe, quase que na mesma condição cultural, não chegou a concluir o antigo curso primário, inicialmente era também operária e que depois da chegada dos filhos dedicou-se as atividades do lar. Apesar das dificuldades sociais como moradia, cuidados médicos, lazer, etc. oriundas basicamente de questões socioeconômicas, tínhamos união, amor, garra e perspectivas de uma melhor condição de vida. Para complementar a renda familiar meu pai criava algumas galinhas e porcos cuja algumas partes das carnes eram vendidas e outras eram doadas aos vizinhos que juntavam os restos de comida (chamado de “lavagem de porcos”) que eu, por ser o mais novo dos homens, era encarregado de coletá-las para tratamento dos porcos, bem como da limpeza dos chiqueiros. Uma particularidade: raramente como carne de porco, creio que devido a um trauma de tanto lidar nesse ambiente “catando lavagem” e limpando chiqueiro...

Talvez também por esse motivo, que eu tenha sido um dos melhores alunos em toda a minha vida acadêmica, pois tinha a firme convicção que a única forma de superar aquelas dificuldades e vencer na minha caminhada era através dos estudos...E assim foi...felizmente. Sempre ganhei prêmios por bom comportamento, assiduidade e aluno mais quieto e de melhores notas da sala de aula - algumas vezes com a pecha do dito “cdf”, mas que não me incomodava, pois eventuais questões de sociabilidade, eram mitigadas com a minha colaboração com os colegas nos estudos e minha atuação nos esportes, especialmente o futebol que sempre pratiquei razoavelmente. O meu ciclo de formação dos ensinos primário, ginásio e científico – assim denominados nas décadas de 60 e início de 70 – foi em uma única escola pública: Colégio Dom Pedro II para o ensino fundamental e que ao passar para o ensino médio, denominava-se Colégio Estadual Washington Luiz, hoje CENIP (Centro Estadual de Ensino Integrado de Petrópolis). Após uma infância dedicada a desenvolver a sociabilidade, com ampla

dificuldade de natureza socioeconômica, atingi, em torno dos 15 anos, a adolescência – marcada por uma espécie de autonomia relativa, pela busca de mecanismos de rompimento com os laços de família e pela busca da própria identidade. Aos 17 anos, já numa categoria que genericamente passou a chamar-se juventude e cursando o então “científico” eu “dava” aulas particulares de alfabetização para adultos da minha rua (o chamado “morro do Muniz”) e ajudava uma professora na Escola Municipal Paroquial do Divino Espírito Santo no curso do MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) – “fundação instituída pelo Poder Executivo, nos termos do art. 4º da Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967, e vinculada ao Ministério da Educação e Cultura, tinha por finalidade a execução do Plano de Alfabetização Funcional e Educação Continuada de Adolescente e Adultos, aprovado pelo art. 3º da mesma Lei e sujeito a reformulações anuais, de acordo com os meios disponíveis e os resultados obtidos”.

O MOBRAL era um órgão do governo brasileiro, instituído pelo decreto nº 62.455, de 22 de Março de 1968, durante o governo de Costa e Silva na Ditadura Militar. Coincidentemente o decreto foi publicado no mesmo dia do meu aniversário (22 de março, mas não no mesmo ano de nascimento), no entanto eu fui proibido de continuar na atividade de auxiliar de ensino depois de um período, com a alegação de que eu era menor de idade, vaga que transferi para o meu irmão mais velho. O gosto pela docência tem também uma raiz genética, pois meus dois irmãos são professores (o mais velho já falecido) e o outro também um pouco mais velho que eu, é professor de carreira tendo trabalhado toda sua vida no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) como professor titular da cadeira de Desenho Técnico e agora é professor e diretor técnico da FAETEC de Imbariê. Minha irmã, falecida precocemente aos 47 anos, vítima de um câncer devastador, era professora de carreira trabalhando

de “sol a sol” em 3 Escolas Públicas na alfabetização e ensino fundamental. Saía de casa às 06:00 horas da manhã, retornando pouco antes da meia noite. Tal era a sua dedicação ao ensino dos mais carentes, que a Escola Municipal Almeida Braga (no sertão do bairro Carangola) onde ela lecionava, inaugurou uma biblioteca em sua homenagem: “Biblioteca Maria Helena de Souza Ramos”.

Em 1973 eu tive a minha primeira carteira assinada, trabalhando numa fábrica de produtos químicos (Cia. Brasileira de Produtos Químicos Bonônia Ltda.) no mesmo bairro, como auxiliar de escritório e Laboratório. Nessa época já nutria uma predileção pelas ciências exatas, pelo rigor lógico, abstração e precisão especialmente nas atividades que exercia no Laboratório para controle dos processos e qualidade dos produtos acabados, algo que retornaria mais tarde como tema principal de minha dissertação de mestrado. Nesse período eu tive uma inestimável ajuda financeira de uma generosa Engenheira Química (que faço questão de nominá-la: Jacqueline Thomaz Fares), que me financiou um cursinho pré-vestibular noturno (Vetor) para áreas das exatas, que me possibilitou o ingresso na Universidade particular mais próximo de minha casa pois não poderia arcar com os custos de manutenção (alimentação, estadia, deslocamentos, etc.) em uma instituição pública distante. Para se locomover de casa para Faculdade utilizava “passes escolares” para os ônibus (uma espécie de ticket de baixo valor para estudantes), mas não foram raras as vezes que tive de ir a pé para a Universidade por não ter os “passes” que vez ou outra eu trocava por um sanduiche (substituto de uma refeição principal).

É um fato de que as dificuldades financeiras deixam a pessoa vulnerável, dificultando o seu processo de inclusão pois este não se aplica somente a pessoas com alguma deficiência. Independentemente dessa difícil condição socioeconômica, tive o

orgulho de ter sido o primeiro da família a ingressar em um curso superior de uma Universidade.

O processo de transição para a vida adulta é um momento-chave do curso de vida dos sujeitos. “É uma fase marcada por importantes mudanças de status, como a passagem de estudante para trabalhador, de membro dependente de um domicílio para chefe de domicílio, de solteiro para pessoa em união, de filho (a) para pai ou mãe”. Eu não fui um sujeito muito diferente desse processo, apenas que só contrai o matrimônio logo após concluir o curso de Engenharia e que já estava empregado como Engenheiro Trainee após aprovação em um processo de seleção para Estagiário (Portaria 1002) em uma Empresa multinacional onde trabalhei por 40 anos ininterruptos e que tive o orgulho de chegar à Vice-Presidência de Operações da América do Sul.

O Período da Graduação em Engenharia (1974 – 1978) e Administração (1982). O estágio e sua influência nos estudos atuais

Matriculado no curso de Engenharia Mecânica da Universidade Católica de Petrópolis (1974) e para me sustentar durante o período da graduação, consegui uma bolsa de estudos e uma ajuda de custos de um “Fundo de Assistência ao Estudante de Nível Superior” (equivalente ao FIES de hoje) – cuja dívida foi devidamente quitada depois de formado. Também seguia lecionando em colégios, aulas particulares e montei com outros 3 amigos da Faculdade, um curso tipo “tira dúvidas” em disciplinas de Matemática, Física e Química. Inicialmente não tínhamos grandes pretensões com o “cursinho”, até porque funcionava numa sala (não legalizada) em um prédio modesto no centro da cidade, mas que foi tomando maiores proporções com a quantidade de alunos, dificultando nossas outras atividades, especialmente oriundas da intensidade da graduação em Engenharia, que resolvemos desativá-lo.

A Universidade oferecia a opção, à época, de 3 diferentes áreas da Engenharia: Mecânica, Elétrica e Civil (hoje com outras opções como a Engenharia de Produção, a Mecatrônica e Análise de Sistemas), porém os quatro primeiros períodos (denominado ciclo básico) eram comuns a todas as áreas. Mesmo com toda a minha dedicação aos estudos, tive, tanto quanto os demais alunos do curso de Engenharia, muita dificuldade em duas disciplinas básicas e obrigatórias nos dois primeiros períodos da Graduação: Cálculo Diferencial e Integral I e II e Física/Mec.III. Com todo respeito aos respectivos docentes (já não mais em nossa existência) destas duas disciplinas, se utilizavam de um método de ensino “tradicional”, porém arcaico. Diferente de um modelo construtivista, o professor ensinava e nós alunos, apenas recebia o conhecimento de uma forma pronta e acabada, onde opiniões não eram apreciadas. O método tradicional utilizado pressupunha um aluno “passivo”, sendo o professor o sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, repassando seu conhecimento aos alunos, normalmente por meio de aula teórica. Listas intermináveis de exercícios eram passadas num processo de repetição do que o professor havia falado em sala de aula, mas que em época de provas, pouco nos adiantava uma vez que as questões formuladas (especialmente em cálculo diferencial e integral) eram bastantes distintas do que havia sido ensinado, provando que o método ensino-aprendizado não era eficaz.

Ao fim desses dois períodos, mais de 70% dos alunos eram reprovados por não alcançarem a nota mínima exigida para aprovação na disciplina. E, por serem disciplinas de pré-requisito para outras dos períodos seguintes e matérias do ciclo denominado “profissional” (últimos períodos), retardaram a formatura de muitos colegas de turma que ingressaram junto comigo na mesma época do vestibular. Também era muito comum cursarmos tais disciplinas com alunos “veteranos” que ingressavam na Faculdade de Engenharia, muito antes de nós e estavam

repetindo a disciplina (eventualmente por mais de 2 ou 3 vezes). Eu, felizmente nunca tive o dissabor de uma repetência, até porque perderia a minha bolsa caso ficasse reprovado em alguma disciplina, mas acostumado a notas altas em minha vida acadêmica prévia, também passei “maus bocados” nesses dois primeiros períodos. Nos anos seguintes, já no período profissional, deparei-me com diferentes disciplinas que confirmaram a minha opção pela Engenharia de Produção Mecânica cuja área de atuação se dedica a criar soluções práticas para problemas concretos de maneira planejadas e que sejam econômica e tecnicamente viáveis. Os sistemas mecânicos, termodinâmicos e produtivos de uma linha de produção (de automóveis, por exemplo) em que eram utilizados diversos tipos de máquinas, mecanismos, métodos e possibilidade de uso de robôs me encantavam, tanto que “batalhei” e consegui num processo de seleção para estagiário, em 1976, entrar na Fábrica Nacional de Motores (FNM), no distrito de Xerém / RJ, onde eram produzidos os famosos e robustos caminhões “FÊNÊMÊ cara chata” e os automóveis sedã Alfa 2300 – “O importado fabricado no Brasil”.

O slogan de lançamento do Alfa Romeo 2300 no País foi um marco histórico para a marca italiana. Desde sua fundação, na cidade de Milão, em 1910, jamais um veículo havia sido produzido fora de sua terra natal. Fiquei ainda mais motivado com a Engenharia de Produção Mecânica quando tomei conhecimento que A Volkswagen instalou, em 1982, o primeiro robô industrial em sua linha de produção em São Paulo. A indústria automobilística foi a primeira a empregar robôs no Brasil. Mais tarde, embrenhei-me pelos estudos de “Lean Manufacturing” (Manufatura Enxuta). O “Lean”, originário do Sistema Toyota de Produção é o melhor exemplo de que quando os recursos são escassos, é necessário evitar o desperdício ao máximo e saber trabalhar de forma inteligente. Tahichi Ohno criou o Sistema Toyota de Produção (STP) fundamentados em 2 pilares: o Just in Time (JIT- produzir apenas

quando necessário, utilizando apenas os recursos estipulados e no tempo ideal) e o Jidoka (ou autonomia - a máquina seria responsável pela operação, mas o monitoramento é feito por pessoas). Esses dois pilares do STP seriam ainda sustentados por mais três bases que garantiriam o seu bom funcionamento: 1) Heijunka – garantir que o esforço seja distribuído igualmente ao longo do tempo. Sem ociosidade; 2) Padronização do Trabalho – colaboradores já sabem como tudo deve ser feito, em quanto tempo precisa ser feito e quantos recursos utilizar e 3) Kaizen – “vai se unir à Padronização, estipulando a melhoria contínua dos processos. Uma vez que as tarefas são previsíveis, é necessário melhorá-las, reduzindo gasto com ações dispensáveis ou introduzindo inovações”. (Ploomes, 2019).

Nos últimos 20 anos além do emprego formal numa Empresa venho estudando, pesquisando, lecionando e dando consultoria na área da Qualidade e Lean Manufacturing, bem como na reestruturação organizacional que privilegie um modelo “enxuto”, cujas características bem definidas por Womack, J. em sua publicação “A máquina que mudou o mundo”, são ainda bastante atuais: “imensos volumes de produtos e serviços de ampla variedade, com custos sempre declinantes, empregando equipes de trabalhadores multiquificados em todos os níveis da organização, além de máquinas altamente flexíveis, nenhum estoque e ausência de itens defeituosos e serviços ágeis, com qualidade” (Womack, 1990).

Esse modelo vem a ser hoje objeto de estudos e pesquisa de minha tese de doutorado aplicando seus princípios na área de saúde – o Lean Healthcare – que será melhor detalhado mais adiante.

Experiência Profissional

O meu perfil profissional tem suas bases em quarenta e três anos de experiência em indústrias nas áreas de engenharia, produção, qualidade, manutenção, planejamento e administração, trabalhando em empresas de pequeno, médio e grande porte, com produtos de consumo destinados ao varejo e atacado, autopeças e para indústria química e de papel & celulose. Possuo sólidos conhecimentos de projetos em engenharia industrial, engenharia de produção, otimização industrial, processos produtivos, sistemas de gestão da qualidade e produtividade e administração, adquiridos no decorrer de minha carreira e constantes viagens ao exterior para discutir, avaliar, desenvolver e implementar projetos de instalações industriais; gerenciamento de projetos de desenvolvimento e otimização de produtos; inovações tecnológicas para implementação de melhorias na indústria. Tenho domínio de técnicas de planejamento e controle da produção (PCP, KANBAN, MRP), melhorias de produtividade e Lean Thinking (KAIZEN, SIX SIGMA, JIT, Produção Puxada), GTT – Group Time Technique e RCM - Reliability Centered Maintenance. Durante o período de 1980 a 81 fiz um “concurso de títulos” para graduação em Administração na UCP quando pude desenvolver meus conhecimentos nessa área como o desenvolvimento de equipes, Times de Trabalho Autodirigidos (TTA), formação de backups, melhoramento contínuo de produtos e processos (Controle Estatístico de Processos - CEP, Total Quality Management – TQM, entre outras).

Devido aos meus estudos na área da Qualidade adquiri profundos conhecimentos de Sistemas da Qualidade, implementação das Normas ISO 9000, processos de Auditorias e Certificação resultando na minha dissertação de Mestrado, e publicação de um livro intitulado: Ampliando a Competitividade das Empresas Nacionais – Modelo Estratégico de Gestão da Qualidade (Ramos, J.R. 2000). Obtive o difícil diploma de Lead

Assessor pela Lorient/ P-E Batalas do Reino Unido com o curso de Auditoria de Sistema da Qualidade quando pude desenvolver minhas atividades de consultoria, auditoria e de instrutor especialista em Gestão da Qualidade Total e Normas ISO 9000. Tive também uma boa vivência em gestão empresarial, planejamento estratégico e logística de materiais, compras, importação e exportação adquirindo bons conhecimentos e prática de negociações, contratos, avaliações de fornecedores e estabelecimento de parcerias. Uma ampla visão de mercado, com capacidade e know-how técnico de ferramentas da qualidade, voltados para o desenvolvimento de programas de atendimento e satisfação de clientes.

Segue, em sequência cronológica, minha experiência profissional específica nas Empresas:

3.1) Xerium Technologies Brasil Ind. Com. S/A (hoje Grupo Andritz): na função de Vice-Presidente de Operações – último cargo exercido até aposentadoria em abril 2017. Administrava as operações das 5 Unidades Industriais da Xerium na América do Sul (Huyck.Wangner em Petrópolis-RJ, em Piracicaba-SP, em João Pessoa-PB, em Berazategui - Buenos Aires/ Argentina e Stowe Woodward/ Mount Hope em Campinas-SP), com responsabilidades específicas das áreas de Produção, Qualidade e Engenharia de Planta (Projetos, Manutenção, Suprimentos) e Departamento Técnico (Laboratórios, Desenvolvimento de Produtos e Processos). As empresas do grupo multinacional Xerium Inc, são especializadas na fabricação de Feltros, Telas e recobrimento de Rolos com compostos de Borracha, PU, Compósitos e Smart Rolls bem como a fabricação de Rolos Curvos utilizados na indústria de papel e celulose, entre outras. Estas empresas, desde o começo de suas atividades vêm crescendo e passando por vários grupos controladores com diferentes modelos de Administração como Llobera, Huyck Corporation, BTR, Invensys, Huyck/Nortelas &

Stowe Woodward / Mount Hope, Huyck/Wangner, Xerium Technologies, Inc. e agora Andritz AG.

Os cargos ocupados e as responsabilidades principais no Grupo desde 1977, em ordem cronológica, foram as seguintes:

- De maio 1977 a julho 1979 como Engenheiro Trainee sendo responsável por pequenos projetos de Engenharia, estudos de tempos & métodos bem como implantação de padrões na área de fabricação (utilizando metodologia e técnicas de Engenharia Industrial) e controle de desperdícios, após um ano como Estagiário;

- Em 15/07/78, promovido a Engenheiro de Projetos sendo responsável pelo desenvolvimento e implementação de diversos projetos nas áreas de Engenharia nos vários setores da Fábrica;

- Em 01/12/80, promovido a Supervisor de Engenharia Industrial sendo responsável por desenvolver padrões de produção, planos de redução de custos e perdas visando melhorar a eficiência da fábrica, usando técnicas de tempos e movimentos, padrões pré-determinados (MTM), amostragem de trabalho/tempos em grupos (GTT), entre outras técnicas. Controle de desperdícios;

- Em 01/10/81, promovido a Gerente de Engenharia Industrial com a responsabilidade de administrar o departamento de Engenharia Industrial, para determinar alternativas de investimentos operacionais e capitais relativos a sistemas e controles, garantindo maior eficiência da força de trabalho (mod), maquinário, layout e fluxo de fabricação. Em janeiro de 1982 a gerência de Planejamento e Controle de Produção foi incorporada ao departamento de Engenharia Industrial, que além da função de fazer cumprir as datas de entregas prometidas usando um mínimo de horas extras e pessoal em toda a fábrica, tinha a responsabilidade de elaborar o programa de compras de matérias

primas e suprimentos para a fabricação, mantendo os custos de acordo com o Budget estabelecido e os investimentos a um nível mínimo necessário;

- Em 1983, promovido a Gerente de Produção, ficando responsável pela produção e qualidade dos produtos fabricados, desenvolvimento de Recursos Humanos e preparação de backups na área produtiva, mantendo alto índice de produtividade e reduzindo níveis de desperdícios, rejeições e inventários. Estabelecemos os recordes de produção de todos os tempos na unidade de fabricação em 1986 e 1987, com o então padrão tecnológico, somente batido recentemente com as novas tecnologias;

- Em 1987, promovido a Gerente Industrial, com responsabilidade direta pelas áreas de Engenharia de Planta, Manutenção, Investimentos, Produção, Qualidade e PCP, garantindo a fabricação e a qualidade de produtos, prazos e serviços ofertados. Suporte técnico na área de aplicação, atendimento aos clientes, desenvolvimento de treinamento, multiplicadores e RH. Em 1994 passou a exercer o cargo de Plant Manager da unidade industrial em Petrópolis – RJ e em novembro de 2004 foi nomeado como coordenador geral de Sistemas de Gestão da Qualidade “corporativo”, programas Kaizen e negociação de toda matéria prima (para todas as 4 plantas de vestimentas do Grupo na América do Sul: Brasil e Argentina);

- Em 2005, promovido a Diretor Industrial responsável pelas 3 Plantas da Huyck Wangner no Brasil, passando em 2008 a Vice-Presidente de Operações, com a incorporação em suas responsabilidades das Unidades Fabris da Huyck Wangner e Stowe Woodward do Grupo Xerium na América do Sul (Brasil e Argentina).

3.2) Fábrica Nacional de Motores (FNM) – mais tarde Fiat Diesel do Brasil: empresa fabricante de automóveis e caminhões

com cerca de 4000 funcionários, como Estagiário de Fabricação. Período de 01/02/77 a 02/05/77. Atividades principais: treinamento em todas as áreas de fabricação, desde a fundição e tratamento térmico, passando pela usinagem, ferramentaria até a montagem e testes finais dos automóveis e caminhões.

3.3) Malharia ÁGUIA: empresa têxtil de malhas para vestuário, especialmente os maiôs Catalina dos concursos de Miss Brasil, com cerca de 300 funcionários. Cargo exercido: Cronoanalista (Departamento Técnico de Engenharia). Período: 1976/1977. Atividades principais: cronometragem e análise dos tempos e métodos para melhoria do trabalho/redução de custos. Criação de tempos padrões para pagamento de incentivo de produção.

3.4) INSS - órgão público no setor de Arrecadação e Certificados de Quitação de Obras. Cargo: Estagiário Projeto Rondon. Período: 1975/1976. Atividades principais: atendimento de pessoal, cadastramento de firmas, emissão de Certificados de Quitação (CQ) de obras e controle de arquivos.

3.5) Cia. Brasileira de Produtos Químicos Bonônia - indústria química fabricante de Carboxi-Metil-Celulose (CMC) com cerca de 500 funcionários. Cargo: Auxiliar de Escritório / Laboratório / Recepção e Expedição de Materiais. Período: 02/01/73 a 10/11/73. Atividades Principais: controle de pessoal, atividades de Laboratório (testes de viscosidade, titulação, entre outras), controle de estoque, entrada e saída de materiais.

3.6) Outras atividades como consultoria, instrutoria e participação em Instituições no período de 1987 até os dias de hoje:

- Palestrante em temas de Administração, Gestão da Qualidade, Meio Ambiente e

Sustentabilidade em seminários e eventos acadêmicos em outras Instituições de Ensino

Superior como CEFET-RJ, Faculdade Arthur de Sá Earp (FASE), Universidade de

Volta Redonda, LNCC, entre outras;

- Consultor independente na área de Gestão da Qualidade e Produtividade, atuando na então MCG Qualidade e na Fundação Dom Cintra (FDC) da Universidade Católica de Petrópolis (UCP) - em especial, atuação como Consultor na elaboração do Plano Diretor do Hospital Santa Teresa (HST) em convênio firmado entre a UCP, o HST e a FDC;

- Participação em diversos seminários e congressos, ministrando palestras, consultorias, desenvolvimento gerencial e treinamento nas áreas de Administração, Qualidade e Planejamento Estratégico para diversas empresas na Região Serrana do RJ para vários profissionais entre técnicos, engenheiros, gerentes, diretores e pessoal de RH;

- Instrutor credenciado no SENAI – CFP de Petrópolis, para ministrar cursos: Normas ISO série 9000, Gestão da Qualidade Total, Auditorias da Qualidade e Programas "5S";

- Ex-Diretor da Faculdade de Engenharia da UCP. Suporte à criação do "PaPe" –

Programa e Apoio pedagógico para alunos com dificuldades em disciplinas das exatas;

- Ex-Diretor da Associação Petropolitana de Engenheiros e Arquitetos (APEA);

- Ex-Membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico da Cidade de Petrópolis;

- Ex-Membro do Conselho de Administração da FIRJAN (Região Serrana) e do Conselho de Desenvolvimento da Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo da Prefeitura Municipal de Petrópolis;

- Diplomado de Colaborador Emérito do CBAI, em reconhecimento aos serviços

prestados ao Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ);

- Diploma de Amigo dos Bombeiros de Petrópolis, pelos relevantes serviços prestados ao 15º Grupamento de Bombeiro Militar – Comando de Bombeiros da Região Serrana / Secretaria de Estado da Defesa Civil;

- Diploma de Colaborador da Polícia Militar do RJ, em reconhecimento de serviços prestados ao 26º Batalhão da PM, que proporcionaram bem-estar à Comunidade Petropolitana;

- Diretor Conselheiro do Petropolitano Foot-Ball Club.

Período da Pós-Graduação Lato Sensu e Mestrado

Neste período a pós-graduação no Brasil havia adquirido uma dimensão significativa no conjunto do sistema de ensino superior do país. E, um dos indicadores importantes para avaliação qualidade dos cursos de Especialização utilizados pelo MEC é a qualificação e o regime de trabalho dos Professores. Dessa forma, eu como Professor Adjunto da UCP em diversas disciplinas dos cursos de graduação e pós-graduação, resolvi de forma voluntária ajustar-me a essas regras que também viria a ajudar a Universidade em seus processos de avaliação com relação ao indicador: titulação do corpo docente.

Inicialmente cursei uma pós-graduação Lato Sensu em Gestão da Qualidade e Produtividade no Instituto de Gestão e

Informação (IGI) do Centro Federal de Educação Tecnológica CEFET-RJ e em seguida decidi prestar concurso para o Mestrado. No período de 1999 a 2000, quando cursava o Mestrado, no próprio CEFET - RJ, atuei como palestrante em diversos seminários e como Professor Auxiliar no IGI (Instituto de Gestão e Informação), lecionando disciplinas relacionadas à Gestão da Qualidade, Produtividade e Sistemas Normalizados. Nessa época também a Universidade Católica possuía um programa robusto de formação gerencial oferecendo cursos de Especialização denominados: MBA – Desempenho Empresarial; Marketing Estratégico; Controladoria e Finanças; Curso de Especialização em Inovação e Difusão Tecnológica (parceria com o SEBRAE e o LNCC - Laboratório Nacional de Computação Científica); MBA – Perícia Ambiental (parceria com a UNIMA), quando além de docente em diferentes módulos dos cursos, fui orientador de dezenas de monografias (algumas transformadas em publicações - Editora Papel & Virtual) e atuando como membro de bancas examinadoras dos TCC's. Destaque para o conjunto de trabalhos finais produzidos pelos participantes do Curso de Especialização em Inovação e Difusão Tecnológica de 2002, patrocinado pelo SEBRAE com apoio da UCP e do LNCC. Além de orientador fui coordenador da comissão organizadora na publicação dos textos reunidos em "Petrópolis Tecnópolis, Inovação Tecnológica e Arranjos Produtivos Locais": coletânea de textos do SEBRAE/RJ em parceria com a UCP e o LNCC (Papel & Virtual Ed. 2004).

Ainda nesse período a UCP formalizou um convênio com as Faculdades de Tangará da Serra e Lucas do Rio Verde no Estado do Mato Grosso para um programa de MBA em Gestão Empresarial e nós Professores nos revezávamos aos fins de semana para ministrar os respectivos cursos. Saíamos do Rio de avião até Cuiabá sexta a tarde e depois viajávamos de carro (uma VAN comunitária) por cerca de 250 km até Tangará e quando era em Lucas do Rio Verde cerca de 400 km até a Faculdade, em parte da estrada de terra de

chão batido, para ministrar os respectivos módulos do curso nos sábados e domingos, retornando para o Rio segunda p ela manhã para (no meu caso) o trabalho na indústria. Novamente orientei inúmeras monografias destes cursos de Especialização.

Em 1999 decidi me inscrever no processo de seleção ao Mestrado em Tecnologia do

CEFET-RJ (hoje denominado Mestrado em Engenharia de Produção) que oferecia uma linha de pesquisa com o objetivo de "desenvolver estudos para adequar os modelos de qualidade aos padrões do parque industrial, mormente quanto à caracterização de oportunidades de empresas nacionais perante a globalização. Desenvolver estudos quanto a integridade de estruturas visando avaliar as propostas de critério de projeto, fabricação e manutenção, com preocupação em relação ao impacto deste contexto no bem-estar social". Com relação a área de concentração propunha o "repensar da Educação Tecnológica no Brasil em todos os seus níveis. Formar e aperfeiçoar profissionais do setor produtivo, do magistério e aqueles ligados às atividades de gestão dentro de uma perspectiva crítica sobre a dimensão social da área".

Tive o orgulho de ser o 1º colocado entre os 12 selecionados e dentre centenas de

candidatos. O período do Mestrado foi marcado pelo aprendizado, mas também – além da titulação acadêmica como docente - pela necessidade da sistematização dos conhecimentos adquiridos. Trabalhando em regime CLT integral em uma Empresa Multinacional, tive de fazer um acordo para ajuste de meu horário laboral, negociação de períodos de férias vencidas e não gozadas para poder cursar o Mestrado. Dentre as diversas razões, esta negociação "draconiana" e o meu gosto pelos estudos, foram as que mais concorreram para o meu desempenho como 1º aluno da classe do Mestrado, concluindo todos os créditos de todas as disciplinas cursadas com Grau " A" (de Alpha), no prazo mínimo

estabelecido pelo regime acadêmico do curso de 18 meses. Minha dissertação de Mestrado intitulada "Ampliando a Competitividade das Empresas Nacionais – Modelo Estratégico de Gestão da Qualidade", foi composta por 8 capítulos onde são apresentados diversos modelos estratégicos de Sistema de Gestão da Qualidade, com questões sobre a sua adequação aos novos padrões demandados pelas empresas nacionais, de forma a ampliar a sua competitividade. À época, a nova abordagem por processo das Normas ISO 9000 para Sistemas de Gestão da Qualidade foram estudadas e antecipadas por mim (com a devida autorização da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas) à publicação da versão 2000. Foi apresentado um estudo de caso inédito cujo campo de estudo da pesquisa incluiu todas as Empresas certificadas da Região Serrana do Rio de Janeiro, comparando os respectivos indicadores de desempenho com as Empresas nacionais e as de "classe mundial". A dissertação foi apresentada em dezembro de 2000 à banca examinadora composta por Professores Doutores da COPPE-UFRJ, da PUC-Rio e do CEFET-RJ que após as devidas arguições e aprovação se transformou em um livro publicado com o mesmo título pela Editora Papel & Virtual (2002).

O Doutorado em Ciências e Engenharia de Materiais (2003 – 2005: não concluído) e o PGCTIn em curso – UFF (2021-...)

Com relação ao processo de doutoramento, tive uma experiência frustrada em meados de 2002, quando ingressei no Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do RJ (PUC-Rio) – Doutorado em Engenharia de Metalúrgica. Área de Concentração: Ciência dos Materiais – Caracterização, Propriedades e Desempenho dos Materiais. Linha de Pesquisa: Comportamento Mecânico dos Materiais – Integridade Estrutural, Defeitos e Danos – não concluído - mesmo após cumprir todos os créditos das

disciplinas do programa com um Coeficiente de Rendimento acumulado – CR de 9,1. Penso ser desnecessário descrever os motivos de minha desistência às vésperas da qualificação, pois envolvem questões “sensíveis” de desentendimento com minha orientação. Esses fatos aliados à minha total indisponibilidade de tempo (à época) para seguir com meus estudos e pesquisa de doutoramento, pois como relatado no capítulo 3 deste descritivo, quando fui convidado a assumir a Vice-Presidência das Operações das 5 Unidades Fabris na América do Sul no Grupo onde trabalhava já a quase 30 anos, me fizeram declinar do programa.

Ano passado, fui convidado a participar do “X Congresso Lean Six-Sigma” ministrando um minicurso intitulado “Gerenciando em um Ambiente Lean” (publicado nos anais do Congresso (In - https://www.youtube.com/watch?v=NZSCfqf_g6M) e em seguida a participar do processo seletivo para realização do Doutorado no PGCTIn – Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologia e Inclusão da UFF. Admitido no programa iniciei minha jornada de formação doutoral em outubro de 2021 cursando as disciplinas da respectiva grade curricular. E, sob a orientação do Professor Dr. Robson Calado integro um grupo de 33 pesquisadores em “Gestão e práticas enxutas e inclusivas para a melhoria dos processos e serviços de saúde”. Desenvolvemos uma pesquisa para promover uma nova cultura de atendimento que apoie a melhoria na qualidade e eficiência dos serviços prestados aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) atendidos nas UPA’s-24horas, “priorizando-se o atendimento dos pacientes em condições de maior gravidade, aumentando a produtividade e eficiência das equipes especializadas das Unidades, assim como impulsionar a ciência, tecnologia e inclusão segundo a perspectiva da abordagem Lean Healthcare no LabDGE (Laboratório Design Thinking, Gestão e Engenharia Industrial) da UFF”.

Neste momento estamos trabalhando num projeto do Ministério da Saúde (MS) em parceria com a UFF denominado “Projeto Lean na UPA” com o objetivo de otimizar o fluxo do paciente em 50 UPA’s selecionadas pelo MS, distribuídas em vários Estados do Brasil, a partir da classificação de risco, resultando na estruturação de um fluxo rápido (Fast Track) de atendimento. Deste trabalho resultará minha tese de Doutorado.

Pretendo demonstrar que a metodologia Lean aplicada ao processo de atendimento nas Unidades de Pronto Atendimento 24 horas (UPA 24h), deve ser entendida como uma área importante do conhecimento, com influência direta na qualidade e segurança dos pacientes, bem como um instrumento poderoso na transformação da cultura, da tecnologia e dos modelos ora utilizados na área da saúde. A prática do Lean Healthcare – projeto (como mencionado) em parceria entre o Ministério da Saúde e a UFF – já implementado em 100 UPA’s no país – vem demonstrando reais melhorias no atendimento dos pacientes, reduzindo os desperdícios, as filas e as superlotações nas UPA’s, além de promover a acessibilidade e a inclusão de pessoas com necessidades especiais. Expressivos resultados têm sido observados com a otimização de indicadores como a redução do tempo de permanência do paciente na Unidade (LOS - Length Of Staying), o tempo de atendimento porta-médico (Door to Dock), o número de pacientes que saem sem serem atendidos por um profissional especializado em saúde (LWBS - Left Without Being Seen) e o atendimento rápido sem espera (Fast Track) nestas UPA’s. Estou coordenando um grupo em que, recentemente, desenvolvemos um aplicativo e o respectivo tutorial de implementação (APP de Coleta de Dados da UPA) para um monitoramento eficaz desses indicadores (já submetido ao Ministério da Saúde).

Concomitantemente a este projeto sigo cursando as disciplinas objeto da grade curricular do PGCTIn. E considerando a

perspectiva de que na literatura ainda existem lacunas em relação aos fundamentos técnicos, científicos da abordagem Lean relacionada à saúde do paciente, este estudo irá contribuir com a construção do edifício teórico da abordagem Lean Healthcare que tem como um dos seus pilares o foco na segurança, bem-estar e saúde dos usuários. Há de se considerar preliminarmente que é forte a demanda por esses estudos, sobretudo nas UPA's 24h.

Como me tornei Professor e Perspectivas futuras

A educação tem sido citada de forma recorrente como indispensável tanto para avançar no desenvolvimento do país como para enfrentar a persistente desigualdade social. Essa discussão tem se concentrado nos efeitos econômicos diretos sobre a educação. Porém, como colocado anteriormente, há a questão dos efeitos indiretos da educação. Ou seja, independentemente dos seus efeitos econômicos mais diretos, a educação traz diversas outras implicações relevantes que atuam de forma indireta e colaboram para a compreensão dos mecanismos que entravam o desenvolvimento e atuam na persistência da pobreza e da desigualdade. Durante muito tempo, a culpa do baixo acesso ao sistema escolar era atribuída às famílias pobres que não valorizavam a educação.

A importância do ensino médio: "o nível educacional de um jovem afeta a dimensão de seu espaço na trajetória do ciclo vital. À medida que a sociedade demanda mais qualificação, o espaço da juventude se prolonga. Enfim, a educação, em geral, e o nível médio, em particular, têm reflexos importantes em diversas dimensões que, direta ou indiretamente, influenciam a persistência da desigualdade social e o desenvolvimento do país".

Creio que esse descritivo de mais de 50 anos de atividades que envolvem, de uma certa maneira a prática docente, com gosto,

prazer e até pela genética de uma família de “irmãos professores” ajudam a responder a pergunta de “como me tornei professor”. Nesse processo de ensino/aprendizagem pude compreender que a educação não apenas desempenha um papel fundamental na economia, mas também tem implicações profundas em muitos outros aspectos da sociedade. Na perspectiva de promover a melhoria de minha aprendizagem, mormente nos aspectos da inclusão e inovação, sigo pesquisando e estudando Arquiteturas Pedagógicas para a construção colaborativa de conceituações. Arquitetura Pedagógica (AP) pressupõe uma rede de interações e ações com o propósito de promover a construção da aprendizagem no aluno. Dessa forma procuro seguir a linha do construtivismo, conforme Becker (2006), onde parte-se da “ideia de que nada, a rigor, está pronto e acabado, a Arquitetura Pedagógica promove o resgate dos conhecimentos prévios dos alunos, levando-os a construir um conhecimento científico que promoverá novos conhecimentos prévios. Este processo conta com o apoio de diversas tecnologias, assim como um trabalho colaborativo entre os alunos e a produção de textos de autoria”. Sob a ótica de uma arquitetura pedagógica, também não consigo dissociar o “aluno protagonista” do “professor reflexivo”.

No processo de aprendizagem e especialmente nesta disciplina “Teorias e Práticas Docentes em Ciências, Tecnologia e Inclusão”, estou aprendendo a “discutir as teorias contemporâneas de aprendizagem/ensinagem e avaliação. Refletir sobre os métodos ativos de aprendizagem e sobre a importância do planejamento didático”. Aprendi a refletir acerca da necessária transformação do sistema educacional, a desconstrução da pedagogia convencional posto que existe uma desconexão entre o ensino, a aprendizagem e a avaliação. Um descompasso entre o que é proposta e o que está na cabeça do professor. Segundo Freire, P. (1996, Pp.77-95) “a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas

palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. Através do acesso a uma educação de qualidade, as pessoas podem adquirir habilidades e conhecimentos que lhes permitem competir no mercado de trabalho e melhorar suas condições socioeconômicas. A educação está intimamente ligada à saúde e ao bem-estar. Pessoas com maior nível de educação tendem a ter melhores hábitos de saúde, acesso a cuidados médicos e maior consciência sobre questões de saúde, o que pode reduzir os custos relacionados à saúde e melhorar a qualidade de vida. Países com populações educadas são mais propensos a inovar e se adaptar às mudanças tecnológicas, o que pode impulsionar o crescimento econômico e criar oportunidades de emprego.

Esse texto retrata a trajetória profissional e acadêmica de um pesquisador preocupado com o duplo vínculo do alto executivo versus o acadêmico engajado no ensino da engenharia, da administração estratégica e na difusão da ciência, tecnologia e inclusão. Em resumo, investir em educação não apenas melhora as perspectivas econômicas de uma sociedade, mas também desempenha um papel crucial na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e próspera.

Referências

Abreu, M., C., & Masetto, M.T. (1990). **O Professor Universitário em aula: prática e princípios teóricos**. 8a Ed. São Paulo. MG Ed. Associados.

Bamas, K. (2018). **Além dos Heróis – um Sistema de Gestão Lean para a Área da Saúde**. São Paulo, Editora Lean Institute Brasil.

Calado, R., D. (2011). Método de diagnóstico de empresa: uma abordagem segundo os Princípios Lean. **Tese Doutorado/**.

Dicio. (2022). **Dicionário Online de Português**. In – <http://www.dicio.com.br.graxeiro>.

Freire, Paulo (1996. Pp.77-95). **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra.

Graban, M., & Swartz, J. E. (2012). **Healthcare kaizen: Engaging front-line staff in sustainable continuous improvements**.

Brasil (2022). **Unidade de Pronto Atendimento (UPA 24h)**. In – <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/u/unidade-de-pronto-atendimento-upa-24h-1>.

ITS Brasil (2021). **Tecnologias Assistivas**. In – <http://itsbrasil.org.br/tag/tecnologia-assistiva/>.

Illeris, K. **Teorias contemporâneas da aprendizagem**. (2013). 1ª ed, P. Alegre. Penso Ed.

_. **Educação e desigualdade no tempo de juventude**. In: Camarano, A. A. Org. (2006).

Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? Rio de Janeiro: Ipea.

Min Li, L., et al. (2019). **O que é esse tal de Lean Healthcare?** Campinas, SP, ADCiência Divulgação Científica.

Ohno, T. (1988). **The Toyota Production System Beyond Large-Scale Production**. Oregon Productivity Press.

Ploomes. **Entenda o Sistema Toyota de Produção Enxuta**. [S.l.] (2019). Disponível em <<https://blog.ploomes.com/index.php/2019/05/28/sistema-toyota-de-producao/>>

Pôrto Jr., Gilson. (2022). Doze Textos de apoio para atividade da disciplina Teorias e Práticas Docentes nas Ciências, Tecnologias e Inclusão. UFF

Ramos, J., R., S. (2000). **Ampliando a Competitividade das Empresas Nacionais** – Modelo Estratégico de Gestão da Qualidade. RJ, Papel Virtual Ed. 2000.

Rother, M.; Shook, J. -Lean Enterprise Institute. (1999, Jun.v.1.2). *Aprendendo a enxergar – Mapeando o Fluxo de Valor para Agregar Valor e Eliminar o Desperdício*. São Paulo: Lean Institute Brasil.

Vieira, J., M. (2022). *A transição para a vida adulta no Brasil*. In - <https://www.scielo.br/rbepop>

Womack, J., T.; Jones, D., T.; Roos, D. (1990). *The Machine That Changed the World: The Story of Lean Production*. New York: Rawson Associates.

O VERSO NO REVERSO DO APRENDER

Rose Lane Loureiro Gadelha de Azedias

*A dilesxia pode me atrasar
mas nunca me limitar
Rose Lane*

Introdução

A construção de um memorial tem grande importância não só na vida acadêmica, mas também para fins institucionais – para fins de concursos de ingressos e promoção da carreira universitária, seleção ou qualificação em cursos acadêmicos. E ainda se destaca sua relevância para provocar reflexões, principalmente dentro da área educação. Segundo Pierre Nora (1993), a relação entre memória e história, destacando a importância dos lugares como locais de memória. Oferece insights relevantes sobre como a construção de um memorial não apenas preserva o passado, mas também influencia a vida acadêmica e institucional, além de promover reflexões dentro da área da educação.

Nesse sentido, considero minha avaliação da trajetória pessoal no ambiente acadêmico junto ao profissional, em ambas

situações construído principalmente em ambiente universitário: o quanto tudo que me cercou em minhas vivências contribuiu para formar o que sou. E hoje me reconheço como uma pessoa com deficiência oculta ou, se preferirem, com uma deficiência não reconhecida como tal, mas que pode causar prejuízos para o aprendizado e para o futuro do indivíduo: a dislexia.

Torna-se importante entender que um indivíduo com dislexia na infância não deixa de ser dislético na vida adulta, como ocorre também com o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) (PEREIRA, 2020) e muitos outros transtornos, que afetam seu processo de desenvolvimento, dependendo muito dos estímulos que recebe ao longo do tempo. Mas as pessoas com esses distúrbios podem, muitas vezes, criar estratégias, por meio do autoconhecimento, para driblar as dificuldades, construindo recursos metacognitivos de aprendizado, o que vou abordar ao me referir à diluição de especificidades funcionais não desejadas.

Encontrando as letras

Desde pequena, sempre fui cercada por livros por ser filha de uma professora. Mesmo não sabendo ler, a todo instante eu e meu irmão tínhamos alguém que lia para nós. Mais tarde, o meu próprio irmão lia para mim. E, mesmo quando meu pai viajava, ele enviava cartas para nós toda semana, que eram levadas por mim para mais de um adulto ler e reler em voz alta. Por isso, não posso dizer que não tenha sido estimulada, embora talvez não da maneira como deveria ser. A dislexia, ao contrário do que se pensa, por ser oculta, afeta a qualidade de vida de um indivíduo, a partir do momento em que cria barreiras de acesso a determinadas perspectivas de vida como no caso de educação. Se fosse definir o que é ter dislexia, eu diria que ela fere, destruindo a autoestima quando não é compreendida e afetando a força do ser humano para lutar pela vida.

Ainda que eu seja filha de uma professora primária, a dislexia era muito pouco discutida na época da minha formação primária. Muitas de minhas especificidades funcionais, como desatenção, problema de memória, dislalia e troca de fonemas, eram tidas como uma incapacidade de aprendizado denominada com um adjetivo que prefiro não lembrar. Minha mãe-professora tentava amenizá-las com estratégias e matérias concretos.

Mesmo assim, uma vez que essas necessidades e especificidades eram ignoradas e desconsideradas no ambiente escolar, elas acabaram gerando problemas que se manifestaram ainda durante a educação básica, na forma de uma reprovação no período pós-alfabetização. Esses problemas foram contornados pelo apoio e pela supervisão de uma mãe dedicada, como já mencionei antes, que encontrou meios para me ajudar a superar as inúmeras dificuldades que se sucederam desde então. Esse apoio foi fundamental e persistiu até a conclusão do ensino médio, quando ainda não me entendia como disléxica, o que me fez lidar com uma série de adjetivos com os quais outras pessoas me classificavam.

Sem perspectivas e sem sonhos, só me deixando levar

No ensino médio, vindo de uma família que em sua maioria se dedicou a áreas técnicas, fui em direção a uma dessas áreas por não ter perspectivas nem sonhos. Além disso, na inocência juvenil, eu me iludi, achando que em uma área técnica das ciências exatas não precisaria me confrontar com a escrita. Consegui, com muito sacrifício, formar-me em um curso técnico, que foi concluído em cinco anos – dois a mais que os três anos usuais. À medida que o aprendizado se tornava mais alto, demandante de mais leitura e escrita, mais dificuldades surgiam e eu gastava mais tempo. Não

me entender era devastador e destruidor de sonhos e, muitas vezes, de relações pela dificuldade de comunicação apropriada.

A dislexia é um transtorno de linguagem, considerada como uma perturbação na aprendizagem da leitura pela dificuldade no reconhecimento da correspondência entre os símbolos gráficos e os fonemas, como também na transformação de signos escritos em signos verbais. Muitas vezes, ela é acompanhada por uma ou até seis comorbidades, que vão agravar as dificuldades de percepção, atenção, memória e codificação e decodificação da informação, bem como dificultam o armazenamento do aprendizado ou da informação. O que na época da minha infância era descrito como retardo entre outras designações.

Hoje desconsidero essa denominação porque julgo que educação não estava preparada para uma aluna com fala dislalia e com dificuldades de decodificação e compreensão dos fonemas e trocas de letras, escrita e lenta e ainda desorganizada. Assim como o amadurecimento lento em relação ao aprendizado.

Só para esclarecer e segundo a Associação Brasileira de Déficit de Atenção (2020), figuram entre as comorbidades a dislalia, a disgrafia, a disortografia, a discalculia, o TDAH e, em muitos, a síndrome de Irlen, que é confundida com dislexia por estar muitas vezes presente na vida de um disléxico. Essas comorbidades se definem das seguintes formas. A dislalia é a dificuldade na articulação de palavras por lesão de algum dos órgãos fonadores. Já a disgrafia é um transtorno específico de aprendizagem que prejudica a expressão escrita e as habilidades motoras finas, provocado por um distúrbio neurológico associado à dificuldade para redigir letras e palavras. Por sua vez a disortografia é considerada uma dificuldade centrada na estruturação, na organização e na produção de textos escritos. Com essas especificidades funcionais eu muitas vezes mostrava uma construção frasal aquém do esperado, com o vocabulário pobre e

curtos; apresentando também ainda certa quantidade de erros ortográficos. E a Discaulia que se define pela dificuldade no aprendizado dos números, pela inability para lidar com contagens, sequências e operações aritméticas, mas é importante ressaltar que isso não tem a ver com inteligência, e sim com uma deficiência na compreensão matemática. Esta não me trouxe consequências, havia de forma lúdica e muito pedagógica desenvolvido conceitos matemáticos, com apoio de minha mãe professora. O TDAH, é um transtorno neurobiológico de causas genéticas, caracterizado por sintomas como falta de atenção, inquietação e impulsividade, podendo se apresentar sem hiperatividade (TDA) ou com hiperatividade (TDH), o que dificultou e retardou por muito tempo os diagnósticos de “caixinhas fechadas” para os quais todos teriam que apresentar as três especificidades funcionais para ser enquadrados no TDAH.

Por último, a síndrome de Irlen é uma alteração visuoperceptual, distorção causada por um desequilíbrio da capacidade de adaptação à luz que produz alterações no córtex visual e déficits na leitura (Irlen, 2005). Ela é considerada genética, mas, quando um dos pais ou os dois pais também são disléxicos, esta manifesta-se em graus e intensidades variáveis, principalmente em momentos em que a visão é mais utilizada, ou seja, no período acadêmico. A Síndrome de Irlen pode ser confundida com a Dislexia, talvez por também levar a dificuldades nas atividades diárias e escolares. Nesse caso, produz desfocamento, distorções do material gráfico, inversões de letras trocam de palavras, perda de linhas no texto, desconforto nos olhos, cansaço, distração, sonolência, dores de cabeça, enxaqueca, hiperatividade, irritabilidade, enjôo e fotofobia, tudo isso após um intervalo relativamente curto de esforço despendido no processamento das informações visuais.

Durante meu processo de aprendizado, notei a presença de algumas comorbidades, as quais percebo hoje terem sido, de certa forma, atenuadas por meio de estímulos recebidos no ambiente ao meu redor. Em particular, a disfunção visual relacionada à síndrome de Irlen, reconhecida recentemente na área médica, motivou-me a realizar um curso para desenvolver habilidades de avaliação e trabalhar na psicopedagogia. No entanto, ainda não passei por uma avaliação formal. Apesar disso, apresento especificidades funcionais que sugerem a necessidade de uma avaliação multidisciplinar para confirmar minha condição. Por ser uma disfunção da percepção, não diretamente associada a problemas oculares, esta síndrome está relacionada a déficits na codificação e decodificação de informações visuais pelo sistema nervoso central.

Por essa razão, seu diagnóstico não é exclusivo da oftalmologia, mas também envolve testes padronizados com filtros coloridos, conduzidos por especialistas, muitos dos quais são psicopedagogos. Para mim, que ainda estou sob suspeita e sem diagnóstico definitivo, isso tem sido um desafio. Parece-me que essa condição influencia meus obstáculos no aprendizado, especialmente porque na época em que enfrentei essas dificuldades, havia pouca divulgação sobre o assunto. Além disso, percebo que essas distorções visuais tendem a se intensificar quando estou cansada ou diante de atividades que demandam grande concentração.

Como prosseguir?

Terminando o ensino médio, a cobrança familiar se tornou muito forte para que eu alcançasse um nível superior, assim como tinham feito todos os primos. Apesar de meus pais mesmos não terem conseguido cursar uma faculdade, eles permaneciam sempre estudando de alguma forma, o que me colocava em um caminho oposto ao de uma família humilde, daquela época, mas que dava

muito valor ao estudo. Isso me gerou sofrimento, fazendo-me chorar à noite, quase em silêncio.

Não podia imaginar que mais adiante iria adquirir conhecimentos através dos estudos que já mais pensei e ter ou de ser transformador nas questões de auto-entendimento, assim como ser humano, com especificidades funcionais diferenciadas, porém, se me permitem dizer igual a todos. Hoje sei que o cérebro humano é o órgão que consome mais energia, estimasse 25% de toda a energia usada pelo corpo, o que equivale a 500 calorias. Ele representa 2% do peso do corpo, que deve consumir 2 mil calorias por dia para se manter funcionando (Kandel, 2014). No caso da dislexia, ele tem seu próprio ritmo, que precisa ser respeitado, porque utiliza estratégias de assimilação muitas vezes inconscientes para a decodificação e a codificação das informações. Por isso, a leitura, em muitos momentos, por depender da manutenção da atenção e do direcionamento do olhar, que deve se manter na mesma linha até o final, torna-se muito cansativa. Os disléxicos têm fluxos de energia oscilatórios e descontínuos, podendo subir em um segundo, atingir o pico e, em seguida, despencar, alcançando o fundo do reservatório de energia, descarregando-se repentinamente.

Esse conhecimento fez-me entender e de certa forma me controlar, para não entrar em pânico, ao ser cobrado uma leitura. O que acontecia em diversas situações em minha infância, sensação que me desorganiza e me atrasa ainda mais para leitura. O autoconhecimento hoje, permitiu de sempre lembrar de respeitar meu limite ao estudar para não desistir.

É bem conhecido que os indivíduos com dislexia frequentemente experimentam fadiga ao ler e escrever, além de enfrentar dificuldades para manter a atenção durante uma aula. Segundo o Dr. Shaywitz, é importante compreender a relação entre a dislexia e o consumo de energia cerebral. Surge então a

pergunta: será que o estilo de pensamento dislético consome significativamente mais energia do que o pensamento verbal e direto?

Mesmo em situações cotidianas, os disléticos tendem a pensar em imagens, demonstram habilidades visuo-espaciais robustas e estão constantemente engajados em raciocínio criativo. Em geral, a fadiga ao estudar se manifesta em cerca de 30 minutos. Com o tempo, aprendi a buscar recursos visuais, técnicas de estudo com pausas cronometradas ou divididas em etapas para ajudar a lidar com esse desafio.

No entanto julgo-me privilegiada hoje, por conseguirmos entender e por ter conseguido desenvolver estratégia metacognitiva. Pois em muitos casos, essa situação é piorada pelos métodos utilizados pelas escolas em geral. Quando a pessoa dislética tenta ler pelo método tradicional, fica confusa e, para compensar, o dislético tenta se concentrar o máximo que pode, provocando uma situação de automatismos que afeta o reservatório de energia. Portanto, se, depois de ler um parágrafo, o dislético diz que se cansou, ele está realmente cansado. Não é uma questão de preguiça nem falta de interesse, entre outras acusações mais fortes e agressivas que já ouvi fazerem a um dislético.

Além disso, não podemos dizer que há uma forma única de percepção e apenas um especialista é capaz de identificar suas características com precisão. Assim, é possível afirmar que cada pessoa com dislexia exibe uma forma de percepção e que a escrita é um processo complexo, que sempre vai envolver muitas funções do cérebro, ligadas à memória de trabalho ou operacional, o que afeta tanto a concentração na escrita quanto o entendimento dela (Hiscox; Leonaviciute; Humby, 2014).

Agora retornando do ponto que me “desviei” (coisa de dislético). É importante lembrar que nas minhas primeiras tentativas de graduação, ainda não me entendia como dislética, ou

seja, não tinha consciência de que minhas dificuldades eram decorrentes de um transtorno de origem neurobiológica que hoje é relativamente conhecido.

Quando entrei em uma universidade para trabalhar em um projeto de extensão na área técnica. Recebi um forte estímulo para estudar, pois ensinar e criar estratégias de ensino foi um momento mágico de minha juventude, o que me fez persistir com a engenharia até o quinto período. Nessa época, minha mãe fiel escudeira já não me acompanhava e estudar era muito mais difícil. Além disso, no trabalho enfrentei situações capacitistas, ocasionadas por colegas e, mais adiante, alguns familiares. Quando me vi sem perspectiva, larguei a faculdade, voltando a tentar alguns anos depois o vestibular, momento no qual passei por outra situação capacitista.

No dia de minha inscrição, recebi um recado na mesa de um chefe fazendo a seguinte pergunta: “- Quem foi o idiota que escreveu isso?”. Após essa experiência abusiva e traumática, desisti de completar o processo de matrícula e abandonei por muitos anos o desejo de concluir um curso superior, o que é importante relatar por mostrar que as dificuldades não desaparecem quando um disléxico se torna adulto. A questão principal era que essa mesma pessoa iria ser meu professor, o que me fez mais uma vez desistir de voltar a estudar. Tenho com isso dificuldade de chamar qualquer docente de professor, só aqueles que me transmite respeito, pois aprendi com minha mãe que esta era uma das profissões mais honrosas que se poderia ter.

Compreendendo que algumas dificuldades de atenção, fragmentação do raciocínio na escrita e na fala, e até mesmo escritas deficientes devido à dificuldade em acessar informações cerebrais sob pressão, são comuns entre vários alunos, acabei recorrendo a soluções que não eram orientadas pedagogicamente nem tecnicamente específicas para alunos com dislexia. Utilizei

atividades de áudio descrição para expandir o vocabulário e reduzir o tempo necessário para acessar informações no cérebro por meio de exercícios. Aprendi a associar imagens como gatilhos para acessar informações já armazenadas e a fazer leituras em voz alta após escrever.

Com essas estratégias, consegui realizar tarefas relativamente simples. No entanto, mesmo conseguindo me comunicar verbalmente com certa eficácia, qualquer tentativa de escrever resultava em frases fragmentadas, com trocas frequentes de sílabas e fonemas. Minhas produções textuais precisavam ser revisadas exaustivamente por familiares e amigos, o que tornava cada vez mais desafiador avançar.

Percebendo a vida

Como dizia minha avó, nada acontece por acaso e a força de uma mãe é muito maior do que se pensa. Meu filho mais velho passou a apresentar as mesmas dificuldades e especificidades funcionais tanto iguais quanto diferentes das minhas e isso me confundia. Num mundo das exatas, ele era para mim um algoritmo indecifrável. Com seis anos, não sabia ler, mas falava sobre o sistema solar, qual era o maior osso do corpo humano e o menor, os tipos de dinossauros, se eram carnívoros, herbívoros e por aí vai de espécies pressóricas que já existiram na Terra, histórias mitológicas, teorias de pesquisadores sobre DNA, mesmo sem saber dar um laço no sapato. Chorava para ir à aula, não gostava de multidão. Qualquer situação diferente daqueles a que ele estava acostumado o desorganizava. Nem a escola o entendia, colocando-o ao mesmo tempo em uma turma de altas habilidades e outra de aceleração. Eu havia desistido de mim, mas dele eu não podia desistir e, de especialista em especialista, ele foi até os 11 anos de idade, até que, em uma avaliação por um grupo multidisciplinar, diagnosticaram a dislexia e o espectro autista em grau 1.

Essa avaliação transformou não só a vida do meu filho, mas a minha também, pois me levou a fazer a minha própria avaliação. Então fui diagnosticada com dislexia, somente aos 38 anos e meu filho aos 11 anos de idade. Então após tantas lutas, entendo que a dislexia poderia me atrasar, mas não me limitava, eu saí das exatas e fui para uma formação de humanas. A necessidade de compreender o meu filho e tornar o mundo melhor para ele tornou-se minha força de vida. Voltei para as atividades de extensão Universitária, o que tinha afaztado apos termino do Projeto Maré, só que dessa vez, com um olhar de humanas, mas também das exatas. Trabalhei em um projeto de inclusão digital no qual tínhamos turmas de diversas especificidades funcionais, mesmo sendo analfabetos funcionais aprendendo informática, onde criei muitas estratégias de ensino. Trabalhei no Pró-jovem e em outros projetos ligados à inclusão digital. Fui fazer pedagogia e descobri que, quando parava de estudar, a fragmentação da minha leitura e até da fala aumentavam. Então fui fazer especializações e não parei mais. E cada uma foi me ensinando mais sobre quem eu era e quem era meu filho.

A especialização em Psicopedagogia no Centro de Estudo Psicopedagógico do Rio de Janeiro (CEPERJ) e me mostrou que preciso desenvolver o que vejo que falta em alguns professores: o que eu chamo de "ginga de professor". Você cria estratégias que alcancem seu aluno. Alcançar significa conseguir olhar nos olhos dele e utilizar uma linguagem que ele compreende. Depois, estudei Saúde Mental Infanto-Juvenil na Santa Casa, onde aprendi muito sobre a diversidade de especificidades funcionais e o mais importante: quem era meu filho, o que era o autismo e os níveis de autismo, com professores renomados. E conheci pessoas maravilhosas que me respeitavam como eu sou. Depois disso, estudei Neurociência em Aprendizado pela UFRJ e Neuropsicopedagogia e Psicomotricidade no CENSOPEG da Faculdade São Fidélis, o que me apontou para uma outra área de

atuação fora da universidade. Enquanto isso, dentro da universidade, comecei a fazer parte de um movimento que foi ganhando força, embora hoje esteja mais parado: o movimento de acessibilidade e a criação do Fórum Permanente de Acessibilidade, participando da Câmara II de Educação e dando mais de 30 cursos, todos voltados para a Neuroeducação (preparação de metodologias por meio da leitura funcional de aprendizado), Políticas de Inclusão e Acessibilidade (direitos humanos e acessibilidade) e Transtornos de Aprendizagem. Também participei de várias ações do movimento ou mesmo de atividades como o “Jantar às escuras” e a Feira do CLAC, de Verônica Mattoso, entre outros.

Todo esse conjunto de experiências tanto profissionais quanto acadêmicas das áreas de exatas ou de humanas me fez almejar cada vez mais dar outro passo. Dessa vez, inscrevi-me para o mestrado em Tecnologia Social. Acreditava que, por ter passado um tempo atrás por incompreensão por parte de pessoas da área de exatas, poderia mudar em algum sentido o olhar dos professores de engenharia. Era um mestrado interdisciplinar. Na primeira tentativa, passei, mas não havia quem me orientasse para a proposta que eu queria: neuroeducação para tecnologia. Mas, dessa vez, não ia desistir como antes e, se não conseguisse, tentaria outro. Eu me entendia como ser humano, apesar de antes terem me feito acreditar que pertencesse a uma sub-raça. Então tentei pela segunda vez, já com uma possibilidade de ter como coorientador alguém muito renomado, muito conhecido na área de Tecnologia Assistiva. Ainda com o suporte do orientador, agora já falecido Professor muito querido e seu sucessor. Que eram professores com olhar mais voltado para tecnologia assistiva, no entanto pertencente a um grupo considerado liberal que, em alguns momentos, apresentava ideias fechadas. Falar de neuroeducação, para eles, era ainda uma barreira como rotular e

prescrever a receita de um remédio, dito isso por um dos professores da equipe.

Demorei muito a mostrar que a neuroeducação não tinha o objetivo de diagnosticar, como eles afirmavam antes mesmo de me escutar, mas tinha a função de fazer a leitura funcional, independente de questão patológica e dependente da especificidade funcional de cada um. Isso para criar estratégias de ensino e aprendizado com base nas funções executivas como: atenção, organização, planejamento, percepção, persistência na tarefa, metacognição e controles inibitórios, entre outros (TEIXEIRA, 2017). Informações que são importantes quando se pensa em construir, selecionar ou mesmo pesquisar tecnologias assistivas.

Entender-me e adquirir toda essa formação me fez criar estratégias metacognitivas de aprendizado. Mesmo assim, no mestrado, enfrentei, mais uma vez, o desafio posto pela minha dislexia. Havia uma bateria de textos que eu precisava ler, mas não conseguia. Precisei parar e pensar sobre quem eu sou e quem eu fui. Nesse momento, utilizei os conhecimentos sobre mim e sobre tudo que estudei para conseguir entregar os trabalhos no tempo necessário.

Passei por essa experiência desta forma, entendendo-me como disléxica, buscando palestras dos autores dos textos que falassem sobre os assuntos ou ainda vídeos que falassem sobre os autores. Só depois disso, começava a ler, o que fazia com que meu cérebro invocasse informações já construídas nas redes neurais pelo vídeo, aumentando minha velocidade de decodificação da informação. Para tudo que ia escrever, eu criava

um esqueleto de texto que seria o meu guia. Se acaso não tivesse auge despertar ou start se preferir para começar a escrever, eu buscava definições ou sinônimos do que o esqueleto estava me apresentando, a partir disso iam surgindo os conteúdos. Percebi também que o distanciamento entre linhas de um texto, se fosse

muito apertado, dificultava minha leitura. Então, se pudesse, eu deveria aumentar o espaçamento para conseguir dar sequência visual à leitura, que também era afetada pelo contraste de fundo e pelo tipo de letras. Que permitia manter a leitura sem me perder, seguindo a linhameto da continuação da frase em questão. Assim, criei vários recursos metacognitivos que me fizeram chegar até aqui. Conhecer-me e me assumir como disléxica me trouxe qualidade vida.

A especialização em Acessibilidade Cultural não trouxe conhecimentos primordiais somente para o trabalho que hoje realizo no Núcleo de Inclusão e Acessibilidade (NIA) da Faculdade de Letras da UFRJ, mas também para o meu autoconhecimento. Aprendi sobre Acessibilidade Arquitetônica, Acessibilidade Comunicacional, Acessibilidade Metodológica, Acessibilidade Instrumental, Acessibilidade Programática e, a que julgo a mais importante, Acessibilidade Atitudinal, porque é por meio das pequenas atitudes que se mexe com as cabeças, que se provocam reflexões. E é por intermédio das reflexões que se pode pensar em todas as outras acessibilidades, como projetos acessíveis, metodologias que não visem à igualdade, e sim à equidade, e leis que garantam os direitos das pessoas com deficiência ou pessoas neurodivergentes até que essa cultura seja absorvida pela sociedade.

Também percebi que minha dificuldade de aprender a língua de sinais, após a sexta tentativa, devia-se ao fato de que minha dislexia não era só auditiva, como havia suposto ao fragmentar a leitura dos sinais de uma professora surda não oralizada, não tendo o recurso do som, o que ia designificando as frases. Isso me fez refletir sobre a minha especificidade funcional e os conhecimentos que já havia adquirido. Concluí que precisava criar estratégias de aprendizado para uma dislexia oral e auditiva. Segundo o que RAMUS e AHISSAR (2012), a dislexia pode ser

auditiva ou disfonética, visual e diseidética, mista ou visual-auditiva e dislexia com disortografia.

Aprendi com essa especialização recursos de Acessibilidade Comunicacional que se fazem importantes também se os professores souberem usá-los para aumentar a atenção e a percepção e aumentar a velocidade de invocação da informação para a produção de textos, como a técnica de audiodescrição e a linguagem simplificada. Isso também me ajudou muito.

Quando me refiro a um conjunto de vivências tanto no trabalho quanto nos estudos que me formaram e me fizeram ser o que sou, trato das experiências por mim vividas que sempre me levaram a refletir sobre a acessibilidade ou a neuroeducação. Por exemplo, o número de alunos surdos apresentando laudos ou especificidades funcionais bem próximas às de pessoas com dislexia. Isso, em muitos momentos, me fez pesquisar questões relativas à formação na própria alfabetização do surdo, como professores mal preparados, as lacunas na comunicação precária e por aí vai. O quanto tudo isso poderia estar influenciando o aumento desse contingente?

Em relação às minhas funções no Núcleo de Inclusão e Acessibilidade, isso me faz orientar os alunos de forma que os estimule a criar seus próprios recursos de aprendizado, superando suas dificuldades. É importante observar se esse aluno está se alimentando, dormindo horas suficientes ou mesmo respirando sem comprometimentos como sinusite e rinite, entre outras “ites”, que podem diminuir a oxigenação do cérebro ou mesmo o fluxo de energia necessário para aprender. Essas questões devem ser levadas em consideração e ser futuramente investigadas por quem pensa no educar com um outro olhar.

Uma das coisas que ainda me entristecem em relação à dislexia é que pude perceber o quanto somos infantis e demoramos a atingir a maturidade. O domínio da linguagem

permite a troca e a troca entre indivíduos também ajuda a crescer, o que não acontece facilmente com pessoas com transtorno. Eu, por exemplo, demorei muito a entender quando alguém fazia pouco de mim ou ainda se aproveitava do fato de eu ter pouca memória para ganhar espaço em uma discussão. O mais triste disso, o que percebiao longo desse lento amadurecimento, é que mesmo pessoas próximas faziam isso. Em outros momentos, o meu raciocínio, fragmentado até na fala, provocou interpretações errôneas, o que muitas vezes me trouxe problemas de interação social. O pior é que só pude entender isso com mais idade. Hoje tento falar mais pausadamente, mas nem sempre consigo. Se percebo que, não estou sendo compreendida, volto atrás e repito o que estou falando. Percebi, por meio dos alunos com dislexia que acompanho como psicopedagoga, que em sua maioria eles escrevem pouco, com letras minúsculas, e falam sempre muito rápido, como uma blindagem para permanecer no meio que julgam ser perfeito, o que torna difícil mudar esse hábito.

Aproprie-me de recursos, como gravador, a internet para assistir palestras, corretor ortográfico e leitor de texto. Estou “aprendendo” a usar assistente de digitação de voz (Transcritor) para ler e depois escutar. O que fortalece para memória permanente. O Google Lens nesse momento é tradutor e se fragmento a fala de uma outra pessoa em outra língua eu tenho como ler. Através da tecnologia que hoje para mim se tornou acessibilidade tecnológica, venho desta forma, a todo instante administrando a Dislexia em meus estudos e mesmo no meu dia a dia.

Hoje, olho para trás e percebo que muitos conhecimentos, principalmente na área técnica, não possuo mais. Talvez porque tenha aprendido por condicionamento e não pertenciam a meus “focos motivadores” ou, simplesmente, como muitos autistas afirmam que já diluíram o espectro. Seria como se

uma porta se fechasse para que outra se abrisse. Ainda assim, continuo a estudar e, mesmo agora, no doutorado, ainda com uma imensa dificuldade, que me exige muita perseverança. Entender-me como um indivíduo como nome diz único com direito a estar aqui me fortalece e me faz ser o que sou: uma professora!

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DÉFICIT DE ATENÇÃO. "O que é TDAH." Available at: <https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>. Accessed on January 5, 2020.

HISCOX, L.; LEONAVICIUTE, E.; HUMBY, T. "The effects of automatic spelling correction software on understanding and comprehension in compensated dyslexia: improved recall following dictation." *Dyslexia*, New York, v. 20, n. 3, p. 208-224, 2014

IRLEN, H. (2005). *Reading by the Colors: Overcoming Dyslexia and Other Reading Disabilities Through the Irlen Method*. New York: Penguin Books.

KANDEL, Eric R., Schwartz, James H., Jessell, Thomas M., Siegelbaum, Steven A., Hudspeth, A. James. "Princípios de Neurociência." Artmed Editora, 5ª edição, 2014.

NORA, Pierre. "Entre memória e história: A problemática dos lugares." *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. **Os tipos de dislexia**. Quais são? 2018. Disponível em:

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/diaadia/os-tipos-de-dislexia-quais-sao/48197>. Acesso em: 09 jan. 2020.

PEREIRA, R. R. et al. Inclusão e acessibilidade: percepção de estudantes com dislexia e TDAH. **International Journal of Development Research**, vol. 10, n. 9, p. 39962- 39968, Sept. 2020.

RAMUS, Franck, & **AHISSAR**, Merav. "Developmental Dyslexia: The Biological Bases." Wiley-Blackwell, 2012.

SHAYWITZ, Sally E. "Overcoming Dyslexia: A New and Complete Science-Based Program for Reading Problems at Any Level." Vintage, 2005.

TEIXEIRA, G. **Funções executivas**. 2017. Disponível em: http://www.comportamentoinfantil.com/artigos_funcoesexecutivas.html. Acesso em: 12jan. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte · 3
Artística · 104

C

CMPDI · 16, 19, 116

D

Deficiência · 85, 86
Ditadura Militar · 128
Doutorado · 8, 35, 37, 39, 59, 67, 68, 99, 120, 122, 125, 147, 148, 149, 154

E

Educação · 3, 15, 23, 25, 34, 39, 47, 49, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 74, 83, 85, 94, 97, 102, 104, 110, 112, 114, 115, 127, 143, 145, 154, 169
Educação Especial · 15, 25, 66
Educação inclusiva · 3
Ensino · 3, 4, 9, 27, 36, 55, 60, 61, 63, 74, 93, 94, 97, 104, 108, 114, 115, 122, 127, 141
Escola · 1, 21, 51, 68, 95, 104, 105, 121, 127

F

Filho · 4, 33

G

Graduação · 4, 15, 23, 34, 36, 41, 43, 47, 53, 56, 58, 63, 64, 66, 68, 82, 125, 130, 131, 143, 147, 148

I

Inclusão · 8, 41, 44, 56, 58, 59, 82, 86, 99, 125, 148, 152, 155, 170, 172, 174, 177
Intérprete · 45, 46, 51, 53, 55, 114, 115, 117

L

Libras · 13, 15, 16, 20, 21, 22, 23, 51, 55, 56, 114, 115, 116, 117

M

Memória · 4
Mestrado · 35, 36, 37, 39, 41, 43, 55, 56, 67, 68, 82, 98, 104, 116, 136, 143, 145, 146

O

Orientador · 101

P

Pais · 45
Pedagogia · 64, 65, 66, 69, 154
Pós-graduação · 38, 40
Professor · 40, 54, 65, 66, 67, 93, 101, 125, 143, 144, 148, 150, 153, 170

S

Surdo · 23

T

Trabalho · 134, 135

U

UFF · 16, 17, 20, 40, 41, 44, 61, 67, 73, 95, 99, 110, 116, 125, 147, 148, 149, 155

Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior (Gilson Pôrto Jr.)

Realizou estágios Pós-doutorais na Universidad de Cádiz (Espanha), na Universidade de Coimbra (Portugal), na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e na Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM-UFBA) e professor adjunto na Universidade Federal do Tocantins (UFT), professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão (doutorado/PGCTIN-UFT), Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde (UFT), e no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: gilsonporto@mail.uft.edu.br

Sinomar Soares de Carvalho Silva

Doutorando em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn) na Universidade Federal Fluminense. Possui mestrado em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins, Especialização em Ensino de Comunicação/Jornalismo: Temas contemporâneos (UFT) e graduação em Comunicação Social - Jornalismo também pela Universidade Federal do Tocantins (2009),(UFT). E-mail: sinomaruft@mail.uft.edu.br



MEMÓRIA e ENSINO:

por entre (re)construções do Eu

Organizadores:
Gilson Pôrto Jr.
Sinomar Soares de Carvalho Silva



Observatório
Edições

ISBN: 978-6-59818-204-5



9

786598

182045